

LEDA DO NASCIMENTO ROSA

**PAISAGEM, MEMÓRIA E ESQUECIMENTO NA ZONA DA MATA: UMA
ANÁLISE DE “O VERÃO TARDIO”, DE LUIZ RUFFATO**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Orientador: Leonardo Civalle

**VIÇOSA - MINAS GERAIS
2023**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da
Universidade Federal de Viçosa - Campus**

T

R788p
2022

Rosa, Leda do Nascimento, 1972-

Paisagem, memória e esquecimento na Zona da Mata: uma análise de "O verão tardio", de Luiz Ruffato / Leda do Nascimento Rosa. - Viçosa, MG, 2022.

1 dissertação eletrônica (120 f.): il. (algumas color.).

Inclui anexos.

Orientador: Leonardo Civale

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa, Departamento de História, 2022.

Inclui bibliografia.

DOI: <https://doi.org/10.47328/ufvbbt.2023.013>

Modo de acesso: World Wide Web.

1. Ruffato, Luiz, 1961-. O verão tardio; 2. Paisagens culturais - Zona da Mata (MG : Mesorregião); 3. Memória na literatura; 4. Patrimônio cultural; 5. Identidade social; I. Civale, Leonardo II. Universidade Federal de Viçosa.. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania III. Título

CDD 22. ed. 712.098151

Bibliotecário(a) responsável: BRUNA SILVA CRB-6/2552

LEDA DO NASCIMENTO ROSA


**PAISAGEM, MEMÓRIA E ESQUECIMENTO NA ZONA DA MATA: UMA
ANÁLISE DE “O VERÃO TARDIO”, DE LUIZ RUFFATO**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 16 de novembro de 2022.

Assentimento:

Leda do Nascimento Rosa
Autora

Documento assinado digitalmente
 LEONARDO CIVALE
Data: 16/01/2023 13:43:03-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Leonardo Civalo
Orientador

Dedico à minha filha Alice Nascimento Roberti, para quem deixarei a missão do ensino como legado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, meu grande Mestre.

Ao Prof. Leonardo Civale, pela orientação desta pesquisa, pela confiança e pelo incentivo.

Ao escritor Luiz Ruffato, por perseverar lutando com as palavras e pela generosidade.

À minha família e aos meus amigos, pelo apoio.

Ao amigo Lucas Roberti, pelo apoio constante.

À Prof. Francis Paulina Lopes da Silva, pela leitura atenta e precisa do texto.

Ao Prof. Ângelo Assis, pelas contribuições pontuais.

Ao Prof. Luiz Vallati, pela generosidade em compartilhar o saber.

Agradeço aos professores cujas aulas contribuíram para o aprofundamento das reflexões sobre as questões tratadas na pesquisa.

Aos amigos da turma, pelo companheirismo.

Se me esqueço de alguém, não é por ingratidão, mas porque a memória nos trai.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

RESUMO

ROSA, Leda do Nascimento, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, novembro de 2022. **Paisagem, memória e esquecimento na Zona da Mata: uma análise de “O verão tardio”, de Luiz Ruffato.** Orientador: Leonardo Civale.

Este trabalho trata do estudo da paisagem da Zona da Mata Mineira, especificamente, das cidades de Cataguases e Rodeiro, a qual é aplicada ao romance **O verão tardio**, de Luiz Ruffato. O objetivo principal é analisar a experiência paisagística do personagem Oséias, observando a relação do homem com o espaço, a partir das discussões do geógrafo Jean Besse. O estudo apresenta como objetivos específicos discutir sobre a paisagem da cidade moderna e sobre a necessidade de educar o olhar para o desenvolvimento da alteridade. Como o protagonista enfrenta uma doença em fase terminal, a pesquisa discute sobre a morte na modernidade, a memória e o esquecimento. Além dos estudos concernentes à paisagem, serão abordados os conceitos que envolvem a obra, o sujeito na função autor e a recepção crítica do leitor. Este trabalho interdisciplinar contribui para ilustrar, por meio da ficção literária, conceitos da história que abarquem discussões de temas urgentes às demandas da contemporaneidade.

Palavras-chave: Zona da Mata. Modernidade. Paisagem. Memória. Esquecimento.

ABSTRACT

ROSA, Leda do Nascimento, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, November, 2022. **Landscape, memory and forgetfulness in the Zona da Mata: an analysis of “O verão tardio”, by Luiz Ruffato.** Adviser: Leonardo Civalle.

This work deals with the study of Zona da Mata Mineira's landscape, in particular the ones from Cataguases and Rodeiro applied in the novel **O verão tardio**, written by Luiz Ruffato. The main objective is to analyze the landscape experience of the character Hosea, observing the relationship between man and space, based on the geographer Jean Besse's discussions. It also presents specific objectives such as discussing the landscape of the modern city and the need to educate the look for the development of otherness. As the portrayed character faces a terminal illness, the research discusses on death in modernity, memory and oblivion. In addition to the studies concerning to landscape, the concepts that involve work, the subject in the author's role and the critical reader reception will be addressed. This interdisciplinary work contributes to illustrate, through literary fiction, history concepts that encompass discussions about urgent themes to the contemporaneity demands.

Keywords: Zona da Mata. Modernity. Landscape. Death. Memory.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Melhores romances segundo Ruffato.....	26
---	----

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

DEMPHAC – Departamento Municipal do Patrimônio Histórico e Artístico de Cataguases

PEPE – Programa de Educação Patrimonial para as escolas

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
PARTE I.....	14
1 O SUJEITO-AUTOR E A OBRA.....	14
1.1 Narrativa literária e histórica.....	14
1.2 O direito à literatura e o dever de história.....	17
1.3 Breve biografia de Luiz Ruffato.....	18
1.4 Recepção da obra de Ruffato.....	21
1.5 A cidade no olhar de Ruffato.....	27
2 PAISAGENS CULTURAIS.....	35
2.1 Revisitando o conceito de paisagem.....	35
2.2 O poeta na cidade moderna.....	38
2.3 A experiência de paisagem de Goethe e Petrarca segundo Besse.....	43
2.4 A Zona Da Mata na Modernidade Tardia.....	50
3 PAISAGEM EXPERIENCIADA.....	56
3.1 A viagem de Oséias ao microcosmo.....	56
3.2 Paisagem vernacular.....	64
3.3 Reencontros na Modernidade Tardia.....	69
3.4 A paisagem do vale.....	73
3.5 O Monte - o lugar da morte.....	76
3.6 Liberdade no espaço vivido.....	79
4 A MORTE NA MODERNIDADE.....	83
4.1 A morte de Ivan Ilitch.....	84
4.2 A morte de Oséias Moretto.....	86
4.3 A morte e o esquecimento.....	90
PARTE II – O LUGAR ONDE VIVO.....	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
REFERÊNCIAS.....	105
ANEXO A - DISSERTAÇÕES BASEADAS NA OBRA DE LUIZ RUFFATO.....	111
ANEXO B – TESES DE DOUTORADO.....	117

INTRODUÇÃO

“Eu me nego a admitir o fim do homem”.
William Faulkner

Apresentação

O presente trabalho é resultado do interesse pelos temas que envolvem as linhas de pesquisa do Programa de Mestrado do Departamento de História da Universidade Federal de Viçosa – memória, cidade, paisagens, patrimônio e cidadania. Alguns destes já foram pesquisados em um curso de Mestrado na área de Letras, concluído no ano de 2005, tendo também como fonte de estudo a obra do escritor mineiro Luiz Fernando Ruffato. Esta pesquisa encontra no enfoque do Programa supracitado uma oportunidade para, por meio da obra deste autor, refletir sobre a paisagem ruffatiana na Zona da Mata, especificamente sobre o homem moderno diante da paisagem, buscando suas memórias e diante da morte.

O premiado escritor publicou diversos livros, entre os quais **Estive em Lisboa e lembrei de você, Eles eram muitos cavalos, Flores artificiais, De mim já nem se lembra, Inferno provisório** e **A cidade dorme** – todos lançados pela Companhia das Letras, e muitos dos quais já ganharam edições em diversos países. Ruffato ainda foi agraciado com os prêmios APCA e Machado de Assis, da Biblioteca Nacional, e em 2016, com o prêmio Hermann Hesse, na Alemanha.

A obra escolhida para este estudo é o romance **O verão tardio**, publicado em abril de 2019, o qual revela o espaço urbano pela ótica de um viajante que retorna por seis dias à cidade natal, após vinte anos de afastamento. É, portanto, um observador deslocado e distanciado do espaço paisagístico encontrado e leva o leitor a refletir sobre o homem moderno e a interação deste com a paisagem. Outro fato importante é que este personagem apresenta diagnóstico de uma doença em estágio terminal e encontra-se atormentado pelo passado, pela culpa em relação ao suicídio da irmã.

Em outra oportunidade, como em **Inferno Provisório** (2016), Ruffato revisita a memória da classe operária de 1950 a 2000, apresentando personagens que migram da zona rural – Rodeiro e arredores – para a zona urbana – Cataguases – a fim de trabalharem nas fábricas de tecido da cidade, os quais retornam novamente para as metrópoles, empurrados para os grandes centros em busca de melhorias na condição de vida. Já em **O verão tardio** (2019), ocorre o contrário: o percurso do personagem se dá de uma metrópole – São Paulo – para

retornar a cidades da Zona da Mata. Portanto, por esta obra é possível pensar sobre o migrante e avaliar os efeitos desta migração e os impactos do retorno.

O trabalho propõe, portanto, explorar a experiência paisagística de Oséias – personagem central – em uma paisagem envolvida pela modernidade de relações voláteis que interferem nas relações intersubjetivas e por memórias que o atormentam. Nesse sentido, a obra **O verão tardio** será analisada à luz da discussão de Jean-Marc Besse, nos ensaios sobre o estudo da paisagem vivida de forma subjetiva, que compõem a obra **Ver a terra**. As experiências de relação com a paisagem, vivenciadas por Petrarca e Goethe e discutidas por Besse a partir da perspectiva subjetiva, contribuirão para elucidar as questões da viagem de Oséias ao microcosmo Cataguases. Petrarca encontra uma maneira de viver a paisagem pela contemplação e Goethe a encontra na busca de reconciliação entre o espaço interior e exterior. Essas e outras considerações de Besse permitem nortear a leitura que se propõe sobre esta obra literária.

A experiência paisagística é a experiência da paisagem particular, inserida no amplo espaço geográfico, na grande natureza, vivida de forma subjetiva. Esta é a abordagem que interessa para a pesquisa em tela, que acompanhará a trajetória final de um personagem que escolhe o espaço onde viver os últimos dias e morrer. A obra permite ao leitor ver a cidade e descobrir novos saberes sobre a relação subjetiva entre o homem e o espaço urbano, em uma paisagem analisada para além do conceito. A inadequação do personagem será averiguada a partir de experiências paisagísticas tratadas por Jean Besse em **Ver a Terra** e permitirá entender a situação do homem em relação à paisagem e à liberdade no espaço.

Compreendendo a paisagem não apenas quanto o que se vê, mas como o que se experiencia de forma sensorial, importa também observar como os personagens se relacionam e se comportam na modernidade. Neste sentido, constata-se em **O verão tardio** quase que uma ausência de comunicação, marcada por encontros de diálogos truncados, fruto da aspereza e isolamento que cada personagem vive diante dos dilemas contemporâneos. Sentindo-se inadequado e invisível vive a experiência de, mesmo que morando em São Paulo, ser considerado mineiro, sem identidade com o lugar; voltando à Zona da Mata, é o paulistano que retornou à terra natal, após longa ausência. Neste contexto, Oséias percorre a cidade com o olhar armado; um olhar de quem está prestes a morrer e, por isso, as falas e as ações recebem influência deste dado, apresentando desejo mais intenso de explorar o espaço urbano.

A motivação para esta pesquisa se dá pelo interesse nos temas tão caros à modernidade – a identidade e a liberdade no espaço, bem como a importante reflexão sobre a morte na

contemporaneidade, o interesse pela cidade, pela mineiridade e por trazer a literatura, como arte, para o lugar que lhe pertence: o de transformar as pessoas e, conseqüentemente, a sociedade.

O objetivo geral do estudo é, pois, explorar a experiência paisagística do personagem diante da paisagem e diante da morte. Como objetivo específico, pretende-se discutir sobre a cidade moderna e a percepção da paisagem cultural pelo espaço da ficção, observando e discutindo sobre a falta de alteridade como impedimento para a cidadania.

Metodologia e desenvolvimento do trabalho

A pesquisa compreende a leitura e a análise de fontes estritamente bibliográficas e apresenta duas partes: a teórica, no formato dissertação, e a segunda, um livro paradidático com atividades interdisciplinares. O primeiro capítulo da parte teórica trata de considerações sobre o sujeito-autor e a obra, apresentando uma breve biografia de Luiz Ruffato e a recepção de sua escrita – especialmente de **O verão tardio**. Apresenta, também, considerações sobre as características da narrativa histórica e da narrativa literária, apontando aproximações e diferenças entre as duas disciplinas. Sobre a narrativa literária do autor, busca-se pensar a paisagem, especialmente a cidade, tema comum a Ruffato e da narrativa histórica, assim como analisar o urbano à luz do que os teóricos da paisagem têm dito a respeito.

O segundo capítulo traz a discussão do conceito ampliado da paisagem tratada aqui como paisagem cultural, especialmente na cidade moderna. Para tanto, no primeiro momento apresenta parte da leitura feita por Marshall Berman sobre a aventura da modernidade em Paris e David Harvey a respeito da Paris, como capital da modernidade, vista por Balzac e Baudelaire, para ilustrar e representar as questões de paisagem colocadas pelos historiadores. Ambos buscam nos poemas as cenas do cotidiano moderno, a partir da memória interpretada pelos narradores da cidade, revelando um aspecto importante para se pensar a relação do personagem Oséias na modernidade. A obra de Jean Besse também aparece como aparato para, a partir dos ensaios escritos, analisar a viagem de Oséias tendo como referência as viagens de Goethe à Itália e a Ascensão de Petrarca ao monte Ventoux, na tentativa de buscar elementos sobre a experiência de paisagem. Após a análise destas fontes literárias, apresenta-se a Zona da Mata na perspectiva de Ruffato, no intento de perceber a paisagem experimentada de forma sensorial, valendo-se das vivências de Oséias.

O terceiro capítulo concentra-se em explorar a viagem de Oséias buscando identificar

seu contato com uma paisagem vernacular e a importância da casa como primeira paisagem vivenciada pela criança e a influência que este espaço exerce na vida adulta e a interação com o meio. Com isso, almeja-se explorar a paisagem a partir da perspectiva fenomenológica ressaltando a interação das pessoas, percebendo-se como suas trajetórias se cruzam. A fenomenologia de Éric Dardel e a filosofia de Charles Péguy, tratadas por Besse, também iluminam as questões propostas, a fim de se verificar a identidade do indivíduo com o lugar onde vive e morre e de se pensar sobre a liberdade no espaço vivido, como uma característica da contemporaneidade.

No último capítulo, após verificar as questões que envolvem o sujeito diante da paisagem, avalia-se o homem diante da morte. São apresentadas considerações a respeito deste evento no ocidente, bem como os tipos de mortes tratadas por Philippe Àries – a domada e a selvagem. Analisa-se a morte de Ivan Illith, de Tolstói, e a de Oséias Moretto, de Ruffato, para verificar o que envolve o homem diante desta última viagem. Discute-se, também, sobre a verdadeira morte, que é quando ocorre o esquecimento, gerando, portanto, a necessidade de preservar a memória. Pretende-se, com estas fontes e metodologias, responder à questão: “A Zona da Mata ruffatiana na modernidade tardia é um bom lugar para se morrer”?

Na segunda parte, requisito deste Programa de Mestrado, segue um livro paradidático como intervenção social e produto das reflexões da pesquisa, com atividades interdisciplinares correlacionando as disciplinas Geografia, História e Literatura. O título do paradidático será **O lugar onde vivo**, tema recorrente nas Olimpíadas da Língua Portuguesa. O material visa a apresentar conceitos como: memória, paisagem, patrimônio, morte e cidade e excertos das obras de Luiz Ruffato com atividades para serem desenvolvidas com alunos do Ensino Fundamental e Médio. Para a dissertação, o romance **O verão tardio** será o objeto de estudo, mas para o material paradidático serão utilizadas outras obras de Luiz Ruffato, com auxílio de textos de gêneros literários distintos – conto, carta, memória, crônica e poema.

Objetiva-se a difusão do material paradidático, inclusive entre docentes e discentes, para que se produza maior eficácia social do intento. Com o intento de tornar público e acessível, foi criado um QR Code para que os professores e os alunos possam utilizá-lo como material em atividades tanto presenciais quanto remotas.

Por fim, após as Considerações Finais, são apresentados os anexos com a lista das dissertações e das teses defendidas, baseadas na obra de Luiz Ruffato, para apreciação e as fontes bibliográficas em trabalhos futuros.

PARTE I

1 O SUJEITO-AUTOR E A OBRA

“Um homem se propõe a tarefa de desenhar o mundo. Ao longo dos anos, povoa um espaço com imagens de províncias, de reinos, de montanhas, de baías, de naus, de ilhas, de peixes, de moradas, de instrumentos, de astros, de cavalos e de pessoas.

Pouco antes de morrer, descobre que esse paciente labirinto das linhas trazia a imagem do seu rosto”.

Jorge Luiz Borges

Este texto escolhido para epígrafe ilustra a proposta deste trabalho: acompanhar a trajetória do homem diante da paisagem e da morte. Em **O verão tardio**, escrito por Luiz Ruffato, o protagonista Oséias, após percorrer a caminhada da vida, retorna à Zona da Mata e pretende remexer as gavetas da memória e retomar diálogos que desatem os nós da culpa e remorsos que ele vivencia. O personagem escolhe o lugar para morrer e passar os últimos dias de vida. Cabe, nesse cenário, identificar como se dá a relação com toda a paisagem que envolve esta trama. Como afirma Borges, este homem também tentará encontrar nesse “paciente labirinto a imagem de seu rosto”, portanto, esta viagem é um encontro com a paisagem desenhada por ele: o lugar, as pessoas e as memórias. Esta experiência de paisagem se dá em uma época marcada pelo individualismo, pela falta de alteridade e de diálogo - marcas da modernidade tardia.

1.1 Narrativa literária e histórica

Escolher uma teoria é falar por uma perspectiva e, neste caso, a paisagem será estudada para além de seu conceito: também como experiência do sujeito, a partir das reflexões de Jean Besse, em **Ver a Terra**. Como o trabalho traz uma proposta interdisciplinar, pretende-se afastar do objeto, ouvir os pares e tecer as considerações, mediando o diálogo entre o texto literário e os teóricos abordados. Assim, a seguir serão tecidas algumas considerações a respeito da História e da Literatura pertinentes para a pesquisa.

O título da obra **À beira da falésia**, de Roger Chartier, compõe uma imagem do local onde se encontra a história. Segundo ele, há uma crise da inteligibilidade sentida, devido ao número de historiadores profissionais e de suas publicações. Para o historiador, nos anos de

1980 e 1990 estabeleceu-se a crise da história, a qual conduziu esta ciência para uma história das representações, na tentativa de registrar pela escrita o que se vê e o que se ouve, assim criando construções narrativas que permitam a história das aculturações.

Nesta mesma perspectiva, François Hartog entende que a história vive uma crise da história ou história “desorientada”. As grandes historiografias deram lugar a pequenas narrativas de propostas diversas, o que levou o historiador às voltas ao arquivo, interessando-se pelo texto de seus vizinhos da literatura, das ciências ou da filosofia. Nesse âmbito, ressalta-se a importância do trabalho minucioso com o documento e a contribuição deste trabalho para compreender os fatos, afinal: “O papel do historiador é trazer um pouco mais de inteligibilidade sobre o mundo e um aumento de lucidez aos seus concidadãos”¹. Esta lucidez é alcançada, muitas vezes e com mais eficácia, por meio da palavra escrita, argumentada e comprovada.

Os historiadores, assim como os autores da literatura, são produtores de textos cuja escritura pertence ao gênero da narrativa. Há uma tomada de consciência dos historiadores de que seu discurso é sempre uma narrativa historiográfica com uma operação histórica definida com notas de rodapé e documentos. A narrativa literária também demanda pesquisa para contextualizar e torná-la reflexo da época narrada, porém, com liberdade de criação, devido ao caráter fictício.

Chartier rompe com a historiografia positivista e linear, com uma cronologia rígida, e se notabiliza por uma abordagem revolucionária de como trabalhar história priorizando o modo de fazer, isto é, observando como o sujeito que está escrevendo se relaciona com o evento, seu modo particular de ver o evento e como isso passa por filtros culturais. Por mais fiel que uma narrativa pareça, não se pode dizer que é o retrato da realidade, pois traz sempre uma visão parcial.

É importante discutir as características que diferem as narrativas histórica e literária, bem como apontar o que elas têm de aproximações. “Narrativas de ficção e narrativas de história têm em comum uma mesma maneira de fazer agir seus “personagens”, uma mesma maneira de construir a temporalidade, uma mesma concepção da causalidade”². Nesse ínterim, um historiador tem que criar um enredo com personagens e cenário do fato reconstituído, mas a diferença é que estes personagens e o cenário são reais, ou parcialmente reais, por se tratarem de uma construção feita por um narrador que narra de um ponto de vista particular.

¹ HARTOG, François. **Crer em história**. Trad. Camila Dias. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p. 36.

² CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**. Trad.: Patrícia Chitoni Ramos. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2002, p. 22.

Como a literatura, a história não é tão fidedigna, já que há a impossibilidade de, por mais fiel que o texto seja, ser absolutamente imparcial, pois sempre é uma visão pessoal da realidade. De outro modo, a literatura, por mais fictícia que seja, está sempre circunscrita em um contexto histórico. Ao acompanhar as peripécias, as agruras ou a felicidade dos personagens, é possível observar aspectos da intenção do texto, assim como é possível refletir sobre o contexto narrado.

Jacques Le Goff, em **História e memória**, faz considerações sobre a história contemporânea enquanto prática científica e quanto ao seu papel na sociedade. Há que se lembrar também do seu trabalho em conjunto com Nora em 1974, **Faire de l'histoire**, quando apresenta “os novos problemas”, “as novas abordagens” e os “novos objetos” da história e quanto ao diálogo com outras ciências. Merecem destaque as aproximações interdisciplinares com a antropologia, por exemplo, quando passa a interessar a história da alimentação, da sexualidade, da família, da infância e da morte, entre outras. Nesse âmbito é que o trabalho do autor de literatura com abordagens do cotidiano contribui para a construção do conhecimento.

Le Goff discute também sobre um novo olhar do historiador sobre a sua disciplina, o qual permitiu desenvolver a história da história. Neste sentido, [...] os historiadores “pouco a pouco tomaram consciência de que tudo era digno de história: nenhuma tribo, por minúscula que seja, nenhum gesto humano, por insignificante que pareça, é indigno da curiosidade histórica”³. A história de pequenas narrativas passou a ser construída e reconhecida por Le Goff como uma história bulímica. A história linear e da continuidade, portanto, perde força para o debate de temas paralelos, simultâneos, revisão de narrativas já escritas e tudo o que for preciso para o entendimento do indivíduo no seu contexto social. Então, foi assim que houve a ampliação da noção de documento como objeto de pesquisa em História, no sentido mais amplo, podendo ser documento escrito, imagético, sonoro.

Nesta pesquisa, **O verão tardio** será o documento a partir do qual se fundamentará toda a reflexão proposta. Onde o homem passou, onde deixou qualquer marca da sua vida e da sua inteligência, aí está a história. Ainda que fictícia, toma-se conhecimento da vida de Oséias, representando o homem comum na multidão, na cidade com todos os reflexos positivos e negativos da modernidade. Trata-se de alguém que possui experiências vivenciadas na zona rural em Rodeiro, em Cataguases, em uma cidade industrial de porte médio e numa grande metrópole, São Paulo.

³ LE GOFF, Jacques. **História e memória**. A história hoje. p. 123-158. Tradução de Bernardo Leitão. 7ª edição. Campinas – São Paulo: Editora da Unicamp, 2013, p. 136.

1.2 O direito à literatura e o dever de história

A obra de Ruffato, circunscrita em um projeto de nação, cumpre dois objetivos preponderantes: o direito à literatura e o dever de história. Através da literatura, o leitor pode refletir sobre este projeto, que é contar a história da classe média baixa a partir de 1950. Trata-se de uma história marcada por migrações “forçadas” e suas consequências. Desde o primeiro livro publicado, Ruffato se dedicou a este projeto literário, sobre o qual nutriu esperança no futuro, organizando as histórias em uma pentalogia denominada **Inferno Provisório. O verão tardio** é o resultado desta experiência de migração que experimentava a provisoriedade, pois retrata o retorno daquele que se deslocou por sobrevivência e o balanço do personagem sobre os resultados obtidos de quem migrou e as reflexões sobre aquele que ficou.

A literatura é uma necessidade porque o homem precisa fabular para entender melhor o mundo, de forma que assim consegue integrar realidade e ficção. Ela contribui para a humanização do indivíduo e para o enriquecimento da personalidade. Para Antonio Candido, “a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação”⁴.

As funções da literatura são a de formar o ser, informar, promover o prazer pela leitura e permitir a fuga da realidade. Há, ainda, a sua função social. O texto literário não precisa integrar ao mesmo tempo as cinco funções, pois não se pode dizer que a literatura que não é engajada nas causas sociais é menor ou que a literatura deve prestar-se apenas à estética. Para Candido, “uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável”⁵. A Base Nacional Comum Curricular propõe não o ensino conceitual e teórico da Literatura, mas o letramento literário, o qual prioriza o contato com os textos de diferentes, autores, épocas, gêneros e escolas literárias.

Não se trata, pois, no eixo Educação literária, de ensinar literatura, mas de promover o contato com a literatura para a formação do leitor literário, capaz de apreender e apreciar o que há de singular em um texto cuja intencionalidade não é imediatamente prática, mas artística. O leitor descobre, assim, a literatura como possibilidade de fruição estética, alternativa de leitura prazerosa. Além disso, se a leitura literária possibilita a vivência de mundos ficcionais, possibilita também ampliação da visão de

⁴ CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. **Vários escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro, 2011, p. 176.

⁵ *Ibid.*, p. 193

mundo, pela experiência vicária com outras épocas, outros espaços, outras culturas, outros modos de vida, outros seres humanos⁶.

No artigo de Sandra Pesavento, intitulado “História, literatura e cidades”, os historiadores são apresentados como artesãos das narrativas e os literatos, os criadores de histórias fictícias e verossímeis. Para Pesavento, na literatura, criam-se os personagens e a ambientação, permitindo entender o espaço e formar uma identidade. O historiador não “constrói” personagens nem fatos, mas os “descobre”, fazendo-os sair de sua invisibilidade; recupera-os como atores e agentes da história, embora sempre tenham estado presentes nela.

A narrativa literária, enquanto expressão artística de uma sociedade, é uma produção dotada de historicidade, permitindo aos historiadores “mergulhar nas sensibilidades finas do passado, expressas por esses leitores privilegiados do mundo que são os escritores das obras literárias”⁷. A história como conhecimento é sempre uma representação do passado, bem como as fontes documentais acessadas para produzir esse conhecimento. Desta maneira, a utilização da narrativa ficcional pelo historiador, como uma fonte ou marca de historicidade, possibilita a reflexão sobre as sensibilidades, os valores, os sentimentos e a cultura de outras épocas. É também uma narrativa que passa pelo filtro do autor e permite compreender como as sociedades se comportam.

Como ressalta Pesavento (2003), o texto literário – mundo verdadeiro das coisas de mentira – registra as verdades do simbólico, isto é, da realidade construída imaginariamente pela percepção dos indivíduos e que toma o “lugar do real concreto”. Através do texto literário, toma-se contato com a diversidade, por meio de outras realidades vividas por personagens simultaneamente diferentes do leitor, mas iguais em suas crises existenciais. Logo, “a ficção de uma vida diferente da minha me ajuda a descobrir o que há de humano em mim”⁸. Esta identificação com o personagem fictício permite ao indivíduo o exercício que o capacita à alteridade na vida real. A formação de leitores críticos capazes de fazerem uma leitura contextualizada deve ser o desafio da escola.

1.3 Breve biografia de Luiz Ruffato

Esta breve biografia norteadora apresenta os dois sujeitos que compõem o autor: o

⁶ BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Segunda versão revista. Brasília: MEC, 2016.

⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. História, literatura e cidades: diferentes narrativas para o campo do patrimônio, **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 34, 2012, p. 40.

⁸ CALLIGARIS, Contardo. Para que servem as ficções? **Folha de São Paulo**, Ilustrada. São Paulo, 18 de janeiro de 2007.

cidadão comum e o sujeito autor. A história da vida pressupõe pensar, como aponta Bourdieu, que a vida é uma história, no entanto, aqui ela deixará lacunas por falta de espaço e também pelo fato de não ser o objetivo principal do trabalho. Porém, pretende-se salientar os fatos para os quais o próprio autor dirige seu olhar. Não se trata de biografia essencialmente cronológica, pois seria uma ilusão pensar em linearidade; então, a proposta é apresentar o autor à medida que os temas forem abordados, não apenas neste momento, mas em outros tópicos da pesquisa.

O que é o nome Luiz Fernando Ruffato? Para Bourdieu, “o nome próprio é arrancado do tempo e do espaço e das variações segundo os lugares e os momentos [...]”⁹. Luiz Fernando é filho de imigrantes que viviam em Rodeiro, na zona rural. Os pais mudaram-se para Cataguases, cidade próxima, pertencente também à região Zona da Mata de Minas Gerais, onde ele nasceu no dia 4 de fevereiro de 1961. O pai era pipoqueiro e a mãe era lavadeira. Estes dados explicam a escolha pelo recorte temporal das obras do autor – o êxodo rural seguido do processo de industrialização e a escolha dos temas abordados, que é o desenraizamento e a narrativa sobre a classe média baixa.

Na entrevista realizada por Sepontina Bongo, da Universidade Italy, concedida durante o *Congresso Culture e Letterature in Dialogo: identità in movimento*, de maio de 2016, na Università degli Studi di Perugia, Itália, o autor conta como e onde o menino Luiz contraiu o “vírus da leitura”. Em casa, não havia livros, portanto, o contato era com algumas leituras que caíam em suas mãos, como revistas em quadrinhos, bula de remédio e um livro, chamado **Os últimos dias de Pompeia**, de Lord Bulwer-Lytton, como leitura da época da infância. Os pais, Sebastião e Geni o incentivavam a estudar para conseguir uma colocação melhor. Ruffato conta que, por intermédio de um freguês, em uma conversa enquanto ele ajudava o pai nas vendas, no carrinho de pipoca, foi prometido a eles uma vaga no Colégio Cataguases. O pai ficara satisfeito, pois por anos tentara a vaga e não a conseguira.

Embora fosse uma escola pública, estudava naquele colégio a elite da cidade e por isso ele o menino Luiz Fernando ficou muito deslocado. Então, refugiava-se na biblioteca, o que a bibliotecária interpretou por interesse pela leitura e, com isso, indicava livros para ele. Sempre que terminava um, o devolvia e levava outro livro, até que foi impactado com **Bábi Lar**, do escritor ucraniano (à época soviético) Anatoly Kuznetsov, que se constituía um documentário ficcionalizado de um massacre de judeus pelo exército alemão em Kiev. O menino percebeu então que o mundo era mais amplo do que imaginava, com outros povos, outras línguas,

⁹ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 187.

outras religiões e que neste mundo amplo havia também a perversidade, a violência e a estupidez extremadas. Descobriu que o mundo era barbárie e era civilização.

Esta experiência o levou à necessidade de se expressar e escreveu seu primeiro livro, aos quinze anos, um pequeno romance, batido à máquina numa Hermes Baby, intitulado **Domingo o almoço é lá em casa**, o qual contava a história de uma família que largava a roça pela cidade e as agruras deste deslocamento,.

Observa-se que esta ideia do deslocamento permanece como temática em toda a obra do autor. Para Bourdieu, “[...] a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma “intenção” subjetiva e objetiva, de um projeto [...]”¹⁰. O projeto de escrever sobre o que se tem conhecimento, daquilo que é inerente, do que incomoda vem desde cedo numa intenção subjetiva e perseguida de forma objetiva e disciplina como um projeto de vida.

Foi operário da indústria têxtil, pipoqueiro como o pai e atendente de armarinho na juventude. Vencidos os estudos básicos, formou-se em tornearia mecânica no Senai de Cataguases (1977), onde viveu até os dezessete anos. Mudou-se para Juiz de Fora e formou-se em Comunicação Social pela UFJF em 1981, dividindo o curso com trabalhos em várias áreas. Mudou-se para São Paulo em 1990, e começou a carreira na área da Comunicação como repórter de Economia, redator, subeditor e editor de Política, coordenador de Política e Economia e secretário de Redação do Jornal da Tarde em São Paulo, encerrando suas atividades em abril de 2003, quando passou a se dedicar exclusivamente à atividade profissional de escritor. Do jornalismo, herdou o interesse pela realidade observada também na sua obra.

As primeiras obras publicadas foram **Histórias de remorsos e rancores** (1998), **Os sobreviventes** (2000), que ganhou uma Menção especial no Prêmio Casa de las Américas, de Cuba, e o premiado **Eles eram muitos cavalos** (2001). Recebeu o Prêmio APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) – Melhor romance de 2001, o Prêmio Machado de Assis de Narrativa da Fundação da Biblioteca Nacional e indicação para o prêmio Jabuti. A obra é considerada pela crítica como um dos mais importantes livros da ficção brasileira contemporânea e já está na 11ª edição.

Publicou **As máscaras singulares** e **Os ases de Cataguases (uma história dos primórdios do Modernismo)** em 2002. **Estive em Lisboa e lembrei de você** (2009), **Paráguas verdes** (2011), **O amor encontrado** (2013) (Edição do autor), **Flores artificiais**

¹⁰ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 184.

(2014), **Minha primeira vez** (2014), **A história verdadeira do Sapo Luiz** (2014), este com Prêmio Jabuti, na categoria de melhor livro infantil, **De mim já nem se lembra** (2015), **Inferno provisório** (2016), **A cidade dorme** (2018), **O verão tardio** (2019), **Manhãs de sabre** (2021), **Ninguém em casa** (2021), **A revista Verde, de Cataguases: contribuição à história do Modernismo** (2022).

Organizou várias coletâneas, participou de várias antologias no Brasil e no exterior e ganhou vários prêmios: 2001 - Prêmio APCA de Melhor Romance (com **Eles eram muitos cavalos**) bem como Menção Especial no Prêmio Casa de las Américas; 2005 - Selecionado para Bolsa Vitae; 2006 - Finalista do Prêmio Portugal Telecom; 2007, Finalista Prêmio Jabuti; 2012 - Finalista Premio São Paulo de Literatura; 2013 - Prêmio Casa de las Américas (com **Domingos Sem Deus**); 2015 - Prêmio Jabuti (com **A história verdadeira do sapo Luiz**); 2015 - Escritor Galego Universal - Asociación de Escritores en Lingua Galega; e 2016 - Prêmio Internacional HermannHesse 2016.

A saga do proletariado de 2016 é composta por cinco volumes publicados a princípio separadamente pela Editora Record, que são: - **Mamma, Son Tanto Felice** (2005), **O Mundo Inimigo** (2005), **Vista Parcial da Noite** (2006), **O Livro das Impossibilidades** (2008) e **Domingo sem Deus** (2011). Eles foram reorganizados e passaram a integrar a pentalogia **Inferno Provisório** (2016), publicada pela Companhia das Letras.

Feita a apresentação do autor e das obras, a seção seguinte traz uma reflexão sobre a recepção da obra pelo leitor, pois é de suma importância perceber como a obra vem sendo recebida pelo público. Esta parte do texto objetiva, portanto, apresentar a receptividade de modo geral da obra, mas, mais especificamente, do livro **O verão tardio**, que é o objeto de análise do trabalho.

1.4 Recepção da obra de Ruffato

Antes de apresentar a fortuna crítica do trabalho de Ruffato, é interessante observar as considerações de Roger Chartier sobre a obra literária. Chartier¹¹, em entrevista publicada na revista **Artcultura** (2015), apresenta dois exemplos da mobilidade da obra: um exemplo é quando o próprio autor exclui alguma obra por não considerá-la boa de acordo com seus projetos e o segundo exemplo que torna uma obra móvel é em relação às traduções. Quando um livro que é traduzido anos depois da sua publicação, e nessa mesma toada publicam-se e

¹¹ MILANI, M. A., & Menoncello, A. (2016). Conversando com Roger Chartier sobre a obra de Michel Foucault. *Artcultura*, 17(30). Recuperado de <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/34817>

traduzem-se outros livros desse mesmo autor, observa-se que a recepção nessa língua será distinta, devido ao efeito retrospectivo da fortuna crítica dos livros escritos anteriormente. Estes são dois casos que tornam a obra móvel.

Além da mobilidade da obra, ela pode ser aberta, podendo o leitor ler e completá-la, permitindo que o mesmo livro seja recebido de formas distintas. Aliás, o mesmo livro pode ser lido de diversas formas pelo mesmo leitor, uma vez que o ser humano muda e o contexto também e isso interfere no sentido que se dá ao texto. Borges explicita muito bem esta ideia: “Fechado, um livro é literal e geometricamente um volume, uma coisa entre outras. Quando o livro é aberto e se encontra com seu leitor, então ocorre o fato estético. Deve-se acrescentar que um mesmo livro muda em relação a um mesmo leitor, já que mudamos tanto”¹². A respeito deste encontro do livro com o autor, este trabalho buscará apresentar algumas leituras sobre **O verão tardio**.

Outro fato a se considerar quando se pensa em recepção do texto é quanto ao nível de leitura em que o leitor se encontra. Fiorin e Savioli¹³, em **Para entender o texto**, apontam três níveis de leitura: os leitores que a fazem em um nível superficial, ou no nível intermediário, e os que alcançam o nível profundo. Há que se considerar, ainda, a existência de dois tipos de leitores, apontados por Umberto Eco: “O primeiro é a vítima, designada pelas próprias estratégias enunciativas, o segundo é o leitor crítico, que ri do modo pelo qual foi levado a ser vítima designada”¹⁴. Tomar conhecimento da recepção de uma obra é também exercitar e aperfeiçoar a capacidade de ler. A recepção será apresentada pela perspectiva de um leitor considerado como leitor culto, visto que são críticas retiradas da mídia escrita e de pesquisadores em realização de trabalhos acadêmicos.

Enio Passiane¹⁵ escolheu **O verão tardio** para refletir sobre classes sociais, já que o assunto é recorrente nas obras do autor e mais amadurecido neste romance. Passiane ressalta os descaminhos e a desesperança, como temas marcantes. Para Lucas Neiva: “É impossível ler o livro sem que questionemos a nossa fugaz existência, o nosso lugar no mundo e o nosso posicionamento em relação ao outro”¹⁶.

Já Edma de Góis pesquisa as relações entre literatura contemporânea, leitura e curadoria e, para ela, **O verão tardio** é alegoria de uma surdez coletiva. Em *El País*, no

¹² BORGES, Jorge Luis. **Sete noites**. São Paulo: Max Limonad, 1983, p. 119.

¹³ FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto**: leitura e redação. [S.l.:s.n.], 2006.

¹⁴ ECO, Umberto. O texto, o prazer, o consumo. **Sobre os espelhos e outros ensaios**. Tradução de Beatriz Borges. Rio de Janeiro (RJ): Nova Fronteira, 1989. p. 101.

¹⁵ PASSIANI, Enio. Descaminhos e desesperança: o Brasil de Luiz Ruffato em *O verão tardio*. **Arte e Ensaios**, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, vol. 26, n. 40.

¹⁶ Neiva, Lucas. *O verão tardio* de Luiz Ruffato. **Darandina**, Juiz de Fora (UFJF), v.13 n. 2.

caderno Crítica literária, ela afirma que: “Quando não se saber ouvir, perde-se o tom do debate, da argumentação, o caminho até a zona em que opiniões divergentes, mas sensatas movem as engrenagens da democracia”¹⁷.

Jonatan Silva, do jornal *Escotilha* também traz uma recepção interessante da obra **O verão tardio**: “[...] é a conclusão de um universo muito particular criado por Ruffato em **Eles eram muitos cavalos**. O que rege esse universo é justamente a solidão do mundo, a prisão a céu aberto. Essa é a construção idealista de um mundo nada ideal”¹⁸. Para o autor Wilson Pereira, “[...] cabe salientar o alcance e a pertinência política do romance de Ruffato, uma vez que Cataguases pode ser vista como microcosmo, símbolo do macrocosmo, que é o Brasil, neste momento de desesperança e de desconstrução de direitos humanos e de ideais democráticos”¹⁹. Por sua vez, Paulo Henrique da Silva, em resenha para o *Hoje em dia*, ressalta a ideia do autor sobre o Brasil como um país suicida, onde falta a ideia de coletividade. Para Silva, o país está permeado pelo ódio. “Claro que é uma leitura minha, não sendo a melhor ou a única. Pode ser que alguém leia o livro e não veja nada disso. Porém, os três irmãos que estão na história são representantes de estamentos da sociedade”²⁰.

Esses depoimentos de alguns leitores apontam como a crítica vem recebendo a obra, que já foi editada pela La Nuova Frontiera, contando com a tradução italiana de Marta Silveti; nos Estados Unidos, pela Other Press, traduzido por Julia Sanches; na Finlândia, pela Into, com trabalho de Tarja Harkonen e pela Métaillié; e com uma versão para o francês, de Hubert Tézénas.

Outrossim, a crítica de Sarasien, publicada na revista americana *Chicago Review of Books*, chama atenção para o silêncio em **O verão tardio**, observado na família Nunes - o mesmo cultivado por tantas outras famílias, acumulando-se a vida toda e transformando em rancores. Para a autora, este silêncio é experimentado também coletivamente:

¹⁷ GÓIS, Edma de. ‘O verão tardio’, de Luiz Ruffato é alegoria de uma surdez coletiva. **El País** (edição Brasil). 24 de julho de 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/24/opinion/1563965076_694213.html. Acesso em: 23 de março de 2021.

¹⁸ SILVA, Jonatan. *Escotilha*. ‘**O verão tardio**’: um mergulho na estética da ausência. Agosto de 2019.

¹⁹ PEREIRA, Wilson. **Correio brasiliense**. Considerações sobre o romance *O verão tardio*, de Luiz Ruffato, destacam a dimensão literária do escritor mineiro. Disponível em: https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/08/03/interna_diversao_arte,775222/leia-resenha-do-novo-romance-de-luiz-ruffato-o-verao-tardio.shtml. Acesso em: 03/08/2019.

²⁰ SILVA, Paulo Henrique. ‘O verão tardio’: Livro de Luiz Ruffato mostra um Brasil ‘suicida’. **Hoje em dia**. Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/almanaque/o-ver%C3%A3o-tardio-livro-de-luiz-ruffato-mostra-um-brasil-suicida-1.713774>. Acesso em: 21 de março de 2021.

O que torna a obra de Ruffato tão relacionável aos leitores americanos é precisamente aquela face do Brasil que tão raramente vislumbramos de fora: seu multiculturalismo, sua modernidade confusa e desigualdades gritantes, a maneira como coletivamente também escolhe o silêncio em vez de enfrentar suas próprias deficiências – até que é tarde demais²¹.

A obra de Ruffato vem sendo muito bem recebida internacionalmente. Há uma ferramenta brasileira que colabora para a apreensão do cenário internacional, o “Conexões Itaú”, que é um programa cujo objetivo é também mapear a literatura brasileira no exterior e tem registrados artigos informativos e vídeos do autor, comentando sobre a recepção internacional de sua obra. Destacam-se as manchetes sobre a repercussão do discurso de Frankfurt, em 2013, conferência de abertura da feira em que o Brasil foi o país homenageado. O discurso foi publicado na revista alemã *Blätter für Deutsche und internationale Politik*, na revista *Mester*, da University of California Los Angeles, e em diversos *sites* e *blogs* no Brasil e no exterior.

Ruffato, em entrevista²², afirma ter ficado chocado com a repercussão negativa em alguns setores da inteligência brasileira quando se percebe no exterior o discurso compreendido como uma contribuição à reflexão sobre a realidade no Brasil. Completa dizendo que os dados apresentados eram apenas um retrato objetivo do país e Brasil. Para ele, o país só pode resolver os problemas após admitir que os tem.

Em artigo do *Goethe Institute Brasilien*, de julho de 2016, Victor da Rosa²³ articula algumas falas de Ruffato e Kleger sobre a repercussão da leitura da obra do escritor brasileiro na Alemanha. Autor e tradutor recebem o Prêmio Literário Hermann Hesse na Alemanha, após uma sequência de quatro romances publicados lá. Kegler é um alemão que viveu parte da infância no interior de Minas Gerais, o que possibilita uma conexão ainda maior com o universo linguístico tão particular de Ruffato. Rosa destaca que, para Ruffato, tradução não existe, pois se trata de uma reescrita, um trabalho minucioso entre autor e tradutor, e ressalta que Kleger tem muita afinidade com o Brasil e interesse em divulgar a língua portuguesa. A parceria tem alcançado resultados satisfatórios, sendo notados também em uma turnê de leitura que chegou a ser organizada na Alemanha, Áustria e Suíça.

Também o interesse da França já vem se manifestando há alguns anos, como se pode ver na manchete divulgada pelo “Conexões Itaú”, em 2014: “Machado, Fonseca e Ruffato:

²¹ SARASIEN, Amanda. **Chicago Review of books**. Disponível em: <<https://chireviewofbooks.com/2021/07/07/an-inheritance-of-silence-late-summer/>> Acesso em 22/02/2022.

²² BONGO, Sepontina. Entrevista com o escritor Luiz Ruffato por Sepontina Bongo. In: **Periódicos da Universidade Federal de Goiás** (UFG) Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/44867/25074> Acesso em: 22 de março de 2021.

²³ ROSA, da Victor. Prêmio literário internacional Herman Hesse, Goethe – Institut Brasilien, 2016.

leituras obrigatórias na França”. Outro ponto que merece destaque é que o premiado livro **Eles Eram Muitos Cavalos** foi a obra escolhida para integrar a lista de leitura obrigatória em concurso público nacional para professores de Português, pelo Ministério da Educação da França.

As obras de Ruffato tem despertado interesse em povos de diferentes culturas e foram editadas em treze países e sete idiomas - Alemanha, Argentina, Colômbia, Cuba, Estados Unidos, Finlândia, França, Israel, Itália, Macedônia, México, Moçambique e Portugal. Especialmente, a paisagem de São Paulo e a região da Zona da Mata mineira tornam-se conhecidas entre outros povos que têm se identificado com ela. Em entrevista para a revista *Glauks: Revista de Letras e Artes*, Ruffato responde com dados estatísticos a respeito dos desafios de escrever e publicar no Brasil. Aponta que, no exterior, há publicações de resenhas sérias em jornais e revistas. Para ele, o ideal é “um sistema literário organizado e eficaz, que valoriza cada engrenagem – sendo o autor a principal delas. As editoras publicam os livros, a mídia os avalia, as livrarias os vendem – e todos nessa cadeia ganham seu quinhão”²⁴.

Na oportunidade, o autor apontou, também, números quanto às taxas de leitura no Brasil, de analfabetos funcionais, de livrarias e o agravamento deste quadro pela pandemia da Covid-19, encerrando com a observação de que, neste cenário, ser escritor é um “ato de subversão”²⁵. Diante das dificuldades encontradas no Brasil, a literatura que transpõe fronteiras geográficas, conquistando leitores também de outros países, tende a se consagrar e a permanecer. Para Ruffato, seriam necessários mais agentes literários e uma política pública clara e perene em relação ao livro, e conquistar leitores é sempre o objetivo de todo autor. Ele ressalta a importância do tradutor como agente da recepção da literatura em outra língua e defende que o nome do tradutor deve constar na capa do livro, junto com o nome do autor.

Acadêmicos de importantes universidades no Brasil e no exterior vêm pesquisando sobre a obra, como se pode conferir no Anexo I deste trabalho. Trata-se de uma lista de sessenta e uma dissertações de Mestrado e vinte e sete teses de Doutorado. Estes dados foram fornecidos pelo autor por *e-mail* no dia 29 de março de 2021, com o título “Recepção - Fortuna Crítica”. O projeto literário de Ruffato, como projeto de nação imaginada, vem proporcionando à academia refletir sobre questões em várias áreas de interesse – o gênero literário, o discurso, a violência, a utopia, a cidade, a paisagem, dentre outros temas.

²⁴ SIQUEIRA, Joelma Santana; SANTOS, Vivaldo Andrade. Dossiê temático: “A literatura brasileira no exterior”. *Glauks: Revista de Letras e Artes*, v. 20 n° 2, 2020.

²⁵ *Ibid.*, p. 176

Para Benedict Anderson²⁶, o elemento que mais catalisou e fez frutificar a busca pela identidade nacional foi o capitalismo editorial, que permitiu que as pessoas em números sempre maiores viessem a pensar sobre si mesmas e a se relacionar com as demais, de maneiras radicalmente novas. Quando se constrói uma identidade nacional, a aldeia se amplia, e cria-se a solidariedade, que vai muito além da aldeia, constituindo-se uma comunidade imaginada, a qual, com o auxílio da língua e dos clássicos, pode criar uma narrativa nacional. Comunidades imaginadas são, portanto, um projeto de nação e a contribuição de Ruffato nesta construção é executada pelo compromisso com a escrita:

Para mim, escrever é compromisso. Compromisso com minha época, com minha língua, com meu país. Não tenho como renunciar à fatalidade de viver no começo do século XXI, de escrever em português e de viver num país chamado Brasil. Estes fatores, junto com a minha origem social, conformam toda uma visão de mundo à qual, mesmo que quisesse, não poderia renunciar²⁷.

Para além da recepção da obra, é interessante também tomar conhecimento de quais autores Ruffato admira, como tentativa de perceber estes diálogos, o campo de interesse e de sua formação. Abaixo, segue a seleção de vinte romances escolhidos por ele, publicada em 2004, em *El País*²⁸:

Quadro 1 – Melhores romances segundo Ruffato

Anna Karênina , de <u>Liev Tolstói</u> (1828-1910);
Berlin Alexanderplatz , de Alfred Döblin (1878-1957);
Cem anos de solidão , de <u>Gabriel García Márquez</u> (1927-2014);
Dom Quixote , de <u>Miguel de Cervantes</u> (1547-1616);
Enquanto agonizo , de William Faulkner (1897-1962);
Ilusões Perdidas , de Honoré de Balzac (1799-1850);
Memórias póstumas de Brás Cubas , de Machado de Assis (1839-1908;)

²⁶ ANDERSON, Benedict. “Raízes culturais”. In: **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. Trad. Denise Botman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

²⁷ BONGO, Sepontina. Entrevista com o escritor Luiz Ruffato por Sepontina Bongo. In: **Periódicos da Universidade Federal de Goiás** (UFG) Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/44867/25074> Acesso em: 22 de março de 2021.

²⁸ RUFFATO, Luiz. **Meus romances preferidos**. El País (edição Brasil). 02 de dezembro de 2014. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/02/opinion/1417558396_401972.html. Acesso em: 23 de março de 2021.

Moby Dick , de Herman Melville (1819-1891);
No coração das trevas , de Joseph Conrad (1857-1924);
O Grande Gatsby , de F. Scott Fitzgerald (1896-1940);
O leopardo , de Giuseppe Tomasi di Lampedusa (1896-1957);
O morro dos ventos uivantes , de Emily Brontë (1818-1848);
O mundo se despedaça , de Chinua Achebe (1930-2013);
O processo , de Franz Kafka (1883-1924)
O vermelho e o negro , de Stendhal (1783-1842);
Oblómov , de Ivan Goncharóv (1812-1891);
Os Irmãos Karamázov , de Fiódor Dostoiévski (1821-1881);
Pedro Páramo , de Juan Rulfo (1917-1986);
Viagem sentimental pela França e Itália , de Laurence Sterne (1713-1768);
Viagens de Gulliver , de Jonathan Swift (1667-1745)

Dados: El País, 2004.

A lista sugere leituras de célebres autores de várias partes do mundo. Muitos destes são representantes do Realismo e também traçam retrato da sociedade em que viveram, como Tolstói, em **Ana Karênina**. Esta influência da prosa realista pode ser percebida na obra de Ruffato, que é marcada pelo neorealismo. Muitos destes romances sugeridos revelam também interesse pela cidade e as transformações advindas da industrialização, como em Balzac, nas ruas da caótica Berlim de Döblin, no Rio de Janeiro de Machado e na França de Sterne. Ruffato tem se dedicado a ler e a interpretar a cidade, tanto a metrópole São Paulo em **Eles eram muitos cavalos**, quanto Cataguases, representando qualquer cidade brasileira. Suas obras marcam profundamente o leitor, pois tratam da questão mais essencial do ser: a transformação do ser humano.

1.5 A cidade no olhar de Ruffato

Ruffato retrata a migração do campo para a cidade a partir de 1950, quando em suas obras retrata o êxodo rural através de personagens que deixam Rodeiro, para trabalhar nas indústrias têxteis em Cataguases. Outros deixam Cataguases para se mudarem para as grandes metrópoles em busca de melhoria de vida. Napentalogia **Inferno provisório**, o autor revela o cotidiano e as utopias daqueles que enfrentam os desafios desta adaptação na cidade. A obra

Estive em Lisboa e lembrei de você trata da crise econômica que levou brasileiros para fora do país, obrigados ao deslocamento. **Eles eram muitos cavalos** é uma obra que rompe com a estrutura do romance e retrata a cidade em setenta pequenos textos de histórias que não se cruzam. A vida urbana com foco na vida do trabalhador permeia toda a obra do escritor.

O verão tardio (2019) é o ponto de chegada, uma vez que trata do personagem que, tendo vivido mais de vinte anos em São Paulo, retorna para Cataguases e Rodeiro em busca de seu passado e de um lugar para morrer. O leitor pode pensar sobre o Brasil contemporâneo e avaliar os pontos positivos e negativos de deixar o lugar, o passado e as raízes por outro, correndo o risco de sentir-se inadequado, tanto no ambiente pra onde se vai, quanto para onde se volta. Se nas primeiras obras do autor a partida para outra cidade significava esperança, o retorno de Oséias mostra a desesperança e o sentimento de não ter valido a pena.

Deixar o espaço, seja no êxodo rural, no início da segunda metade do século XX, ou aventurar-se, partindo para as metrópoles, traz uma série de questionamentos para os que o fazem. Obrigados a deixar o campo, a cidade passa a ser a “terra prometida” e as cidades descritas na obra de Ruffato – Rodeiro, Cataguases e São Paulo – claramente foram escolhidas por sua topofilia e pelo autor conhecê-las bem. Atraídas pela Cataguases industrial, pessoas de vários lugarejos povoaram o espaço, empurrando a cidade a crescer para as periferias e levando outras a buscarem centros maiores, na expectativa de expandir os horizontes e realizar sonhos.

A industrialização conduz à urbanização, espaço propício para o desenvolvimento das ciências humanas no século XX, necessária para compreender e intervir na ordem social. A História e a Geografia, por exemplo, são tanto disciplinas didáticas quanto científicas, portanto, cumprem dois propósitos – o de trazer conhecimento na área e o de investigar a partir destes conhecimentos. “Não se trata mais de simplesmente contar o passado, mas de procurar nele compreensão do presente, a explicação de problemas do presente”²⁹.

A obra **Os sertões**, de Euclides da Cunha³⁰, ao apresentar uma descrição e uma interpretação do meio físico, dos tipos humanos e das condições de vida no Nordeste, torna-se um marco importante no pensamento das ciências humanas brasileiras, pois a literatura permite esta reflexão que ajuda a compreender a organização social, o comportamento e a interação das pessoas com o meio onde vivem. Este foco no meio social e na interação dele com o homem continua tanto no romance de 1930 quanto na geração de 1945. Ruffato dá

²⁹ LAVILLE, Christian. A construção do saber. **Manual de Metodologia de pesquisa em Ciências Humanas**. Porto Alegre. Porto Alegre. Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. p. 68.

³⁰ CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.

prosseguimento a esta linha quando o homem comum protagoniza no espaço urbano em meio a tantas transformações na cidade moderna.

A cidade é o lugar de desejo do indivíduo moderno e é no espaço urbano que as diferenças se acentuam, formando grupos que carecem de representação e voz para que se crie a noção de pertencimento. Assim como, para Antonio Candido, o indivíduo tem direito à literatura, para Canclini, tem-se o direito à cidade³¹. Na literatura, a cidade é vista como portadora do prazer – o prazer do espaço – e por isso é direito do cidadão habitá-lo, apropriando-se, aprendendo e interagindo com ele.

Neste sentido, as narrativas identitárias vão sendo construídas, como se observa nas últimas décadas. Diante do mundo globalizado, a aldeia se sobressai à nação como uma necessidade contemporânea e não há como criar uma história única e linear, quando a necessidade é a criação de histórias cada vez mais locais, mas ao mesmo tempo universais. Toda cidade tem seu encanto e merece ser amada pelo migrante ou por quem a visita. Uma caminhada atenta permite sentir a cidade e, aos poucos, pertencer ao espaço e se misturar em meio aos nativos, a ponto de não mais se sentir um estrangeiro.

O contrário ao que foi dito também pode acontecer, pois o personagem Oséias, embora tenha nascido e crescido no espaço, pode não se sentir pertencente a ele. Quais seriam as causas desta falta de pertencimento? Seria por não se identificar com a paisagem encontrada anos depois de sua partida do local? O patrimônio preservado que ele encontra ali não traz para ele a sensação de estar em casa? Seriam motivações interiores? Seria algo que falta ao indivíduo, no sentido de ele se adaptar em qualquer lugar, de forma livre? Oséias caminha pela cidade de forma interrogativa, em bairros, estabelecimentos e casas. Percebe-se um caminhar diferente, que não é apenas o de estar no mundo, mas o de estar nele de forma interrogativa, portanto, um caminhar que permite pensar sobre estas questões.

A obra utilizada para discutir sobre o comportamento do homem diante da paisagem é **O verão tardio**. No entanto, pretende-se utilizar também citações retiradas das crônicas, inicialmente publicadas em jornal e posteriormente reunidas no livro de Ruffato, intitulado **Minha primeira vez**, para perceber o olhar do autor sobre: Rodeiro, Cataguases e São Paulo. Para Candau “[...] o escritor local, aquele que tem o poder de registrar os traços do passado, oferece ao grupo a possibilidade de apropriar-se novamente desse passado, através dos traços

³¹ CANCLINI, Néstor Garcia. O patrimônio Cultural e a construção do imaginário nacional. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília, nº 23, 1994.

transcritos”³². A crônica possibilita ao autor, além de trazer uma história literária, portanto fictícia, promover a reflexão mais explícita.

Quanto a Rodeiro, o autor destaca a questão principal “Rodeiro, meu amor”: a memória na pátria adotada. Em **O verão tardio**, observa-se a realidade citada abaixo, pois Oséias não encontra descendentes dos Moretto uma vez que os mais velhos já haviam morrido e os mais jovens estavam espalhados mundo afora, principalmente nas capitais. Esta desagregação produz a morte absoluta, tanto na pátria de origem, quanto na adotiva:

Nunca compreendi por que, na exaustiva bibliografia a respeito da colonização italiana no Brasil, não há referências aos imigrantes destinados a Minas Gerais que, chegados à Zona da Mata no final do século 19, em fuga à falta de opções à miséria do Vêneto, foram trabalhar nas ainda ricas fazendas de café da região. Poderia, talvez, intentar uma explicação: arrolados no súbito processo de decadência econômica – provocado, de um lado, pelo excesso de produção e, de outro, pelo cansaço precoce das terras -, os oriundi trataram cada qual de cuidar de sua sobrevivência e, isolados uns dos outros, rapidamente perderam qualquer traço de individualidade cultural. Sucumbiram, portanto, à mais desastrosa “morte absoluta”, de que nos fala o poeta Manuel Bandeira: esquecidos em sua pátria natal, esquecidos em sua pátria adotiva (...) ³³

Na obra **Memória e identidade**, Candau aborda sobre os temas deslocamentos, sobre a transmissão da cultura e respeito à cultura do local. Lembra que, no meio rural, em função do interconhecimento pessoal, há uma manutenção da memória por mais tempo. A repetição de festas e rituais, odores, canções, receitas de cozinha e nomes próprios, por exemplo, auxiliam a reminiscência comum. Entretanto, o histórico êxodo para as cidades, esvaziando as zonas rurais, aumenta as populações urbanas e, muitas vezes, o indivíduo que migra do campo não consegue prontamente incorporar-se ao meio urbano. No caso desta colônia italiana inserida já em uma cultura diferente, há um intercâmbio cultural, mesclando memórias. Para Candau, duas gerações de imigrantes é tempo suficiente para ocorrer o desaparecimento da memória:

O imigrante, a qualquer tempo, carrega consigo a sensação de não pertencimento, fazendo com que a sua história pessoal tenha de ser continuamente refundada. Partir, como disse acima, não é só desprender-se de uma paisagem, de uma cultura. Partir é principalmente abandonar os ossos dos antepassados, imersos na solidão silenciosa dos cemitérios, é deixar para trás uma história comum, feita de dor e luta, de alegrias e memórias. Rompido esse lastro, perambulamos sem saber quem somos. E se não temos autoconsciência, se permanecemos imersos na inautenticidade,

³² CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Letícia Ferreira. 1ª edição. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014, p. 105.

³³ RUFFATO, Luiz. **Minha primeira vez**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2014, p. 127.

não reconhecemos o estatuto do outro, do diferente de nós. E perdido esse reconhecimento, instaura-se a barbárie. A Arte serve para iluminar caminhos, e se ela modifica o indivíduo, ele é capaz de modificar o mundo. Para isso, portanto, escrevo³⁴.

Néstor Canclini, em suas considerações sobre mercado e interculturalidade³⁵, considera que, de fato, a globalização é mais facilmente imaginada para os mercados que para os seres humanos porque a cultura está associada a identidades locais, o oposto da globalização. Eis o desafio de viver num mundo globalizado e defender a identidade. Ele considera que se deve levar em conta o impacto de cada conjunto migratório, tanto da migração voluntária quanto daquela movida por necessidade ou por violência. No caso citado por Ruffato a respeito da colônia italiana em Rodeiro, estes migraram por necessidade.

Cataguases é homenageada na maior parte dos livros do autor, desde a sua primeira obra, quando ele põe em prática seu projeto literário - projeto de nação. Como característica da literatura, a cidade é vista de forma subjetiva, da forma como ele a concebe. Notam-se diferenças na descrição da cidade, desde a primeira obra, até esta última. “Naquela época, década de 1950, Cataguases era um polo econômico importante, com indústria têxtil consolidada e forte vocação cultural”³⁶. Em seis décadas, muitas transformações ocorrem, principalmente nas últimas décadas em que elas foram intensas.

A cidade que Ruffato vê só ele a vê, no entanto, pelos olhos de alguém que vê mais longe, como é o caso do artista, como alguém que lembra mais. Desta forma, pode-se vê-la também de outra perspectiva. Para conhecer de fato uma cidade, é preciso experimentá-la, ir buscando pontos de referência e, a cada ida, construí-la de um ângulo diferente. Ao ler **Cidades invisíveis**, são apresentadas cinquenta e cinco cidades narradas por Marco Polo, que começa descrevendo a arquitetura e depois parte para a descrição de como as pessoas se comportam, ou seja, parte do concreto para o psicológico. Curiosamente, todas as cinquenta e cinco cidades lembram a terra natal.

Ruffato homenageia também São Paulo em **Eles eram muitos cavalos** e mostra a cidade multifacetada. Se Cataguases recebia parte da população rural para o trabalho, nas indústrias têxteis, como foi o caso da família Ruffato, São Paulo, por sua vez, em escala muito maior, segundo o autor, era a Canaã adubada pelo suor do índio, do negro, do mestiço e do

³⁴ BONGO, Sepontina. Entrevista com o escritor Luiz Ruffato por Sepontina Bongo. In: **Periódicos da Universidade Federal de Goiás** (UFG) Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/44867/25074> Acesso em: 22 de março de 2021.

³⁵ CANCLINI, Néstor Garcia. “Mercado e interculturalidade: a América Latina entre a Europa e Os Estados Unidos”. **A globalização imaginada**. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2003.

³⁶ RUFFATO, Luiz. **Minha primeira vez**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2014, p.11.

imigrante:

Quando uma pessoa deixa seu torrão natal, e essa é sempre uma decisão tomada em último caso, quando já não resta absolutamente nenhuma outra opção, ela é obrigada a abandonar não apenas o idioma, os costumes, as paisagens, mas todo um passado, sua história. Como construir relatos de caráter biográfico se lidamos com personagens sem história?³⁷

Na crônica “Os indiferentes”, o autor faz uma afirmação baseada em estatística a respeito dos paulistanos, de que 64% não participam de nenhum movimento social e não se engajam em nenhuma atividade que envolva ação coletiva. Assim, ele segue avaliando a história brasileira e a desigualdade entre classes. Observa, ainda, que boa parte dos habitantes de São Paulo são imigrantes e alimentam o desejo de retornar à terra natal:

[...] o presente profundamente contaminado pelo passado. Nem isso, entretanto, sobra para o descendente do imigrante: não há para onde voltar, o presente flutua no presente, sem raízes. E essa crise de identidade, que perpassa todos os níveis sociais, toma uma forma particularmente perversa na classe média baixa e no proletariado, onde a sensação de não pertencimento alia-se a falta de perspectivas de mudanças³⁸.

Maria Stella Bresciani, em seu artigo “Cidade: História e Desafios”, observa os tipos, de cidade e faz considerações interessantes. Existem as cidades que foram planejadas como Brasília, as transformadas como Paris, as imaginadas, como as cidades industriais ideais, como New Lanark, na Inglaterra, e as cidades existentes. A autora ajuda a pensar sobre as cidades existentes, aquelas que cresceram, às vezes, vertiginosamente. Que intervenção seria adequada a elas? Para Bresciane, o urbanismo deve partir dos saberes sobre a cidade, observando interdisciplinaridade entre o saber do médico em relação às epidemias, do engenheiro e de todas as outras áreas, mas, sobretudo, deve-se desenvolver uma nova sensibilidade pela literatura, pela música, escritos sobre memória e relações de intersubjetividade, promovendo um encontro como outro:

[...] Paris do século XIX tomou a forma que conserva ainda hoje, não devendo contudo sua configuração unicamente ao prefeito Haussmann, mas também aos romances que estabeleceram num tempo de longa duração, no imaginário cotidiano, os lugares do lazer e do trabalho, da miséria e do brilho³⁹.

³⁷ RUFFATO, Luiz. **Minha primeira vez**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2014, p.11.

³⁸ *Ibid.*, p. 109.

³⁹ BRESCIANI, Maria Stella Martins. Cidade e História. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org.). **Cidade: história e desafios**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2002, p. 31.

Bresciani tem razão quando afirma ser necessário criar este imaginário para que o indivíduo se sinta acolhido, pertencente ao lugar. Para Ruffato, o sentimento é de que se está acampado provisoriamente, por isso, a cada feriado uma grande massa abandona a cidade. Segundo ele, o morador a identifica com o mal, com o trabalho. O autor também apresenta uma solução que se transcreve sem corte, para que não se perca na totalidade:

O que necessitamos é reconstruir nossa visão de cidadania. Temos de aprender a amar a cidade, aceitá-la como ela é, com suas qualidades e defeitos. Amar é alimentar as coisas boas e ajudar na superação das ruínas. Para isso, precisamos, antes de mais nada, mudar nossa compreensão de “bem público”. Hoje entendemos “aquilo que é de todo mundo” como “aquilo que não é de ninguém” – quando deveríamos traduzir por “aquilo que é de cada um de nós”. Se nos dedicássemos um pouquinho a São Paulo, a cidade seria melhor para todos. Deveríamos lutar para que cada bairro fosse um núcleo urbano integral, com praças, coretos, cinemas, teatro, e que cada paulistano, nativo ou adotado, usufruísse de sua felicidade aqui e agora. A minha utopia é transformar São Paulo de terra de ninguém em cidade de todo mundo⁴⁰.

Pensar um pouco sobre São Paulo é pertinente porque o personagem Oséias sai desta metrópole e retorna a cidade mineira de Cataguases. Pode-se, desta maneira, visualizar o contexto em que ele se encontra e supor o que ele busca em uma cidade pequena e sua cidade natal. Como bom observador do cotidiano, Ruffato discute sobre outra cidade, uma cidade alegre, com motoristas no trânsito caótico conversando animados, bate-papo nas filas dos supermercados, o ranzinza que faz vista grossa ao que o incomoda e tantos outros exemplos relatados na crônica “O espírito da copa”. No entanto, terminados os jogos, volta tudo ao “normal” - o tráfego insuportável com motoristas estressados, tensão nas filas, o ranzinza a reclamar etc. No cenário criado, a identificação em comum com o futebol aproxima, criando a noção de espírito coletivo. Neste sentido, as narrativas ajudam as pessoas a ver com outros olhos, sendo bastante eficaz para criar este sentimento de pertencimento.

Outra crônica que permite ao leitor refletir sobre a invisibilidade nas grandes cidades é “Terremoto!?”. Nela discute-se sobre as reações causadas nos moradores do prédio de onze andares quanto a um tremor e à possibilidade de ser um terremoto, levando-os para fora do prédio. Já na calçada, todos se veem impelidos a conversar sobre o ocorrido, a confabular hipóteses com vizinhos de outros prédios com os quais eram provavelmente cordiais, mas com quem nunca conversaram. Eis o desfecho:

⁴⁰ RUFFATO, Luiz. **Minha primeira vez**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2014, p. 110.

Fragilizados, creio que simpáticos, chegamos a até gostar uns dos outros. Afinal, voltamos para os apartamentos. Cerrada a porta, excitado demais para pegar no sono, afundei na certeza de que, na manhã seguinte, passado o susto, voltaríamos a nos ignorar novamente, como se nada houvesse acontecido⁴¹.

Segundo Ruffato, a cidade cumpre os rituais impostos pela megalópole, como sair cedo, enfrentar o trânsito, voltar cansado e estressado e refugiar-se em casa. Isto é o normal nas cidades grandes, não sendo, no entanto, o ideal. As grandes tragédias como terremotos, pandemias e outros ressaltam os problemas dos grandes centros e fazem o indivíduo voltar o olhar para um estilo de vida diferente, mais solidário, baseado na alteridade.

A primeira crônica “Sabe com quem está falando”?, em que o autor se apresenta, fala de sua profissão, da cidade natal, da família, da infância e de sua trajetória e termina com uma frase apropriada para o término deste capítulo. “Se exponho o caminho percorrido é porque não quero esquecer de onde parti”⁴². Tão importante quanto não esquecer de onde partiu é sonhar com a transformação da cidade onde se vive. Percebe-se, na obra de Ruffato, um olhar cuidadoso para o lugar, para a cidade especialmente e como o indivíduo experimenta a paisagem vivida, sendo ela a terra natal ou aquela adotada para nela se viver.

⁴¹ *Ibid.*, p. 153.

⁴² *Ibid.*, p. 13.

2 PAISAGENS CULTURAIS

“Quem não pode povoar sua solidão também não sabe estar só no meio de uma multidão ocupadíssima”.

Charles Baudelaire

Para se conviver em um espaço urbano dividindo espaços comuns, acostumando-se a uma paisagem que se transforma constantemente, esbarrando em pessoas absortas em seus pensamentos e funções, é necessário saber estar só. É preciso encarar a solidão como solitude e educar os sentidos para apreender a cidade e amar sua movimentação, interagindo com o espaço. Neste capítulo, a proposta é apresentar a cidade, a cidade moderna de Baudelaire e Balzac, e aprender com o artista a olhar o espaço urbano com olhos sensíveis para se apropriar deste saber para a habitar o espaço de forma plena.

2.1 Revisitando o conceito de paisagem

A respeito do conceito de paisagem, Vanessa Figueiredo faz, em seu artigo **O patrimônio e as paisagens: novos conceitos para velhas concepções?**, uma abordagem cronológica do conceito de paisagem e da relação desta com o patrimônio. Ela discute também quais são as questões que envolvem este interessante território de disputas, o que contribui para, neste caminho, apreender a paisagem ruffatiana.

É interessante observar a distinção entre o modo de conceber a paisagem nas diferentes eras. Na Era Medieval, a paisagem figurava como fundo para cenas bíblicas e imagens de santos. Na Era Clássica, o Renascimento trouxe uma visão diferente para várias áreas do conhecimento e, especialmente, para a arte com a composição da perspectiva, a qual ampliou para uma paisagem mais panorâmica e começou a dar forma à percepção que se tem da natureza. Segundo Figueiredo:

Daí a noção comum de que a paisagem é um “panorama” ou algo que se vê de longe e com profundidade, permitindo a distância necessária da linha do horizonte, ou *skyline*, espinha dorsal de sua construção morfológica em que os primeiros planos e detalhes se fazem menos importantes, embora constitutivos. É neste quadro pictórico como base mental, uma montagem construindo a imagem artificial, que os diversos elementos são organizados⁴³.

⁴³ FIGUEIREDO, Vanessa Gayego Bello. O patrimônio e as paisagens: novos conceitos para velhas concepções? In: **Paisagem e Ambiente: Ensaios**. 32ª ed. São Paulo (SP): Editora da USP, Ano 2013, p. 84.

Na Era Romântica ou Moderna, a paisagem deixa de ser apenas um pano de fundo e é vista como algo que desperta emoção e influencia no comportamento do indivíduo. Ela passa da paisagem pitoresca do início do século XIX às transformações advindas da Revolução Industrial, carregando toda mudança de cenário, de cor, de objetos em que o verde vai aos poucos dar lugar ao cinza dos asfaltos, aos motores e chaminés. Cria-se a necessidade de uma nova abordagem para o conceito de paisagem.

Já no final do século XIX, os geógrafos trouxeram uma visão mais sociológica, cultural e humanista – com a ideia de “paisagem cultural”. No entanto, só em 1992 é que ocorreu o processo de institucionalização do conceito, quando o Comitê do Patrimônio Mundial incluiu a categoria “paisagem cultural” na Lista do Patrimônio Mundial da UNESCO. Segundo Vanessa Figueiredo, esta inclusão “contribuiu para o reconhecimento da diversidade cultural mundial, uma nova porta de entrada para as manifestações culturais de países menos representados, como os da África e da Ásia”⁴⁴.

Como a paisagem visitada será a paisagem cultural, é pertinente citar neste trabalho as contribuições da obra **Paisagens Culturais**, de Giuliana Andreotti⁴⁵, pois ela também trata da ampliação do conceito para paisagem cultural, levando o leitor a entender que a paisagem deve ser contemplada como se contempla uma obra de arte. Andreotti objetiva compreender a paisagem como singular e plural ao mesmo tempo, já que ela é fruto da interação do homem com o meio e uns com os outros.

Paisagens Culturais é um convite à percepção de uma paisagem a ser escutada, descrita e sentida em sua totalidade; que aguça a psique do observador. A autora utiliza-se de vários exemplos de paisagens para registrar a história envolvida nelas, diante de tudo o que os sentidos alcançam e contempla a compreensão do espaço enquanto “lugar” resgatando a humanidade, imaginário e a poética do espaço em que o observador penetra na paisagem com sentimentos e sensações.

A paisagem cultural marca todo o itinerário de pesquisa da autora, seguindo os ensinamentos do geógrafo alemão Herbert Lehmann em seus estudos sobre a psicologia da paisagem e outros autores da escola alemã. Ela se volta também para os valores espirituais que a cultura tem atribuído ao longo do tempo aos lugares, por isso tal perspectiva auxilia a esta pesquisa, visto que a paisagem a ser estudada é subjetiva.

O tema desenvolvido por Andreotti não é apenas sobre a teoria da paisagem cultural,

⁴⁴ FIGUEIREDO, Vanessa Gayego Bello. O patrimônio e as paisagens: novos conceitos para velhas concepções? In: **Paisagem e Ambiente: Ensaios**. 32ª ed. São Paulo (SP): Editora da USP, Ano 2013, p. 109.

⁴⁵ ANDREOTTI, Giuliana. **Paisagens culturais**. Trad. Ana Paula Bellenzier. Curitiba: Editora UFPR, 2013.

mas também sobre as experiências concretas através de alguns exemplos referentes ao Tirol do Sul, ao Trentino, ao rio Adige, às Dolomitas, à Toscana e à Sardenha. Ela oferece impressões evocativas de poesia, rica em sentidos. A autora escreve sem qualquer pressa, portanto, o livro deve ser lido com a alma, e a paisagem, como uma experiência vivida com todo o corpo e não só pela visão.

A pesquisadora esclarece como a descrição em Lemann pressupõe um necessário processo psicológico, já que o sujeito analisa a paisagem e vê sua própria imagem impressa nela. Para ela, descrever é uma arte e, como tal, é subjetiva, envolve a valorização de causas psicológicas, históricas e espirituais, recorrendo à literatura e à arte em geral. A parte da escola alemã na qual Lemann está inserido parece não distinguir paisagem geográfica e paisagem cultural. A interpretação espiritual e psicológica são os canais pelos quais se chega à descrição geográfica.

O vocábulo *landschaft*, etimologicamente, traz que *land* indica o vilarejo, que é algo singular, e o sufixo *schaft*, que expressa aquilo que é um legado coletivo. Para reflexão, portanto, a paisagem sugere tanto algo que é particular, vista pelos olhos da subjetividade, quanto coletivo, pois compreende um espaço apropriado por todos, colocando a paisagem como aparência visual integrada. Assim como o pintor ideal produz pictoricamente a paisagem, no lugar do pintor, entra o geógrafo ideal. Para Andreotti, “quando academicamente se distingue paisagem geográfica de paisagem cultural, não se quer de fato, opor os dois conceitos, mas sublinhar o que tem sido uma evolução da disciplina”⁴⁶.

A autora também destaca que, para Lemann, a psicologia aplicada à paisagem é uma interpretação subjetiva dos sinais apresentados nesta. Ela pontua sobre o surgimento, nos Estados Unidos, de uma nova disciplina – a “Psicologia ambiental”, o que prova a necessidade de estudá-la sob o prisma psicológico. Para Andreotti, o ambiente se transforma em paisagem no momento da relação cultural e psicológica e, para ilustrar esta ideia, ela se utiliza de uma imagem que é a chave de entendimento sobre a questão:

Se fosse possível estabelecer uma concepção a partir de uma comparação, seria: um determinado ambiente é como o conteúdo de um cofre; para que ele se torne uma paisagem é preciso possuir a chave para abri-lo. E a chave é a potencialidade de sua psique, vale dizer, a sua imaginação⁴⁷.

Andreotti expõe as ideias de Lemann a respeito da sugestão da paisagem como a

⁴⁶ ANDREOTTI, Giuliana. **Paisagens culturais**. Trad. Ana Paula Bellenzier [et al.]. Curitiba: Editora UFPR, 2013, p. 69.

⁴⁷ *Ibid.*, p.81.

bagagem de memória, de história e de arte: só alimentam a imaginação do observador. A autora trabalha com o conceito de “aparência visual integrada” como o reflexo dos estados de espírito do observador que a modifica no imaginário psicológico. Resumindo, para Andreotti, a paisagem é histórica, poética, lendária ou até muda, de acordo com os sinais que o observador lança. Este deve, na descrição da sua paisagem, confiar em suas sensações, incorporando as descrições já feitas.

Um termo com o qual a pesquisadora trabalha é o da geografia da percepção como ramificação da geografia humana. Definir a geografia da percepção é uma tarefa particularmente difícil, porque a percepção é algo bem subjetivo. O especialista em geografia, com sua percepção, sente que também as áreas periféricas das cidades devem ser campo de estudo. O comportamento dos habitantes dessas áreas é afetado pelo fundo de área industrial anônima e cinza, repercutindo no modo de vestir, no tráfego com os ruídos e na poluição. Esta paisagem interfere no sentir cotidiano. Tal abordagem do meio como paisagem percebida remete à animação de **O pequeno príncipe** (2015), quanto à crítica que se faz aos efeitos da modernização, quanto à organização das cidades – as formas planas, a falta de cor e o consequente comportamento metódico das pessoas.

Esta obra é interessantíssima, pois desde 1990, com a “virada cultural” e o excesso de patrimonialização e de “lugares de memória”, cresce a busca pela identidade, pelo imaginário e pela poética do espaço. Neste sentido, a paisagem cultural é discutida e aplicada às belas paisagens italianas, como o Tirol do Sul, a região Trentina, o rio Adige, as Dolomitas, a Toscana e a Sardenha. Dá ênfase à psique do observador como imprescindível para ler a paisagem cultural. Sem dúvida, é uma importante contribuição para as discussões sobre paisagem, lugar e pertencimento e contribuirá para observar o homem diante da paisagem e as questões colocadas por ela.

2.2 O poeta na cidade moderna

Ao ler a obra **Por amor às cidades**, do historiador francês Jacques Le Goff, observa-se a importância de Paris quando se quer pensar sobre cidade. Le Goff remete à Paris medieval e a formação dos burgos com suas necessidades e particularidades, a fim de entender o seu tempo. Já havia várias populações ocupando o mesmo espaço, sejam agricultores e artesãos, sejam aristocratas. A cidade na Idade Média é apresentada como lugar de inovação, de segurança, de poder e de beleza. O autor chama atenção para a preocupação com a segurança, com a construção de muralhas, diferente das cidades modernas com cercas e

grades dentro da cidade, já que o perigo é interno e não externo. Outro fato curioso é que os migrantes eram recebidos com honra, principalmente quando vinham com uma técnica nova para ser aplicada ao trabalho⁴⁸. As cidades contemporâneas vivenciam tantas dificuldades como a violência e o desemprego, e nelas o migrante e o imigrante são considerados como ameaça ao espaço do nativo.

É interessante perceber como, diante de tantas transformações, artistas vivenciaram a modernidade em Paris, pois são percepções importantes para se comparar com a experiência do homem contemporâneo na cidade. Marshall Berman e David Harvey também produzem reflexões sobre a mais urbana das cidades do século XIX. Eles refletem sobre as transformações ocorridas pós-revolução industrial e a repercussão na vida cotidiana. Berman tece comentários sobre a aventura da modernidade em Paris, enquanto que David Harvey, a respeito da Paris, como capital da modernidade, vista por Balzac e Baudelaire. Ambos buscam nos poemas as cenas do cotidiano moderno, a partir da memória interpretada pelos narradores da cidade.

Caminha-se rumo à universalização do patrimônio e o século XIX é essencial para entendermos as políticas patrimoniais. O processo de modernização, segundo Hartog, vai afetar várias memórias, pois o passado da França torna-se assunto do Estado central e o patrimônio contemporâneo passa a ser entendido como uma marca clara do presentismo. “Após as catástrofes do século XX, as numerosas rupturas, as fortes acelerações tão perceptíveis na experiência do tempo vivido, nem o surgimento da memória nem o do patrimônio são finalmente surpresas”⁴⁹. Nesse ínterim, entender o presente à luz dos acontecimentos amplia a visão para entender o futuro e supor os rumos que a história tomará.

Para Candau, sob o signo da memória, a França não é mais diversidade e sim divisão. “A pluralidade de determinismos está expressa pelo plural ‘As Françãs’, título dos três últimos volumes dos ‘Lugares de memória’⁵⁰. Na França, por menor que seja a cidade, há uma placa ou um busto de quem lutou pela República. No caso do Brasil, estamos longe do excesso de patrimonialização, mas esta luta por identidade gera angústia, porque, como afirma Baudelaire: “Foi-se a velha Paris (a forma da cidade/Muda mais rápido ah!, que um mortal coração)”⁵¹.

Baudelaire se encanta com a transformação, mas revela as angústias trazidas por ela.

⁴⁸ LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades**: conversações com Jean Lebrun. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998, p. 54.

⁴⁹ *Idem*.

⁵⁰ CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Lécia Ferreira. 1ed. 2 reimpr. São Paulo: Contexto, 2014, p. 166.

⁵¹ BAUDELAIRE, Charles. **As flores do mal**. São Paulo: Nova Fronteira, 1985, p. 327.

David Harvey, em sua obra **Paris. Capital da modernidade** dedicou-se a discutir as transformações ocorridas em Paris e começou por explicar o marco de junho de 1848 – a morte de cinquenta manifestantes em uma revolução que saiu do controle. Nesta época havia fome, desemprego e miséria e a cidade se enchia em busca de sobrevivência. Registra-se uma lenda de que, na noite silenciosa da chacina, um homem ergue um corpo de uma jovem mulher que era iluminado periodicamente por uma tocha na mão de um garoto. Isto tornou-se um símbolo muito forte, como se aquela mulher simbolizasse a morte da liberdade. Daí sucederam-se reviravoltas políticas, em que o rei abdica do trono em favor de um neto de oito anos e a população invade o palácio, revezando-se para assentar-se no trono vazio. Georges-Eugène Haussmann é nomeado por Napoleão III como prefeito de Paris e foi responsável pela maior transformação urbana ocorrida no ocidente. Foram vinte anos de obras destruindo habitações, abrindo avenidas, espaços para parques públicos em linhas retas e padronizadas, transformando-a na “cidade-luz”, a qual veio a servir como modelo para Buenos Aires, Rio de Janeiro e Nova York. O projeto tinha objetivo estético, funcional e também tornar a cidade salubre.

David Harvey apresenta Baudelaire como o apóstolo da modernidade e, influenciado por Balzac, enxergou na cidade o que ela era, é e se tornaria. Ambos testemunharam estas transformações e, como antenas, captaram sinais mais nítidos que servirão para sempre como documento daquela época. Foi imprescindível ter artistas tão atentos e perspicazes naquele momento tão marcante para toda a humanidade. Estudar a cidade ajuda o indivíduo a estar no mundo de forma mais participativa, integrada e apaixonada pela poética do espaço. Segundo Harvey, “Temos muitas teorias em relação ao que acontece na cidade, mas uma singular ausência de teoria da cidade; e as teorias que temos da cidade com frequência parecem tão unidimensionais e mecânicas que extirpam a riqueza e a complexidade da experiência urbana”⁵². Ajuda a entender como viver na cidade deve ser visto como uma experiência de paisagem, que consiste em conhecer para interagir, preservar e amar.

Antes de sentir a Paris pela percepção de Baudelaire, é importante perceber a Paris de Balzac, influenciador do primeiro poeta. **A comédia humana**, de Balzac permite pensar sobre a influência da cidade no modo de vida. Várias perspectivas de leitura são reveladas pelo leitor atento, seja um sociólogo, um urbanista, um geógrafo interessado pela geografia histórica, ou mesmo o leitor mais despretenso encontrará cenas com as quais se identificará.

⁵² HARVEY, David. **Paris. Capital da modernidade**. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Boitempo, 2015, p. 34.

A Paris de Balzac não descansa: ela apresenta um ritmo frenético, cuja base é o proletariado. Consegue-se visualizar uma cidade que cresceu rapidamente, devido à industrialização, precisando adaptar-se às inovações. A imagem do trem de ferro simbolicamente explica este fenômeno, pois ele se move para a frente, enquanto os passageiros vão para trás. O progresso traz o desenvolvimento, mas também uma mudança do modo de viver. Harvey cita um conceito de George Simmel, sociólogo urbano – atitude *blasé* – que consiste no fato de que a impessoalidade vivida pelo homem metropolitano produza esta atitude, que é de apatia, falta de reação, efeito anestésico – tudo isso resultado do excesso de estímulos nervosos vivenciados na cidade. Esta atitude é percebida na Paris retratada por Balzac, a cidade onde cabem todos e nada falta.

Esta Paris de todos os tipos gera em Balzac o desejo de um lugar utópico. Para isso, o autor, segundo Harvey “penetra primeiro no bairro, depois na casa e no jardim, nos quartos e nas pessoas, com precisão de um raio laser”⁵³. O utopismo de Balzac prega um lugar com uma vida estável de intimidade, e, por isso, na sua obra, há a preferência para cenas em espaços interiores. A vida íntima requer do indivíduo alteridade, escuta do outro, valorização do tempo na presença do outro. Para Balzac, “A burguesia está condenada não porque evita a intimidade, mas porque, dada a sua preocupação com os valores monetários, é incapaz de alcançá-la”⁵⁴. Ele apresenta uma Paris microscópica através dos espaços, tempo e enredo vivido por seus personagens e acredita que, ao criar e recriar a cidade, nós criamos a nós mesmos, tanto individual quanto coletivamente.

Marshall Berman, através dos poemas de Baudelaire, reflete sobre a cidade moderna e a interação do homem com ela. O poeta possibilita seus contemporâneos a tomar consciência de si mesmos como modernos. O artista é denominado poeta, aquele que, independentemente de sua arte, seja escrever, pintar ou outra manifestação, consegue extrair poesia do grotesco, do cotidiano e do vernacular. Parece algo contraditório, porque a modernidade está voltada para o progresso e a materialidade, ao passo que a poesia para o transcendente para o espiritual. O poeta terá que mudar a perspectiva, a noção do belo e a valorização do simples e do sublime naquilo que é corriqueiro. Isso se caracteriza como mais paradoxal ainda, porque o artista quer produzir algo eterno, vivendo em um tempo tão efêmero. Entretanto, Camões já desenvolvia o tema da efemeridade em sua época. O que diria se tivesse vivido na época da destruição de Paris e sua reconstrução em tempo recorde? O que escreveria Camões se

⁵³ HARVEY, David. **Paris. Capital da modernidade**. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Boitempo, 2015, p. 67.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 72

vivesse no século XXI?

Baudelaire postula que o heroísmo da vida moderna se dá pela sensação da perda e o que se viveu na França na época das transformações é a perda da paisagem, da memória e a adaptação à vida na cidade moderna. Toda a transformação que a França vivenciou foi também a experiência vivida por outras cidades e, em menor proporção, em cidades médias. No entanto, a ideia de fluidez da modernidade no século XXI foi intensificada: isso nos permite, a cada dia, sentir como cidadãos modernos na cidade. Mesmo na zona rural, observa-se esta fluidez se espalhando a cada dia.

Nesse âmbito, cumpre entender que a capacidade de reprodutividade técnica da arte em grande escala enfraquece a memória social; então, armazenar passa a ser muito importante, gerando a compulsão pelo patrimônio arquivístico. Para Candau, a memória longa é uma memória que baliza o fluxo do tempo e é através de grandes tragédias ou acontecimentos que se potencializa a capacidade de arquivá-la, pois a carga emocional é o que define a memória longa. Em contrapartida, a individualidade e a frieza são produtos da modernidade e, portanto, a tarefa dos artistas em sensibilizar o homem é tão importante.

Para Baudelaire, a arte moderna tem que casar a vida do indivíduo na multidão, compondo uma paisagem do cotidiano, com olhos de ver. Suas ideias estão fortemente discutidas no artigo “O pintor da vida moderna” (1860), e nos poemas em prosa sob o título “Spleen de Paris”, publicado após a morte do poeta, em 1868. O mais importante para nossos dias é profundamente verificado em seus escritos e apontado por Berman com a ideia de que “a modernização da cidade simultaneamente inspira e força a modernização da alma dos seus cidadãos”⁵⁵. O desafio consiste em modernizar para se sentir incluído, sem perder a essência e a identidade.

A modernização da alma é imprescindível para o indivíduo vivenciar as cenas do cotidiano na multidão no novo espaço moderno. Tais cenas cotidianas são lugar-comum atualmente, no entanto no século XIX eram revolucionárias. Os cafés, as grandes avenidas e os bulevares são os espaços de *la vie moderne*, a que todos têm direito, pois o homem está encantado com as luzes da cidade, querendo usufruir de toda a beleza e modernidade. Na clássica cena da família de pobre com andrajos, Baudelaire lê nos olhos daquela família o que podiam estar pensando, de como tudo ali era belo, mas do quanto poderiam se sentir deslocados. Confirmando sua tese, Berman leva o leitor para outra mesa, onde está um casal de

⁵⁵ BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Baudelaire: o modernismo nas ruas. Tradução Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p. 143.

namorados, em que o rapaz, com olhos de poeta, sensibiliza-se com a família, enquanto a moça se incomoda com a presença de andrajos e pede para afastá-los. “Devemos esperar, como Baudelaire às vezes esperou, por um futuro em que a alegria e a beleza, com as luzes da cidade, venham a ser partilhadas por todos”⁵⁶. Nessa oportunidade, observa-se que todas as formas de manifestação artística podem contribuir para o desenvolvimento da alteridade ainda não atingida, principalmente nos espaços públicos. Nesta perspectiva, o poeta, ou seja, aquele que enxerga a poesia, caminha livre e deseja libertar o outro da condição egocêntrica.

Esta experiência da modernidade no século XIX auxilia a compreender a modernidade do século XX com uma paisagem diferente. Um outro personagem dominará as ruas – o carro, cujo fascínio exercido é, para Berman, é traduzido em “O homem na rua se incorporará ao novo poder tornando-se o homem no carro”⁵⁷. Foi necessário outro *design*, outra rua, livre de pessoas, tudo para agilizar o trânsito. O século XIX conviveu com as transformações propostas por Haussmann, enquanto que, o século XX, pelas ideias de Le Corbusier (1929), com seu desejo de “matar” a rua, “um mundo espacialmente e socialmente segmentado – pessoas aqui, tráfego ali; trabalho aqui, moradias acolá; ricos aqui, pobres lá adiante; no meio, barreiras de grama e concreto, para que os halos possam começar a crescer outra vez sobe as cabeças das pessoas”⁵⁸.

Toda mudança ocorre em função de uma necessidade para o indivíduo usufruir de um espaço que o atenda. Tantas outras transformações serão necessárias e cabe ao homem ser o pintor da vida moderna, pois no tempo em que viver sempre existirá a modernidade e tudo o que ela trouxer de positivo e negativo. Importa ter a alma livre do poeta e extrair o melhor do outro e do lugar. Pode-se aprender com Baudelaire, a ser o homem da cidade moderna e enxergar a poesia no espaço, a construir halos em torno de nossos espaços, em torno de nós mesmos. Este aprendizado é cada vez mais atual, pois a modernidade é cada vez mais fluida, os espaços cada vez mais segmentados e o isolamento mais presente. O homem contemporâneo precisa vivenciar esta paisagem, experimentando-a; portanto, faz-se necessário observar experiências de paisagem, para se perceber como o sujeito pode interagir com o meio.

2.3 A experiência de paisagem de Goethe e Petrarca segundo Besse

⁵⁶ BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Baudelaire: o modernismo nas ruas. Tradução Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p. 150.

⁵⁷ *Ibid.*, p. 161.

⁵⁸ *Ibid.*, p. 162.

Para tratar de experiência de paisagem é importante tomar conhecimento da viagem de Goethe à Itália e de Petrarca ao Monte Ventoux para entenderem como a paisagem pode ser experimentada. A viagem tem sido uma constante na literatura de Ruffato, tanto daqueles que saem da cidade natal para metrópoles, quanto o inverso. Trabalhando nesta linha, o autor aceitou o desafio proposto pelo projeto Amores Expressos, que consistiu em enviar dezessete escritores para cidades diferentes do mundo para retratarem histórias de amor. O resultado foi o romance **Estive em Lisboa e lembrei de você** (2009), em que o protagonista Sérgio deixa Cataguases para viver em Portugal em busca de melhores condições de vida. Já em **O verão tardio**, há o retorno de Oséias para a terra natal, e, embora para todos fosse apenas uma viagem curta, com retorno breve, esta viagem propicia experiências intensas de expectativa de reencontros e acertos. Experienciar a paisagem não é apenas contemplá-la, mas [...] a experiência da paisagem é “se expor a”, “expor seu corpo a”⁵⁹. É a interação do sujeito imerso no meio, uma experiência sensorial.

A obra de Jean-Marc Besse, **Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**, auxilia a entender a experiência paisagística em uma viagem, bem como fornece base para entender conceitos importantes nesta discussão. São eles: como experienciar a paisagem, como habitar o espaço observando as questões de desenraizamento e a busca pela liberdade no espaço vivido. Um dos artigos de Besse trata de considerações sobre a edição **Viagem à Itália**, que analisa as impressões de Goethe a respeito de sua viagem realizada àquele país, à época de 1786. Fazia parte das tarefas escolares daquele período concluir os estudos com uma viagem, que era vista como uma necessidade para a formação do indivíduo, que se completa e verifica na natureza e nos homens o que se aprendeu nos livros.

Especialmente a Itália propiciaria a Goethe a oportunidade de ver o mundo, dada a sua riqueza paisagística e cultural. “Roma é uma escola que fará ressoar os esforços de Goethe na iniciação de si próprio”⁶⁰. A viagem de Goethe é vista como reconciliação, como um renascimento para habitar o mundo. O viajante verifica na paisagem o que se aprende nos livros. Para Besse, o viajante precisa encontrar na paisagem um quadro possível e um olhar intencional de pintor, para não apenas ver a natureza, mas a magia e o charme nela presentes. A Itália é o lugar propício para exercitar este olhar, como se bastasse estar ali, e no caso de Goethe, ele reencontra uma paisagem antes visitada desde a infância e reencontra o que já era esperado.

⁵⁹ BESSE Jean-Marc. **O gosto do mundo**: Exercícios de paisagem. As cinco portas da paisagem – ensaio de uma cartografia das problemáticas paisagísticas contemporâneas. Tradução de Annie Cambe, - Rio de Janeiro: EDUERJ, 2014.

⁶⁰ Besse, Jean Marc. **Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. Tradução de Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006.

Besse afirma que, devido à sobrecarga do que se vê na Itália, a paisagem torna-se para Goethe uma inquietude, mas ela o conduz a um renascimento e, tal qual uma criança inquieta, este viajante encontra repouso da alma, obtido com o contato com a natureza. Portanto, a viagem à Itália como atividade educativa passa pela iniciação, pelo reencontro e conduz à serenidade da alma. Tem-se um viajante, Goethe, iniciado já pelos livros em uma paisagem conhecida, estudada e admirada. Como seria a experiência de Oséias, que retorna para sua terra natal? Não se trata de uma viagem com fins educativos e de apreciação, mas de busca pelo passado, pela identidade e por reconciliação. Ao contrário de Goethe, não se trata de uma viagem de iniciação, pois Oséias está prestes a morrer, embora busque reencontrar-se e, enfim, obter a paz. Teria Oséias um olhar de poeta para conseguir enxergar a magia que Goethe viu na viagem realizada?

Não se trata de nenhuma magia, nenhum passeio específico, mas de uma viagem inesperada, visitando pessoas que não o aguardavam, vivendo a rotina de suas vidas. O leitor se ressentido de como o personagem é tratado pelos familiares, pelas pessoas em geral e constata a realidade de uma época vivida de modo automatizado. Foram recorrentes as situações parecidas com a cena que se passa na lanchonete. “Entro na lanchonete em que estive ontem, na rua da Estação, dirijo-me ao banheiro, mas o rapaz por trás do balcão me intercepta, “Vai onde?”. “Ao mictório”, respondo. “Tem que consumir alguma coisa”, ele diz. “Aqui não é banheiro público”, completa melindrado⁶¹. Esta paisagem encontrada é composta por pessoas indiferentes, que também são fruto de uma aspereza, de um individualismo próprios deste tempo.

Quando Oséias chega de ônibus à rodoviária da cidade, é acordado às pressas, pois, pelo seu estado, parecia estar desmaiado. Ele sonhava que estava afundando em uma areia movediça, em um lugar desértico. Esta sensação de deserto e sufocamento o acompanha pelas suas perambulações nas ruas. O calor escaldante era a companhia de horas em longas caminhadas, paradas em bares para se alimentar de comidas rápidas, gordurosas e acessíveis ao bolso. Nestas lentas caminhadas de verão, refazia toda a sua vida percorrendo o passado em uma autoterapia sufocante: “O suor escorre pela testa, pelo rosto, pela barriga. Ando devagar, sem rumo, buscando a sombra das marquises e dos toldos. Após a separação, perdi o gosto pelo trabalho”⁶². O sofrimento traz para quem sofre uma parada forçada para um autoexame, como é o caso de Oséias, mas as pessoas com quem ele se relaciona estão em outra fase da vida, envolvidas em seus dilemas, sem tempo para este olhar de compaixão, para ouvir alguém em

⁶¹ RUFFATO, Luiz. **O verão tardio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 180.

⁶² *Ibid*, p. 81.

uma situação bem especial. Talvez seja por isso que ele não revelara a ninguém sua condição de enfrentar uma doença em fase terminal, sendo assim, o contato com esta leitura desperta no leitor a sensibilidade para a escuta do outro.

Atormentado pela culpa que carrega e tendo pouco tempo para consertar o fracasso de sua vida, a paisagem não proporciona a ele a reconciliação, como acontece com Goethe, principalmente porque é tarde demais. Observa-se, na vida de Oséias, a migração forçada para sobreviver em outro lugar, a violência de paisagem de sair do lugar onde se vive para se adaptar a outro, somados aos dilemas enfrentados nas cidades mal planejadas, decadentes e abandonadas.

Além das considerações da viagem de Goethe, Jean Besse reflete também sobre a ascensão ao Monte Ventoux, por Petrarca, com os percalços, reflexões e inquietudes. Como Oséias, Petrarca encontra-se com a alma deslocada do lugar e precisa olhar para si mesmo para libertar-se e sentir-se livre em qualquer espaço. Para os historiadores, Petrarca foi o primeiro a encontrar a fórmula da experiência paisagística quando se propôs a subir o Monte Ventoux, de 1912 metros, e a contemplar desinteressadamente a paisagem lá de cima. Esta subida se deu pelo desejo primeiro de ver o lugar famoso por sua altitude.

O poeta, quando chega ao seu destino, logo pôs-se a escrever a carta destinada a Dionísio do Burgo, professor da Sagrada Escritura, a fim de não perder as impressões e toda a experiência da escalada, em deslocar-se para outro lugar, mudando a disposição de espírito e diminuindo o desejo de escrever-lhe. Ele utilizou-se da escrita para registrar as experiências da viagem, em carta bem elaborada e profunda, que exigiu uma reflexão e um exame de consciência mais denso.

Devido às facilidades de fotografar, filmar e editar fotos, atualmente ocorre a primazia pela imagem. Há um imenso desejo de ver e de registrar, mas, sobretudo, o de se fotografar em espaços únicos ou universais, povoados ou desertos, pontos turísticos ou desconhecidos. As pessoas fotografam-se especialmente diante da paisagem e divulgam amplamente as fotos em redes sociais. Por vezes, o investimento de tempo diante da paisagem é maior em *selfies* e filmagens do que propriamente em interagir com o lugar. Enquanto Petrarca escreve uma carta bem elaborada para registrar a viagem, a forma de registro na modernidade são inúmeras fotos, arquivadas em álbuns virtuais, armazenadas em *drives* e, muitas vezes, esquecidas.

O poeta escolhe o espaço para expressar-se, especialmente podendo aplicar a ideia de Santo Agostinho sobre esse desejo intenso do homem de ver⁶³. A viagem é feita na companhia

⁶³ AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Canção Nova, 2007.

de seu único irmão, após considerar vários amigos e descartar por vários motivos; um por ser loquaz demais, outro silencioso, preguiçoso e tantas outras características. Então, julgou que a companhia devia estar entre os seus, em família.

O Monte Ventoux ou ventoso é, de fato, escarpado e o terreno é quase inacessível, pela massa rochosa. Na caminhada, o poeta encontra um pastor de idade avançada que, com muitas palavras, procurou dissuadi-lo da subida, no entanto, o poeta lhe dá as costas, lançando-se pelo caminho com alegria, mas logo fica fadigado com o esforço excessivo. Ao contrário do irmão, Petrarca rumava em direção ao vale em busca de encontrar um caminho mais fácil para a subida, situação que o levou a pensar sobre os dez últimos anos de sua vida desde a conclusão de seus estudos. Pôde, portanto, concluir que:

Deves saber que aquilo que experimentaste tantas vezes hoje, ao subir a este monte, te acontece a ti e a muitos que querem ascender à vida feliz depois de muito errares nele, serás obrigado a subir ao cume da vida feliz sob o peso de um cansaço mal diferido, ou a cair, falto de energia, no vale dos teus pecados⁶⁴.

Ele entende que as dificuldades encontradas na ascensão representam a fraqueza de sua busca pela felicidade. Neste sentido, o lugar e as dificuldades da viagem proporcionaram a ele elementos para autoanálise. O monte, para Petrarca, representa o descanso para os olhos, descanso e um encontro consigo mesmo. Este encontro conduz o indivíduo inevitavelmente a uma experiência espiritual motivada pelas dificuldades físicas encontradas na subida, pois são similares às das resoluções espirituais, como observa Besse: “É de fato, no interior de um espaço, que é o do exame da consciência, que é a experiência da paisagem de Petrarca deve ser vista e não provoca exame de consciência, mas produz remorso e cólera⁶⁵. O poeta irrita-se consigo mesmo, pois ele tende a permanecer no mesmo erro quanto às escolhas do melhor caminho para ascender ao monte. Ele compara esta atitude à sua insistência em repetir os mesmos erros, quando se tem uma segunda chance.

Para Besse, a montanha representa o deserto, onde o poeta enfrenta seus tormentos psíquicos, dependendo inteiramente de sua vontade de querer. A carta relata a ascensão ao monte e a falta de resolução do poeta, que se julga acometido de um mal - a acídia:

⁶⁴ **Carta do Monte Ventoso Familiarium rerum libri Petrarca** (1353-1356) Trad de Paula Oliveira e Silva. Disponível em: <https://biosphera21.net.br/CRONOS/1100-1399/EUROPA/ITALIA/1353-1336-Petrarca-CartadoMonteVentoso-TradPaulaOliveira.pdf> . Acesso em 20/06/2022.

⁶⁵ BESSE, Jean. **Ver a terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. Tradução de Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 9.

A acídia seria o sentimento de tristeza próprio daquele que sabe muito bem o que tem que fazer, que conhece o obstáculo que o impede de cumpri-lo, mas que, no entanto, não faz nada de decisivo para sair dessa situação, e multiplica os desvios e as falsas razões pelas quais ele adia o momento da resolução autêntica. A acídia é essa tristeza da impotência diante de si próprio⁶⁶.

Para aqueles acostumados à amplitude e ao sossego, permanecer no cume não é um desafio, mas para o sujeito deslocado de seu lugar, habituado com a agitação das cidades, observar do cimo com ampla visão é algo desejável. No entanto, uma permanência no alto passa a ser algo inquietador e pode conduzir o sujeito à reflexão tão constante, que pode trazer inquietação. Olhar o mundo do alto é como olhar os problemas e as tensões interiores de um ponto privilegiado, como um narrador observador, capaz de tudo ver e tudo saber, por estar à parte da questão. Tem-se a impressão de afastar-se de pessoas e situações e conseguir avaliar, a certa distância e sem empecilhos, o problema. No entanto, a questão não é só topográfica, mas também espiritual; mesmo afastando-se, a alma atormentada continua bem perto e, inevitavelmente, o homem terá que olhar para dentro de si mesmo. Portanto, as tensões do poeta não desaparecem diante da paisagem, ao contrário: levam-no a uma introspecção maior ainda, conduzindo-o apenas a um exame de consciência e a uma alteridade interior, o que lhe leva a concluir que falta a ele a vontade e a sentir-se impotente diante de resoluções.

A busca incessante pelo lugar ideal e os constantes deslocamentos têm levado o homem a recorrentes viagens, diante do desejo de tudo ver e experimentar, desejando visitar, estar ou até mesmo permanecer em vários locais, um pouco em cada lugar. Esta é a busca pela felicidade, baseada na oportunidade de ver, podendo ser uma bênção, mas também uma maldição. É no deslocamento que o poeta italiano encontra não o remédio, mas, sim, a consciência de si mesmo, do que precisa mudar, do seu estado de alma e da busca por ser alguém mais resoluto.

Petrarca não conhecia os caminhos a serem percorridos e, por comodismo, buscava o melhor trajeto, que o atrasava ainda mais. Qual seria a melhor experiência de viagem? Estudar primeiro sobre o local a ser visitado – saberes, costumes e pontos turísticos ou experienciar a viagem e encontrar na paisagem a beleza do cotidiano, com olhar desprovido de julgamentos e impressões prévias? A paisagem está lá para ser visitada e as duas atitudes têm seus desafios e seus encantos. A julgar pela viagem de Petrarca, a paisagem não proporciona o consolo a ele, mas promove um autoexame, levando a descobrir que o consolo e a paz independem do lugar. O

⁶⁶ BESSE, Jean. **Ver a terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. Tradução de Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 4.

poeta nega o espaço e descobre que o primeiro espaço a ser habitado deve ser o interno.

Para o Cristianismo, a experiência da subida ao monte é simbólica e leva a uma ascensão espiritual. Para o poeta, segundo Besse, a experiência passa da contemplação da paisagem ao momento da compreensão de Petrarca de que os homens iriam admirar os cimos dos montes, as ondas do mar e se esqueceriam de si mesmos. Petrarca então se irrita ao perceber que, de fato, era exatamente o que se passa com ele. Ele nega o espaço, quando percebe que a ascensão constitui apenas um exercício físico e não espiritual e conclui que não há nada de admirável fora da alma.

A questão que se coloca então é a do homem diante da paisagem como um ser humano pleno, diante do espaço, diante do outro, mas, sobretudo, diante de si mesmo. Citando Fernando Pessoa, “tudo vale a pena se a alma não é pequena”⁶⁷ e é com esta alma de poeta que o espaço, visto do vale ou da montanha, ganha significação. Não é o lugar, mas é o que ele representa, quais memórias ele guarda, quais vivências e saberes ele segreda na alma de quem se conecta a ele. Somente uma alma com olhos de ver e com coragem para realizar é capaz de buscar a grandeza da alma para habitar o espaço e dar significação a ele. Isto é o que se aprende com a subida ao Ventoux.

Ao contrário de Petrarca, Oséias está em um vale e o descreve assim: “A cidade está feia, suja, fedendo a mijó. O lixo se espalha pelos meios-fios. Mendigos e camelôs disputam os passantes. Nos botequins, bares e restaurantes, televisores ligados hipnotizam os clientes. O calçadão da rua do comércio é uma vitrine de histórias”⁶⁸. Esta é a paisagem na qual grande parte das cidades se encontram – descuidadas pelo poder público, despreparadas para receber tantos habitantes e uma população hipnotizada com a tecnologia virtual.

Pode-se ver que ele será mais um caminhando por estas ruas, perdido em seus pensamentos, em busca de paz. Interrogado pela irmã sobre o motivo do retorno após duas décadas ausente, ele diz estar buscando a paz, ao que ela retruca: “Paz?! Aqui?! Hahahahaha. Você está de sacanagem comigo...”⁶⁹. Pelas reflexões de Oséias, percebe-se que a paz sentida um dia ficou distante, no passado, antes da tragédia com a Lígia. Ele reflete sobre a vida em hotéis e estradas, exigência da profissão que exercia e constata que nunca mais sentiu aquele sossego.

Aquela paz que sentimos ao chegar em casa, cerrar a porta, desligar do mundo. Aquela sensação de segurança – não, mais que isso, de ... de que

⁶⁷ PESSOA, Fernando. **Mensagem**. São Paulo: Abril, 2010

⁶⁸ RUFFATO, Luiz. **O verão tardio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 24.

⁶⁹ *Ibid.*, p. 36.

somos... invulneráveis! De que nada nem ninguém pode nos atingir, pois estamos protegidos, entre as quatro paredes, do nosso refúgio... De aço, as paredes; fora do tempo, o refúgio...⁷⁰.

Oséias prossegue refletindo sobre os momentos de bonança em sua vida naquela época e regride até a infância, quando passava as férias em Rodeiro – o trabalho na roça e as brincadeiras com os primos. Fecha a conta no hotel e se prepara para viajar para esta terra com tantas recordações. No trajeto, passará por várias cidades da Zona da Mata mineira até chegar a Rodeiro e vivenciar os últimos momentos desta curta viagem.

2.4 A Zona Da Mata na Modernidade Tardia

A experiência de paisagem é uma experiência sensorial, portanto, nesta parte do trabalho, busca-se investigar na obra como o personagem vivencia as cidades da Zona da Mata por onde passa, nesta busca por um lugar onde possa reviver o passado, viver os últimos dias e descansar eternamente. Patrício Carneiro e Ralfo Matos⁷¹ informam que a ocupação da Zona da Mata se deu bem antes do final do século XVII, com a crise da mineração, ou ao longo do século XIX, com a intensificação da atividade cafeeira. Na verdade, apesar de alguns historiadores creditarem esses eventos como marcos iniciais, há indícios veementes de moradias já na fase inicial da descoberta do ouro na região. Segundo os autores supracitados, dentre os fatores que contribuíram para a concepção de uma ocupação tardia – como se antes do século XIX nada existisse por lá além dos exploradores – está a descoberta do ouro (por volta de 1690), fato pelo qual a Coroa se viu empenhada em manter a mata como uma “terra sem ninguém”, para impedir o contrabando. Além disso, a mata era povoada por povos indígenas que, de forma natural, reagiam à invasão; além do fato de a própria mata ser uma barreira natural, de difícil desbravamento. Assim, contrários a esta concepção de ocupação extemporânea, os autores especificam que os movimentos de ocupação da região seguiram o padrão comum dos arraiais e vilas surgidos com a própria corrida do ouro, formando também uma agricultura mercantil de alimentos. Contudo, não havia expressão dos outros pontos da zona mineradora central, onde a aglomeração foi mais narrada pelos historiadores da época – já que mais nítidas e sem o impedimento da Coroa em sua divulgação.

⁷⁰ RUFFATO, Luiz. **O verão tardio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 4.

⁷¹ CARNEIRO, Patrício A.S. e MATOS, Ralfo E.S. **Geografia Histórica da Ocupação da Zona da Mata Mineira: Sobre o Mito Das" Áreas Proibidas**. Anais do XIV Seminários Rio sobre a Economia Mineira - Atas do 14º Seminário de Economia de Minas Gerais . Cedeplar, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Disponível em: <https://ideas.repec.org/h/cdp/diam10/081.html>. Acesso em: 22 de janeiro de 2022

Segundo o Atlas **Revelando minha cidade**, a Zona da Mata Mineira é uma das doze mesorregiões do estado brasileiro de Minas Gerais, formada por cento e quarenta e dois municípios agrupados em sete microrregiões. A Zona da Mata Mineira está situada na porção sudeste do estado, próxima à divisa dos estados do Rio de Janeiro e do Espírito Santo, com aproximadamente 35,7 mil km²⁷² e uma população de mais de 2 milhões de habitantes⁷³, conforme o novo quadro regional⁷⁴, adotado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Cataguases integra a “Região Geográfica Imediata” de Juiz de Fora – que engloba também Além Paraíba, Carangola, Juiz de Fora, Manhuaçu, Muriaé, Ponte Nova, São João Nepomuceno, Bicas, Ubá e Viçosa.

O personagem visita algumas cidades da Zona da Mata, como Cataguases, onde fica por quatro dias, e Rodeiro, por um dia. No trajeto de viagem entre estes dois municípios, percorre de ônibus as cidades Dona Euzébia, Astolfo Dutra, Sobral Pinto e Diamante. Por elas, consegue reviver diversas experiências sensoriais. Por várias vezes, Oséias limpa as lentes dos óculos na fralda da camisa, no entanto, o personagem relata o que vê e o que muitos não veem, emitindo opinião sobre o que enxerga.

Vagando pelas ruas, percebe nas pessoas o peso do cansaço da semana, aguardando o fim de semana para se livrarem dos fardos acumulados, quando a cidade entra em outro ritmo, mais lento, sem a preocupação com horários. “Percorro a calçada esquivando das mesas dos bares, sexta-feira, parecem todos agoniados para desvestir a roupa encardida da semana”⁷⁵. Oséias, mesmo sofrendo suas dores, ou até mesmo porque as sofre, consegue identificar a cena para além do que vê. “O ônibus para, embarcam operários da Industrial que largaram do serviço às seis horas, amontoam no corredor, transpirando, agarrados nos varões, os rostos cansados”⁷⁶. Ele não enxerga apenas pessoas, mas pessoas cansadas. Isto é próprio de quem se preocupa com o outro.

Relata também o que vê, mas que, com certeza, não gostaria de visualizar. “Fixada

⁷² Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Resolução nº 5 de 10 de outubro de 2002**. Imprensa Nacional. Diário Oficial da União - Seção 1 (198): 57–60. ISSN 1676-2339. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Zona_da_Mata_Mineira#cite_note-DOU_%C3%81rea2002-1. Acesso em: 21 de janeiro de 2022.

⁷³ FERREIRA, Frederico Poley Martins; RIBEIRO, Adriana de Miranda; RIANI, Juliana Lucena Ruas; MARINHO, Karina Rabelo Leite; CAMARGOS, Mirela Castro Santos. **População e políticas públicas - tendências e cenários para Minas Gerais**. Belo Horizonte-MG: Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG)

⁷⁴ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2017). **Base de dados por municípios das Regiões Geográficas Imediatas e Intermediárias do Brasil**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_regi%C3%B5es_geogr%C3%A1ficas_intermedi%C3%A1rias_e_imediatas_de_Minhas_Gerais#cite_note-IBGE_DTB_2017-1. Acesso em: 22 de janeiro de 2022.

⁷⁵ RUFFATO, Luiz. **O verão tardio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 174.

⁷⁶ *Ibid.*, p. 123.

numa estaca de madeira, uma bola branca contornada por um círculo vermelho, escrita Ônibus em preto, perfurações a bala no ó e no bê”⁷⁷. A violência nas cidades é um problema de todos, alterando a paisagem com a implantação de grades, muros altos e cercas. Há também o que o personagem gostaria muito de ver: “Às vezes penso desencavar, no meio da multidão, num rosto de antigamente, ou um rosto de agora, no qual identifico fisionomias do passado, e que devem ser filhos ou netos de gente que conheci”⁷⁸. As pessoas conhecidas que encontra são os familiares que ele reencontra, uma ex-namorada e o prefeito, amigo de infância, que, a custo, o atende na prefeitura. Andar pelas mesmas ruas e não encontrar com as mesmas pessoas é como se estar em um lugar diferente, o que inevitavelmente promove o sentimento de deslocamento, de inadequação.

Oséias ouve os sons da rua, as conversas nas calçadas, as queixas dos irmãos e não ouve sobre o que precisava – falar sobre a morte da irmã. Ouve atentamente a todos, como que se despedindo, interessado nas respostas para as perguntas que ele lhes fazia. Eram perguntas simples sobre interesses particulares de cada um deles.

Também ouve sobre o último ônibus que fora assaltado, sobre a devastação das últimas enchentes, sobre a política e seus percalços, sobre coisas banais. Dá destaque para o barulho das buzinas incomodando os diálogos, mas também chama atenção para os sons dos pardais, mencionados várias vezes: “As buzinas frenéticas dos carros enfileirados misturam-se ao pipilar dos milhares de pardais que em enormes bandos retornam às árvores para, empoleirados nos galhos, vencer a noite comprida”⁷⁹. Descreve, com detalhes os sons da cidade se despertando pela manhã e o cair da tarde, o que causa a impressão de se viver sempre o mesmo dia, coincidindo sempre com as mesmas ações praticadas por ele durante a viagem.

Quais são os cheiros das cidades? Cheiro gostoso do café nos bares, das comidas nos restaurantes, embora haja relatos como: “O córrego Lava-Pés fede à esgoto. Quando chove forte nas cabeceiras, transborda, devolvendo a bosta e o mijo que recebe dos casarões às suas margens”⁸⁰. “Do coreto vem o fedor, um mendigo dorme sobre um pedaço de papelão, escoltado por um viralata de pelo amarronzado”⁸¹.

A falta de emprego, de profissionalização para o trabalho, a falta de incentivo ao homem do campo são alguns dos fatores que contribuem para a desigualdade e a ocorrência de pessoas em situação de vulnerabilidade. As cidades, principalmente, vivenciam as consequências em

⁷⁷ RUFFATO, Luiz. **O verão tardio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 126.

⁷⁸ *Ibid.*, p. 117.

⁷⁹ *Ibid.*, p.83.

⁸⁰ *Ibid.*, p.28.

⁸¹ *Ibid.*, p.117.

relação a esses fatores que são evidenciados na narrativa de **O verão tardio**.

Quanto às sensações e ao toque, em especial, nesta experiência sensorial, Oséias toca no cachorro Galego, por quem se afeiçãoou, cumprimenta o irmão João Lúcio com um aperto de mãos e recebe um caloroso abraço da irmã, Isinha. Com exceção desses momentos, tudo é sequidão, como mostra a narrativa: a pele de seu rosto vincada, rugas na testa e no canto dos olhos, a barba perfurando o rosto e a pele ressecada. Assim são as autodescrições de seu aspecto físico ao se tocar.

Durante a viagem, Oséias degustou nos bares da cidade salgados gordurosos, refrescos açucarados e muita água para aplacar o calor. Nas casas dos irmãos, teve diferentes experiências ao redor da mesa. Na casa de Rosana, um lar de classe média, os personagens travam um diálogo difícil, áspero e indigesto, discordando em tudo. Ela serve uma tábua de frios e vinho, prática e sofisticada, mas trata-o com frieza. Já na casa da Isinha, classe baixa, é recebido fraternalmente e a irmã se desdobra para preparar um almoço especial, fazendo-o lembrar-se da comida da mãe. A mesa é compartilhada em família, com simplicidade e afeto. Isinha se divide entre cuidados com os netos, filhos, marido e casa e dar atenção ao irmão, a quem não via há décadas. João Lúcio, irmão pertencente à classe alta, que curtia solitário seu churrasco, recebe o irmão que chega de surpresa e, juntos, passam um tempo conversando a partir das perguntas e lembranças de Oséias.

Nesta paisagem da Zona da Mata, observa-se na descrição uma mudança de tom na narrativa de Oséias à medida que se aproxima dos lugares que relembram os dias felizes da infância. Conta como eram as viagens de trem que a família fazia para a roça em Rodeiro, a caminhada juntos até chegar à casa dos avós, a merenda que comiam pelo caminho, as paradas nos bares para o picolé e a Coca-Cola. Ao chegar nestas paragens, constata que “a cidade alastrou, como fogo em mato seco, rápido e descontrolado”⁸². Caminhando em direção onde ficavam as terras do avô, ressentido-se, pois a roça está deserta, tomada por capim braquiária e moirões caídos.

Tanto a cidade quanto o campo estão necessitados de atenção e investimento. As implicações do conceito de paisagem como cultural são: Como o poder público lida com o espaço público? Que critérios precisam ser elaborados para preservar uma paisagem? Como o grupo ao qual se pertence interpreta a vida na cidade? Como o “flâneur”, os poetas e escritores que vivem na cidade, usufruem do espaço? No entanto, a maior implicação reside no conflito, na disputa por causa das memórias distintas e, portanto, em decidir o que vai desaparecer e o

⁸² RUFFATO, Luiz. **O verão tardio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 200.

que vai ficar. Percebe-se, nas falas de Oséias, pelas várias descrições sobre a paisagem das cidades visitadas por ele, o olhar atento daquele que, afastado por duas décadas, consegue perceber diferenças significativas na interação do homem com a cidade. Faz observações quanto à conservação dos bens públicos, como as pessoas se tratam, o que foi preservado e o que foi alterado, de acordo com suas memórias.

A paisagem é dinâmica e as pessoas também mudam o tempo todo, então, a memória não representa a realidade de todos os viventes, pois os indivíduos não recordam de forma única, possuem diferentes olhares sobre o que os cerca. Sabe-se que “os produtos gerados pelas classes populares são mais capazes de representar a história local, adequando às necessidades presentes dos grupos que os fabrica, mas a memória popular, à medida que depende das pessoas, “é uma memória curta”⁸³, pois não dispõe dos recursos para alcançar a profundidade histórica obtida pelo patrimônio reunidos pelos intelectuais na universidade.

Para David Lowenthal, “a percepção de que a memória forma a identidade é relativamente recente”⁸⁴. A memória é individual, subjetiva e nos conecta ao passado como já dito, e ela ajuda a construir a história, que é o contrário da memória, porque é verificável. A natureza coletiva da história aparta-a da memória, porém, a memória, quando coletiva, aproxima-se da história, criando identidade – algo extremamente importante.

A história é feita de continuidades e rupturas, a partir de narrativas socialmente construídas e, junto com a memória, são as categorias de análise do passado. Diante desta impossibilidade de representar o passado na íntegra, alguns autores criam lugares imaginários, como, por exemplo, a ilha Utopia, de Tomas Morus, ou o encantador país da Cocanha. Estes são lugares de fato “estrangeiros, estranhos”, mas cada narrativa concreta que um historiador se propuser construir é uma tentativa de, ainda que seja um país estrangeiro, poder revisitar partedo passado a fim de entender o presente.

Lendo o artigo de Gavua sobre o Cais do Valongo e suas considerações sobre os lugares de memória, é possível entender que não é o lugar simplesmente que importa, mas é o que ele representa, as lembranças suscitadas por ele tornando um lugar de memória. Como afirma José D’Assunção Barros, “até mesmo a escolha do lugar a ser alcançado ou visitado não é mera questão de apontar o dedo para um ponto do mapa, pois este lugar deve ser também ele construído a partir da imaginação e da criatividade do investigador”⁸⁵. A paisagem da cidade deve ser sempre pensada de forma coletiva, com a participação de diversos segmentos da

⁸³ CANCLINI, Néstor Garcia. O patrimônio Cultural e a construção do imaginário nacional. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília, nº 23, p.94-115, 1994.

⁸⁴ LOWENTHAL, David. Como conhecemos o Passado. **Projeto História**, São Paulo, n. 17, 1998, p. 84.

⁸⁵ BARROS, José D’Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 2.

sociedade para se decidir como e o que preservar.

Ao conversar com os irmãos, Oséias percebe que cada um lidou com o passado que os cerca de forma particular, vivendo suas vidas ainda em percurso. Como Oséias já está no fim da sua caminhada, o passado ganha um significado mais intenso, urgente de ser revisto. Para o leitor, esta oportunidade de comparar a visão destes personagens em situações, etapas e classes sociais diferentes torna mais rica a temática da trajetória da vida e sua relação com o meio e com as pessoas na contemporaneidade.

3 PAISAGEM EXPERIENCIADA

“Antes mesmo de ser o descanso dos sentidos, a paisagem é a obra da mente”⁸⁶.

Simon Shama

3.1 A viagem de Oséias ao microcosmo

Há vários caminhos a seguir para contar sobre a viagem de Oséias. No entanto, o percurso será guiado por três fases da viagem de Goethe à Itália: a iniciação, o reencontro e a serenidade da alma. Partindo por este norte, será contemplado o início da viagem, com suas expectativas, seguido dos “reencontros” com pessoas, paisagens e memórias pelo meio do caminho; e por fim, a verificação da serenidade da alma encontrada ou não como resultado desta aventura. Não se trata de uma viagem romântica cheia de peripécias, mas de uma história cujos fatos relevantes para esta pesquisa serão pinçados, a fim de mostrar tanto o viajante, quanto o espaço visitado.

A história é contada pelo protagonista, portanto, o leitor tem uma visão limitada da narrativa, devendo este aproveitar as pistas e se precaver como leitor atento na tentativa de abstrair do que se lê, levando em consideração todo o contexto em que o narrador-personagem vive. A paisagem e as considerações do fluxo de consciência ganham relevância ainda maior neste tipo de narrativa realista de cunho psicológico. Oséias é um indivíduo de classe média baixa, aposentado, divorciado, pai de um filho envolvido com drogas e com o qual mantém um relacionamento distante. A partida de Oséias se dá de São Paulo, com chegada a Cataguases em três de março, e término da viagem no dia oito do mesmo mês e mediante as pistas do texto, noano de 2015.

A narrativa inicia-se com o narrador-personagem contando o episódio de sua chegada a Cataguases, um misto de pesadelo e mal-súbito ao ser acordado pelo trocador do ônibus que se assusta com o estado de Oséias, meio dormindo, meio desmaiado. É narrada de uma só vez em um único parágrafo, dentro de um total de duzentas e trinta e três páginas, de terça-feira, três de março a domingo. Em forma de diário, todos os cinco capítulos iniciam-se com o despertar de Oséias e encerram-se com a necessidade de descanso após um dia exaustivo de buscas, relatando os *flashbacks* em um fluxo do consciente. Através deste fluxo de memórias, o leitor compreende, aos poucos, a história que se descortina. No último dia, em vez de uma

⁸⁶ BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo: Exercícios de paisagem.** As cinco portas da paisagem – ensaio de uma cartografia das problemáticas paisagísticas contemporâneas. Tradução de Annie Cambe. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2014.

cama de hotel, Oséias escolhe um lugar alto, aberto e significativo para o derradeiro sono.

Ao final de cada dia relatado, o autor utiliza parênteses como a indicar uma continuidade nos pensamentos confusos de Oséias, antes de pegar no sono. A curiosidade é que estes parênteses, que normalmente vêm com reticências, sinalizando sentimentos facilmente identificáveis, apresentam-se vazios. Talvez seja para sugerir ao leitor o vazio existencial do personagem, ou a sugestão de que a vida poderia terminar e não houvesse o amanhã para ele, já que ele estava vivenciando uma doença em sua fase terminal ou ainda fechar para o leitor a possibilidade de completar aquelas reticências, pois só quem tem a possibilidade de fazê-lo é aquele que busca por respostas.

Os capítulos terminam sempre na metade da página e a narrativa do dia que segue começa também no meio da página, o que colabora para permitir ao leitor um respiro, recuperando-se da viagem na companhia deste que compartilha tantos remorsos, dúvidas, inquietações e algumas alegrias.

Durante a narrativa, cria-se o perfil de Oséias, ora definido por ele, ora pelo desenrolar dos fatos e diálogos. Ele surge em Cataguases, repentinamente, apenas com uma mochila nas costas, um diagnóstico ruim e orientação médica para aproveitar o tempo restante de vida. A doença causava náuseas e engulhos e piorava com a alimentação *fast food* em lanchonetes. Era um sujeito magro, por isso o apelido “Peninha”.

Embora Oséias seja um sujeito do século XXI, ele está literalmente preso ao passado, buscando revisitá-lo. Desde os tempos de escola, deixava as pessoas o convencerem, para não se aborrecer e, desta forma, elas se retiravam e ele ficava só; isto o transformou em personagem dele mesmo. Para a irmã, Rosana, Oséias era um espírito das sombras que se alimentava do sofrimento alheio. Para Marília, a ex-mulher, ele era amargurado, infeliz e nada para ele estava bom.

Como a pessoa se vê reflete muito na forma como é visto pelos outros, bem como as memórias, remorsos e rancores do passado interferem em como o sujeito interage com o espaço. Por isso, tais declarações das pessoas mais próximas a respeito dele colaboravam para compor sua figura. Para emitir uma declaração de Oséias por ele mesmo, eis a auto definição: “Sou um fantasma assustado esbarrando em corpos que se movem alvoroçados pelos territórios do passado”⁸⁷. Ele já se sentia meio morto, a doença já estava avançada e seu espírito vivia preso às memórias do passado, quanto à culpa em relação à morte da irmã, Lígia.

Oséias é a forma portuguesa do nome hebraico *Hoshe'a*, que significa “salvação”. O

⁸⁷ RUFFATO, Luiz. **O verão tardio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 60.

personagem volta com a intenção de salvar a si mesmo da culpa que o atormenta e reparar, de alguma forma, sua ausência, além de, se possível, unir a família em um encontro. Para os israelitas, o nome traduz a pessoa e conforme a importância de sua história, alguns, no texto bíblico tiveram o nome mudado, como, por exemplo, Abrão, que passa a chamar-se Abraão; Jacó, torna-se Israel; e Oséias, substituto de Moisés, tem o nome trocado para Josué. Apresentado o personagem principal, passa-se à interação deste com as pessoas estranhas ao círculo de amizade e com a paisagem, para, posteriormente, tratar-se do reencontro com a história e a paisagem relacionando mais diretamente a ele.

Na quarta-capa de **O verão tardio**, lê-se em letras graúdas - “uma trágica jornada em meio ao desencanto do Brasil contemporâneo”. Através da história contada por Oséias, consegue-se perceber este desencanto, evidenciado na falta de alteridade demonstrada por atitudes e, especialmente, pela falta de comunicação presentes na modernidade tardia. É possível que alguns leitores brasileiros estranhem, achem exagerado e afirmem que nas cidades pequenas e médias não se observam tais comportamentos de forma tão acentuada. Espera-se um resultado positivo neste suposto exagero retratado na obra, evidenciado no comportamento das pessoas e na descrição de uma cidade violenta. Alguma revolução há de operar no leitor – como um solavanco, um soco no estômago, uma chacoalhada para acordar o ser humano de um sono e provocar alguma mudança, rumo à alteridade.

Oséias sentia-se anônimo e invisível em São Paulo e, quando chegou à metrópole, caminhava pelas ruas interessado nas pessoas, em adivinhar suas histórias, o que dava a ele uma noção de existência, ao se reconhecer em outras pessoas com as quais se identificava. Não explorava a cidade como um *flâneur*, mas para afastar a solidão: “Ali, naquela espécie de purgatório, reconhecia criaturas semelhantes a mim, assombradas, mas decididas, inseguras, mas rijas, e isso confirmava, de algum modo, que, embora pouco mais que nada, eu existia”⁸⁸. Toda esta “alteridade” se desfez quando conseguiu emprego, conheceu Marília e pensou ter atingido a própria felicidade, e então desinteressou-se dos outros.

Assim que Oséias desembarca em seu retorno a Cataguases, já é mal atendido pelo dono de um bar da rodoviária, antigo conhecido:

Ele se volta colérico, os olhos injetados, apoia-se no balcão, espantando os mosquitos, e grita, interrompendo-me: “Que papo é esse, cara?! Não vem com conversinha fiada, não! Você me conhece? Foda-se! Eu não te conheço! E nem quero conhecer, entendeu? Toma seu café quietinho aí e dá o fora! Seu hálito azedo embaçou meu rosto”^{89, 85}.

⁸⁸ RUFFATO, Luiz. **O verão tardio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 14.

⁸⁹ *Ibid.*, p. 13.

Será que é um exagero? Chega a ser incompreensível esta atitude, principalmente por parte de um comerciante. Oséias parte para a casa da irmã Rosana para lá se hospedar. Ele é muito bem recebido pela sobrinha, que diz ser incompreendida pelos pais, conhece bem a dor da indiferença e define sua família com uma metáfora interessante: “Somos planetas errantes naquela casa, tio. De vez em quando nossas trajetórias se cruzam, quase nos destruimos. Apesar de nos rejeitarmos, a nossa sobrevivência depende uns dos outros. Forças magnéticas... As órbitas...”⁹⁰. É uma definição forte, que aponta para a falta de diálogo presente entre pessoas que orbitam no mesmo espaço.

Diferentemente da sobrinha, a empregada Kelly o observa com desdém, dá de ombros a algum comentário que ele faz, demonstrando indiferença, e responde monossilabicamente manifestando raiva por ter que atender a mais um na casa. Aos poucos, há uma transformação de atitudes e Oséias estranha e crê que sua feição deve estar péssima, pois até a Kelly muda de um tom áspero para um mais delicado. Ele consegue conquistar a simpatia da moça, servindo, ele mesmo, o próprio café e recusando a xícara e o pires, mas a conquista de vez quando começa a perguntar sobre os interesses dela, como há quanto tempo trabalhava ali, pergunta pelo marido e filhos e então ela compartilha com ele suas histórias bem-humoradas. É interessante observar como o ser humano quer ser notado, receber atenção e, nesse desafio da alteridade, alguém tem que se interessar primeiro pelo outro.

Também há um outro encontro interessante nesta viagem quando Oséias se depara com uma ex-namorada, Marilda. Ela fala o tempo todo, fazendo perguntas cujas respostas ela nem ouve, interessando-se mais a se mostrar como vive e suas experiências. Conversam sobre o passado e então ela propõe ficarem juntos: “Você podia ficar em Cataguases, Peninha, já pensou? [...] A gente não consegue mudar o passado, mas pode determinar o futuro, não é verdade?”⁹¹. Então, Marilda fala sobre como o filho controla a vida dela, e Oséias sai sem titubear daquele presente que já se apresenta conturbado, principalmente diante de um futuro do qual ele não dispõe.

Após várias tentativas para encontrar-se com o prefeito Marcim, amigo de infância, este o atende entre uma conversa e outra com o motorista e secretárias, e, mal olhando para ele, curiosamente diz: “Nossa, Peninha, foi ótimo mesmo te ver assim, com saúde, bem, precisamos nos encontrar mais, heim! Ó, qualquer coisa que precisar, não se acanhe, é só

⁹⁰ RUFFATO, Luiz. **O verão tardio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 40.

⁹¹ *Ibid.* p. 75.

falar...”⁹². O diálogo eficaz se estabelece entre um eu e um tu prontos para falar e ouvir reciprocamente em interação um com o outro. Estar aberto ao diálogo é se converter ao coração do outro, ouvindo-o sem formular respostas enquanto se ouve, colocando-se no lugar do outro, interessando-se de fato por aquilo que a pessoa tem a dizer. A esse respeito, afirma Buber que: “O homem que vive no arbitrário não crê e não se oferece ao encontro. Ele desconhece o vínculo; ele só conhece o mundo febril do "lá fora" e seu prazer febril do qual ele sabe se servir. Basta dar ao poder de utilização um nome antigo para ele tomar lugar entre os deuses”⁹³. Parecer cortês com as palavras e acrescentar sorriso ao rosto ao conversar com alguém, sem interessar de fato em ouvir, não garante um diálogo, mas só deixa claro o monólogo egoísta.

Enquanto o padre, que é abordado por Oséias na praça, parte apressadamente e deixa o número do telefone para posterior contato, um cão aproxima-se a ele voluntarioso. Em vão, por vários dias, Oséias se dirige à prefeitura para dar apenas um oi para o prefeito, antigo amigo de infância. Nestas idas, reencontra várias vezes o cão, seu novo amigo, a quem nomeou de Galego, com quem conversa e reflete sobre vários assuntos, chegando a comparar a vida daquele vira-lata à sua.

É interessante observar na obra quase uma humanização dos animais, levando o leitor a refletir sobre as atitudes do indivíduo e avaliar o nível de humanidade que ele demonstra, como, por exemplo, referindo-se ao cão que acabou de conhecer: “Aliás, quem lembra de mim? Ah, sim, Galego, não sejamos injustos. Nos vimos uma vez só e você tomou gosto pela companhia [...] Se fosse você, jovem, porque você parece jovem, essa alegria nos olhos só acomete os jovens, se eu fosse você daria logo um jeito de arrumar uma companheira [...]”⁹⁴. Também se observa a zoomorfização das pessoas – característica tão marcante nos romances naturalistas cientificista do século XIX – que demonstra ações movidas, às vezes, mais pelo instinto do que pela racionalidade. “[...] desço as escadarias contemplando a praça Santa Rita, no parquinho babás e mães recém-paridas apascentam bebês, embevecidas, cruzo a rua”⁹⁵. “A grávida berra, ‘Ele roubou meu celular!’”⁹⁶. Cabe pensar, portanto, sobre o que tem levado o ser humano a tal animalização. Seria fruto do meio e herança genética como explicava os naturalistas no século XIX?

A leitura leva a pensar se o ser humano deve aceitar este comportamento desta forma

⁹² RUFFATO, Luiz. **O verão tardio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p.147.

⁹³ BUBER, Martin. **Eu e tu**. Tradução do alemão e notas por Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001, p.78.

⁹⁴ *Ibid.* p. 84

⁹⁵ RUFFATO, Luiz. **O verão tardio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 148.

⁹⁶ *Ibid.*, p. 110.

tão determinista ou se seria possível mudar, já que o ser humano está em construção, ainda que o meio e a genética contribuam para um tipo de comportamento. Estas são respostas que não cabem ser respondidas com teoria, mas observadas na prática, muitas vezes estimulada pela leitura de um livro, uma obra de arte ou uma música que toque e provoque um pouco, a cada dia, uma mudança, mesmo que pequena.

Os dias da viagem de Oséias são repetitivos como em um circuito fechado, pois a rotina é definida como algo mais ou menos fixo, acontece quase a mesma coisa todo dia, a exemplo da passagem: “Atravesso o corredor escuro, abro a porta do quarto, acendo a luz, largo a mochila no chão, suspiro. [...] “Abro a porta, atravesso o corredor, entro no banheiro, acendo a luz. Corro o zíper da calça, urino. Seja breve. Deixe o banheiro limpo para o próximo. O próximo pode ser você. Dou descarga, lavo as mãos” [...]”⁹⁷. Como as ações são sempre muito previsíveis, alternando caminhada pelas ruas e hotel, sobressai o foco nas narrativas em *flashbacks* e fluxos do consciente, dando mais ênfase aos conflitos internos – o redemoinho psicológico vivido pelo personagem. Oséias está com todas as energias voltadas a encontrar paz em sua cidade, com as pessoas e, sobretudo, livrar-se da culpa pela morte da irmã Lígia. Ao ler “o próximo pode ser você”, sugere ao leitor um outro sentido, que é o prenúncio da sua própria morte, que, para ele, segundo diagnóstico médico, era certa.

Feito este preâmbulo dos contatos estabelecidos por Oséias nesta viagem, com pessoas que não fazem parte de um círculo mais fechado de sua história, passa-se a percorrer com ele por outros caminhos, para verificar a paisagem encontrada. A Itália propiciou a Goethe ver o mundo, promovendo um renascimento, no berço do Renascimento, uma paisagem que, de fato, era propícia para exercitar o olhar. Nesta pesquisa, pretende-se pensar sobre a viagem de Oséias, um homem comum, em uma terra que não é a terra do clássico, da arte renascentista, mas uma cidade de interior na modernidade. Enquanto o poeta italiano renasce em sua viagem, Oséias viaja para buscar seu lugar para morrer. Ele entende que fracassou e que chegou tarde demais.

Primeiramente, Oséias se hospeda na casa de sua irmã Rosana, mas transfere-se para um hotel, o Hotel dos Viajantes, para onde ele vai apenas para dormir. Gasta o dia em caminhadas, o que propicia a ele e ao leitor momentos de reflexão sobre a cidade, as pessoas, as memórias e as perspectivas. Tudo o que se vê gera um reboiço de porquês, senões e de divagações. “Onde ir? O que fazer? Nem sombra do Galego. Caminhar, caminhar, caminhar... Como se resolvesse. Pelo menos canso”⁹⁸. Outra ação praticada muitas vezes e que é

⁹⁷ RUFFATO, Luiz. **O verão tardio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 179.

⁹⁸ *Ibid.*, p. 120.

evidenciada é a limpeza das lentes dos óculos. “Limpo os óculos com a fralda da camisa, mas as lentes embaçam ainda mais”⁹⁹. Esta ação pode sugerir exatamente a necessidade de enxergar as lacunas da sua história e querer compreender melhor a história do Brasil atual pelas lentes de Cataguases como representação, sugerindo que não encontra possibilidade de nitidez, de clareza, mas de obscuridade.

Os seguintes trechos exemplificam esta paisagem da modernidade, em alguns lugares mais acentuada e em outros, menos. O recepcionista do hotel faz algumas recomendações de alerta para Oséias. “A cidade é boa, muito boa, mas o senhor sabe né, hoje em dia hehehe, então, se o senhor por acaso, por acaso, chegar tarde, tome cuidado, não que a cidade seja periculosa, hehehe, mas preciso avisar, precaver, aqui tem muito mendigo, muito cracudo, é, muito cracudo hehehe, é a crise [...]”¹⁰⁰. Caminhando pela cidade, ele constata, de fato, o que o recepcionista disse.

A cidade percebida pela leitura da obra tem supermercados entulhados de gente, pessoas suadas e esbaforidas pelo passeio, coletivos lotados onde homens e mulheres se espremem, mulheres andando rápido abraçadas à bolsa à frente do corpo. As casas se tornaram fortalezas, mendigos dormindo em papelão, marcas de bala em placa de ônibus, assaltos à mão armada por pivetes, adolescentes drogados, onde se deve evitar andar com mochila nas costas, para não ser assaltado, trânsito congestionado e calçadas tomadas por camelôs. Esta é a realidade de muitas cidades maiores e, à medida que as menores crescem, sem planejamento, avolumam-se os problemas descritos.

Oséias descreve uma cena assistida por ele da janela do hotel. Começa com o roubo de um celular de uma grávida e a movimentação ao redor: uns xingando, acusando, ameaçando e filmando a cena com a gestante passando mal, desmaiando e sendo levada para o hospital. O suposto adolescente infrator é esquecido quando a grávida começa a passar mal e as atenções de todos se voltam para este novo problema que surge. Percebe-se uma agitação em torno de um espetáculo e a impressão é a de que a sociedade vive encenando ou assistindo a tudo para comentar, compartilhar e esquecer rápido à medida que outra cena se sobrepõe à primeira.

Isinha, irmã de Oséias, aponta uma das principais causas da violência nas cidades, quando questionada sobre o bairro onde mora: “O Bairro aqui é bom? “Igual a todo lugar. Tem vizinhos decentes, outros nem tanto... O problema é a droga. Os jovens não têm nada pra fazer, ficam o dia inteiro zanzando daqui prali...”¹⁰¹. A ociosidade vivenciada pelos jovens também

⁹⁹ RUFFATO, Luiz. **O verão tardio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 105.

¹⁰⁰ *Ibid.*, p. 113.

¹⁰¹ *Ibid.*, p. 170.

fica evidente e requer sempre medidas de investimento nas zonas rurais, para conter o êxodo rural e o inchaço nas cidades, implementação de cursos profissionalizantes e programas bem estruturados, independente da troca de mandatos políticos, continuem a funcionar.

Tal qual o clima quente que envolve a paisagem, está o personagem caminhando pelas ruas, exausto, esgotado mentalmente, revivendo em seis dias todos os dias da vida, pesando nos ombros os remorsos e o sentimento de fracasso, de não ter para onde ir. Estava exausto fisicamente, sentindo o agravamento da doença:

Atravesso ruas de terrenos baldios, o mato ressequido, sem cruzar vivalma, apenas um cavalo magro observa a tarde com olhos tristonhos. Ao longe, distingo à praça da estação, anarquia da cidade nos pontos de ônibus, mulheres se abanam com leques improvisados, a testa merejada, os corpos lassos. Dos paralelepípedos alastra uma caloria que escalda as pernas e empena a paisagem¹⁰².

O narrador traz à memória as casas geminadas onde morou, que eram, em todos os verões, atingidas pelas águas do Pomba que estragavam os móveis, umedeciam as paredes e adoeciam as crianças. A viagem de Oséias coincide com “as águas de março fechando o verão”, então, os encontros e caminhadas pelas ruas têm como cenário pesadas tempestades, lembrando as enchentes comuns também nesta época: a “enchente das goiabas”, comumente denominada assim na tradição popular, no interior, principalmente o mineiro. As goiabeiras à beira dos rios, cujos frutos amadurecem em janeiro e em março, com os ventos e chuvas facilmente caem, portanto, as frutas são levadas pelas inundações causadas pelo excesso de chuvas no mês de março. Especificamente, o dia 19 de março é dia da “enchente das goiabas”.

As famílias que vivenciaram a trágica experiência das enchentes ficam marcadas e este é o caso da família de Oséias. A irmã, Rosana, conta que tem pesadelos com a casa, o rio subindo, os móveis sendo retirados rapidamente e a luta contra a força das águas¹⁰³.

Martin Buber classifica a solidão em dois tipos: uma construtiva e outra destrutiva. Oséias isola-se da família movido pela culpa, formando posteriormente a própria família da qual se distancia por falta de comunicação e companheirismo e se vê só e doente. Quando percebe, a vida está no fim e resta tentar viver os dias buscando reconciliar-se com sua história:

Ademais, há dois tipos de solidão segundo aquilo a que elas se propõem. Se a solidão é o lugar onde se realiza a purificação como se faz necessária para

¹⁰² RUFFATO, Luiz. **O verão tardio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 76.

¹⁰³ *Ibid.* p. 89.

aquele que está vinculado antes de penetrar no Santo dos Santos, mas necessária também no meio de suas provações entre a queda inevitável e a subida para comprovação, então, é para a solidão que somos feitos. Porém, se a solidão é uma fortaleza da separação, onde o homem mantém um diálogo consigo mesmo, não com o intuito de pôr-se à prova e de dominar-se em vista do que o espera, mas para desfrutar a complexão de sua alma, tal é a verdadeira decadência do espírito na espiritualidade. Tal decadência pode aumentar até o último abismo onde o homem iludido imagina possuir em si Deus e falar com ele. Mas, embora Deus nos envolva e habite em nós, jamais o possuímos em nós. E podemos falar com ele somente na medida em que nada mais falar em nós¹⁰⁴.

Não cabe aqui chegar a uma conclusão de qual solidão Oséias experimenta, se aquela que conduz à purificação ou àquela que o joga em um abismo. É fato que ele precisava de algo novo e transformador, algum elemento novo a ser dito por alguém conhecedor do dilema que o aprisionava, libertando-o da culpa que sentia pela morte da irmã. Observa-se, na modernidade, a falta de alteridade, como exposto por Ruffato em **O verão tardio**. Percebe-se, na sociedade moderna, a perda da categoria do outro e isso é grave, pois, se não há reconhecimento do outro, grandes atrocidades podem acontecer. O individualismo cresce a cada dia pela falta de senso de coletividade.

3.2 Paisagem vernacular

Por esta exposição feita a respeito da viagem de Oséias, já se percebe que a paisagem experienciada por ele é a paisagem vernacular. Em nenhum momento ele se coloca diante de um prédio tombado pelo patrimônio ou de uma obra de arte, entre as muitas espalhadas pela cidade, para contemplá-la ou relacioná-la a alguma memória suscitada por elas. As casas, os painéis e os jardins permanecem na paisagem, assinando o estilo modernista da cidade e figurando neste caso, como paisagem de plano de fundo, sem exercer uma participação mais direta. Para Besse:

A evolução vernacular da paisagem repousa, com efeito, sobre o costume, ou seja, não sobre um conjunto de princípios absolutos que viriam aplicar do exterior sobre o lugar, mas sobre um conjunto de hábitos, de práticas, de usos continuamente elaborados e ajustados ao contato com o lugar, numa relação

¹⁰⁴ BUBER, Martin. **Eu e tu**. Tradução do alemão e notas por Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001, p. 105.

de parceria, no curso do que poderíamos chamar uma conversao com o lugar¹⁰⁵.

Para Besse, a noo de paisagem vernacular exprime o fato de que o homem  também um habitante do mundo, vivo, que habita e mantm relaoes materiais e simbólicas com o meio também vivo e sempre em evoluo, sem um fim determinado. O vernacular  a presença deste meio, deste cho¹⁰⁶;  uma categoria da Paisagem Cultural e está associada ao cotidiano. O vocábulo tem origem no latim *verna* e estava associado com a designao do local de nascimento dos escravos, durante o período de dominao romana, evoluindo conceitualmente para características de idioma e de lugar.

Uma das perguntas, que durante a caminhada Oséias se faz,  se não devia ter permanecido em Cataguases, quando percebe que os seus amigos estavam bem sucedidos e realizados, mas imediatamente responde a si mesmo que não poderia ter ficado depois de tudo. Ele se refere  morte de Lígia e por se culpar pelo ocorrido. Deixar o lugar para tentar outras oportunidades já traz uma série de implicaoes e elas se avolumam ainda mais quando se deixa o lugar objetivando um escape, uma fuga movida por culpa.

Muitos são obrigados a partir da cidade natal em busca de melhores oportunidades. No caso de Oséias, São Paulo ofereceria esta oportunidade e ainda o manteria longe das recordaoes. Marco Polo, em **Cidades Invisíveis**, fala ao imperador sobre uma cidade muito diferente, que se chama Fedora. L, em cada cmodo de um palácio, há uma esfera de vidro onde se pode ver o modelo de uma outra Fedora, imaginada em épocas diversas por pessoas diferentes. Cada época guarda suas preferências, suas necessidades e, cada pessoa, seus cuidados. A Cataguases vivenciada por ele em uma época não será mais a mesma em outra, porque tudo muda, o tempo todo. Possivelmente, a paisagem se alterou bastante em áreas mais periféricas, bem menos no centro da cidade, preservada pelos órgãos de proteo.

Marco Polo também relata sobre uma cidade imutável. Seria esta uma cidade ideal? Zora  facilmente memorável em cada ponto, cada detalhe, porque l nada pode sair do lugar para facilitar a memorizao, como uma partitura musical. O problema  que apenas os homens mais sábios do mundo são os que conseguem decorar. Segundo o narrador, a cidade definiu e foi esquecida pelo mundo todo.

Portanto, o que deve permanecer e o que mudar, precisa ser constantemente reavaliado,

¹⁰⁵ BESSE Jean-Marc. **Entre a geografia e a tica**: a paisagem e a questo do bem-estar. Trad. Eliane Kuvassney e Mnica Balestrin Nunes. GEOUSP – Espaço e Tempo (Online) São Paulo v. 18 n. 2 p. 241-252, 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/84455> Acesso em 23/01/22.

¹⁰⁶ *Ibid.* p. 251.

para que o espaço seja uma resposta às necessidades dos habitantes. As notícias que Oséias tinha sobre a cidade eram narrativas relatadas por Isinha, uma das irmãs, quando se falavam por telefone, e se pareciam com as tramas que lia em livros. Cataguases era, para ele, naquele momento, o fio que ata início e fim: “Cataguases, em minha memória cidade e tudo o que ela representava ia perdendo a nitidez, como uma fotografia que desbotasse pouco a pouco até converter em manchas esbranquiçadas das, destituídas de qualquer significado”¹⁰⁷.

Ao chegar, Oséias precisa colorir de novo esta paisagem já tão desbotada em sua memória. Foram extraídas da obra passagens que traduzem a paisagem encontrada pelo personagem que morava do outro lado do rio e, portanto, vai buscar reconhecer os lugares significativos para ele:

De volta ao começo, cobra mordendo o próprio rabo... Cataguases... Essas árvores me vigiaram, esses paralelepípedos acompanharam meus passos... As paredes têm ouvidos, mas não bocas. Tivessem, contariam do menino magro que voava pela cidade em sua bicicleta Caloi verde, engolindo a paisagem. Dono do tempo, expandia mais e mais os horizontes, sem saber que esse espaço, dilatado, me faria perder o rumo, o prumo, para, afinal, me desembarcar no mesmíssimo lugar, mas tão distinto que não consigo reencontrar aquele que fui, como não identificamos, muitas vezes, em fotografias antigas, os rostos das pessoas que nos ladeiam. Atravesso a cidade como um espectro¹⁰⁸.

O protagonista descreve a paisagem de Cataguases comparando-a à cidade industrial das décadas anteriores, quando se ouviam outros sons nitidamente marcados pelo apito das fábricas de tecido, que depois foram transferidas do centro da cidade para o parque industrial em um bairro mais afastado: “A paisagem, como que enfeitada pelo vapor que sobe dos paralelepípedos, contorce-se a dançar. O ruído dos motores dos carros e motocicletas que entopem as ruas substitui o zunido das centenas de bicicletas que enxameavam a cidade ao soar o apito das fábricas de tecido”¹⁰⁹. A aparição do trem traz ao personagem algumas lembranças da infância, de quando ele colocava pedrinhas nos trilhos para serem moídas. “Mas então o apito do trem, bastante próximo, nos assusta. Ele cruza a cidade, dezenas de vagões, antes atulhados de minérios de ferro, hoje de bauxita”¹¹⁰. Então, em um passeio acompanhado, a passagem do trem por Oséias e a sobrinha Tamires suscita uma conversa sobre a exploração do minério nas redondezas e a constatação de que, desta riqueza, quase nada fica para a região, ao que Tamires retruca: “Só lama no rio e morros

¹⁰⁷ RUFFATO, Luiz. **O verão tardio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 15.

¹⁰⁸ *Ibid.*, p. 97.

¹⁰⁹ *Ibid.*, p. 23.

¹¹⁰ *Ibid.*, p. 38.

esburacados”¹¹¹. Da passagem do trem pela cidade fica a memória traduzida no som dos poucos vagões, do apito e da pausa na conversa enquanto ele passa. Tamanha é a importância desta memória que há, atualmente, um projeto do trem Rio-Minas, em um percurso apenas para lazer e turismo.

O passeio na praça da matriz faz parte da paisagem do cotidiano, principalmente nas pequenas cidades. Ao longo do seu, o protagonista se surpreende com o abandono dos canteiros e com a fonte inativa, muito diferente de quando o pai o levava à praça para comer pipoca e ver a fonte ligada. Ao questionar um senhor sobre o porquê de a fonte estar sem água, a justificativa foi por causa da proliferação de mosquitos transmissores da dengue:

Atravesso a praça Santa Rita. A fonte luminosa está sem água. No fundo do tanque a sujeira acumula: folhas, um tênis, camisinhas, bitucas de cigarro, garrafas de plástico, latinhas de cerveja, cacos de vidro, um carrinho de brinquedo, um saco azul cheio de lixo, a cabeça de uma boneca¹¹².

Além da praça, outro componente desta paisagem vernacular é o rio Pomba, que nasce na Serra Conceição, na cadeia da Mantiqueira, no município de Barbacena, em Minas Gerais, e percorre 305 km até sua foz, onde lança suas águas no Rio Paraíba do Sul, no município de Itaocara, estado do Rio de Janeiro. A bacia do rio Pomba apresenta uma área de drenagem de 8.616 km², abrangendo cerca de trinta e cinco municípios mineiros e três fluminenses. O rio corta a cidade e é muito importante, pois foi às suas margens onde fora iniciado o processo de colonização da região. O Pomba remete a lembranças de várias épocas diferentes e a menção de Oséias é quanto aos trabalhadores do rio: “Havia também os tiradores de areia. Pequenos barcos subiam a correnteza empurrados por uma longa vara de bambu”¹¹³. Outras lembranças como campeonato de remo, a pesca e as enchentes marcam a memória do cataguasense.

O rio é um importante patrimônio natural, mas tem sofrido constantes intervenções humanas, como o lançamento de dejetos industriais e domésticos, a construção de hidroelétricas e, em 2003, o mais grave: o derramamento de mais de um bilhão de litros de resíduos tóxicos de uma indústria em Cataguases, com graves prejuízos ambientais, atingindo o rio Paraíba do Sul até a sua foz, no oceano Atlântico, no estado do Rio de Janeiro. Oséias também deixa sua declaração sobre o rio, tão presente na vida de sua família, que morava próximo a ele: “O rio Pomba, um esgoto a céu aberto. À frente a ponte nova. À esquerda, os fundos arborizados do

¹¹¹ RUFFATO, Luiz. **O verão tardio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 39.

¹¹² *Ibid.*, p. 58.

¹¹³ *Ibid.*, p. 55

Hotel Cataguases: à direita, as quadras esportivas do Clube do Remo”¹¹⁴. As enchentes e os alagamentos por chuvas intensas são problemas constantes nas cidades, principalmente devido aos aterros e lixo que a população deposita nas margens. Neste sentido, o rio deve ser considerado um patrimônio a ser preservado para o bem comum.

Oséias vai de ônibus até a outra margem da cidade, a margem direita, com intenção de conversar com o padre, revê lugares onde viveu com a família e se depara com uma amostra do Brasil, pequenas fábricas e confecções falidas, massacradas por grandes empresas e redes:

Silhuetas de enormes galpões abandonados surgem contra a sombra da noite que se estende mansa por sobre o Distrito Industrial. São antigas fábricas, móveis, tecidos metalurgia, confecções, que faliram, e agora o mato enfezado se adona dos pátios, a água da chuva escarva as paredes, o vento arranca os tetos¹¹⁵.

Ele avista também o Tiro de Guerra, de onde não tem lembrança agradável, mas só a brutalidade dos exercícios, plantões, marchas e comparações em relação ao irmão João Lúcio (que teria sido um soldado perfeito). Todavia, aquelas ruas têm cheiro e sabor de infância, então, são satisfatórias:

Implacável, o tempo corrói, secretamente, o presente que passa, como traça num livro. Quantas vezes, com minha Caloi Verde, rompi por essa parte da cidade, então poeirenta estrada de chão batido, de um lado uma árvore ou outra raquítica, envergonhada, e, de outro, o brejo das margens do rio Pomba, que ali escoia com tantapreguiça que parece uma flecha em repouso¹¹⁶.

A cidade cresceu, mas a casa onde ele morou “está lá do jeitinho que era só as grades [...]”¹¹⁷. Oséias encontra a avenida Beira Rio ainda muito parecida com o lugar onde viveu, mas a cidade expandiu para os bairros próximos. O lugar, sem a pessoa, não guarda todos os elementos necessários para uma identificação e uma reconciliação possível:

A cidade se multiplica como células cancerosas. Ali, onde tinha a Ilha, a zona, aterrada, agora há um supermercado. As casas, construídas diretamente no passeio, ganharam grades de ferro nas xucro no Beira-Rio, um vento quente penetra pela janela. Botequins, bares, botequins, bares, o açougue, a farmácia, a padaria. Logo avistarei a nossa casa¹¹⁸.

¹¹⁴ RUFFATO, Luiz. **O verão tardio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 55.

¹¹⁵ *Ibid.*, p. 124.

¹¹⁶ *Idem.*

¹¹⁷ *Idem.*

¹¹⁸ *Ibid.*, p. 125.

Observa-se, com essas passagens e impressões, que a paisagem pode estar preservada, com bens tombados pelo patrimônio, no entanto, a paisagem cultural é atravessada pelos sentidos, por histórias e vivências entre as pessoas. Assim, sem interação entre pessoas que se reconhecem, a paisagem é só cenário.

3.3 Reencontros na modernidade tardia

Os seis ensaios do livro de Besse, em **Ver a terra**, são conectados pela experiência de paisagem que vem inquietando geógrafos, poetas, filósofos e outros especialistas. Intrigados pelas questões suscitadas pela paisagem, debruçam-se sobre o tema, para compreendê-lo e buscar respostas filosóficas, espirituais e existenciais.

A paisagem na arte ora é vista como universal e apenas decorativa, a exemplo do Classicismo, especificamente no Neoclassicismo, ora é vista como particular e participativa, como no Romantismo. Na Era Clássica, para uma obra se tornar um épico, precisava utilizar-se de universalidade quanto ao tema e ao espaço, mas, com a visão romântica e também a moderna, veio a necessidade de reivindicar a temática particular e local, no entanto, sem se perder da universalidade. Pensando neste desafio, é interessante refletir sobre uma questão que Besse traz, que consiste na violência da paisagem, ou seja, o fato de o sujeito ser arrancado do sentimento de pertencer a um todo.

A vida moderna tem conduzido o homem à individualização, em que o sujeito se sente isolado do mundo. Como então habitar o espaço, pertencer a ele, sem se sentir deslocado? Goethe, ao viajar para a Itália, encontra na paisagem o que esperava buscar com seu olhar de artista. Ele consegue isolar uma paisagem, como a emoldurá-la e extrair dela tudo o que ela pode oferecer. Quanto a Oséias, ele está literalmente em um vale, em Cataguases, e contempla os lugares, as pessoas e as atitudes com olhar diferenciado, precisando ver em pouco tempo o que não conseguiu ver a vida toda. Como ele está com a alma atormentada por remorsos e rancores do passado, sente dificuldades em se reencontrar naquele espaço.

Nesta viagem de Oséias, as relações interpessoais na modernidade tardia são muito importantes. O protagonista transfere-se para um hotel, ao receber da irmã um bilhete dizendo que ele não poderia mais hospedar-se na casa dela. Ele segue como um espectro pelas ruas e lembra-se de como se sentia quando era criança, como foi conquistando espaços, perdendo o rumo e voltando ao mesmo espaço. No meio dessa trajetória, experienciando espaços tão distintos de seu pequeno mundo, sente que se perdeu. O migrante, sentindo-se inadequado, perambula sem rumo, sem saber ao certo quem é:

Dono do tempo, expandia mais e mais os horizontes, sem saber que esse espaço, dilatado, me faria perder o rumo, o prumo, para, afinal, me desembarcar no mesmíssimo lugar, mas tão distinto que não consigo reencontrar aquele que fui, como não identificamos, muitas vezes, em fotografias antigas, os rostos das pessoas que nosladeiam¹¹⁹.

As pessoas mais próximas a Oséias vão se dispersando uma a uma e, segundo ele, talvez se deva ao fato de serem uma “família sem paredes”¹²⁰. Como a mãe era costureira, a casa estava sempre cheia de freguesas encomendendo ou experimentando roupas, exibindo a intimidade do lar. A história desta família fica escancarada aos outros que ali os visitavam. Oséias busca revisitar sua história, utilizando-se de sua memória e da de seus irmãos, para repaginar, redefinir e reorganizá-la em sua mente. Recorda-se que possuía apenas uma foto tirada na infância, por acaso com Valtim, neto de uma vizinha: “[...] estamos ambos, lado a lado, corpo inteiro, desconfortáveis”¹²¹. Fotografias eram artigo de luxo e só eram tiradas em ocasiões muito especiais. No caso em questão, foi por se tratar do aniversário do neto da amiga.

Essas memórias que o personagem remói giram em torno da morte, aos quinze anos, de uma de suas irmãs. Ele conta que tudo desandou quando, em um carnaval, com a casa vazia, a família foi roubada. Então, o pai comprou um revólver e o mantinha escondido, em cima do guarda-roupa. Certo dia chuvoso, o menino, preso em casa por causa da chuva que caía, resolve procurar algo para se distrair e decide explorar todo o guarda-roupa. Curioso, descobre a arma e percebe que pode conseguir negociar algo com a irmã. Ela se mostra interessada em ver o objeto e promete a Oséias pagar uma volta no trem-fantasma.

No dia da morte de Lígia, o pai estava à procura do cachorro que havia sumido e em casa estavam apenas a mãe, Isinha e Oséias, que ouvindo o barulho, vê a irmã deitada no sofá com os olhos arregalados. Ele silencia sobre o fato de ter mostrado o revólver à irmã e sofre em silêncio, deixando até de ir à missa para não ter que confessar ao padre. O episódio muda a vida de todos e cada um reage de uma forma – silêncio, introspecção, alienação, trabalho, ou seja, cada um se evade de uma maneira.

Aos poucos, pela narrativa unilateral de Oséias, pode-se ter uma noção de como cada um de seus irmãos lida com o passado marcado pelo suicídio da irmã Lígia. Rosana é pragmática e liberta-se com terapia. Já Isinha, não tem tempo nem para sofrer: entrega-se ao

¹¹⁹ RUFFATO, Luiz. **O verão tardio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 98.

¹²⁰ *Ibid.*, p. 55.

¹²¹ *Ibid.*, p. 96.

trabalho para manter a família. João Lúcio refugia-se em Rodeiro, totalmente alheio aos irmãos e Oséias remói as memórias e a culpa que carrega.

A primeira pessoa com quem Oséias conversa sobre o passado é Rosana. Foi uma conversa tensa, em uma noite de chuva intensa, ao som de trovões¹²². Ela conversa com muita hostilidade, revoltada pelo sumiço dele e com muita impaciência quanto à forma como Oséias sempre reage aos acontecimentos. Muito diferente dele, ela é sempre muito pragmática: casou-se por conveniência e estabeleceu regras práticas de limites para um casamento de aparências. Em um dos *flashbacks*, Oséias explica como Rosana se comportou por toda a vida, com vergonha da família, sempre na casa da madrinha. Para esta narrativa, o autor usa todos os nomes próprios com letras minúsculas, como para marcar a falsa identidade, pois, para o protagonista, ela era como um cisne no meio dos patos.

A pergunta dela era bem incisiva e, indignada, queria saber o porquê de sua volta, esperando-o com vinho e petiscos para ouvir explicações. Conversam sobre o estranho relacionamento entre ela e o marido e, sentada em um divã, beberica seu vinho desinteressada dos assuntos aleatórios que Oséias traz. Rosana então sai do torpor em que se encontra quando ele menciona o fato de lembrar-se da Lígia todos os dias e reage colérica: “Você ainda não conseguiu se livrar desse fantasma?! Chega do passado, Oséias!”¹²³. Para ela, é preciso viver o presente e superar a dor, argumentando que o pai deles se acabou de tanta culpa e a mãe contraiu um câncer.

Para Rosana, Lígia era doente. Ela acrescenta que perdoou a irmã, mas Oséias não pensa assim: ele sente culpa. Rosana conta que chegou a sentir ódio pela atitude da irmã, mas o perdão trouxe paz à consciência. Então, ele diz estar em busca da paz e sugere a ela se reunirem como família, afirmando como seria bom estar juntos novamente, mas ela fica muito zangada: “Lá vem você com esses antigamentes... Antigamente não existe, Oséias, antigamente ficou pra trás! Morreu! Acabou!”¹²⁴. Neste encontro, observa-se que Oséias alimenta-se do passado, ao passo que Rosana, do presente. Isinha, por sua vez, evade-se no trabalho, e João Lúcio, na alienação.

Finalmente, a conversa terapêutica dos dois irmãos produz um desabado. “Eu sei por que você veio, Oséias”, ao que acrescenta a irmã: “Você veio pra acender a brasa dormida... Você é um espírito das sombras que se alimenta do sofrimento alheio...”¹²⁵. Todo este remexer das lembranças proporcionou à Rosana lembrar-se do dia em que chegou angustiada da casa

¹²² RUFFATO, Luiz. **O verão tardio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 85.

¹²³ *Ibid.*, p. 88.

¹²⁴ *Ibid.*, p. 90.

¹²⁵ *Ibid.*, p. 91.

da madrinha por ter que voltar a vida real com a família que possuía. Sentiu quando Lígia deitou-se ao lado dela, abraçando-a forte, ficando ali calada, sem dizer nada. Ela pôde sentir muita paz e nunca teve oportunidade de dizer à irmã o quanto aquele abraço fez bem a ela. Pode-se notar, aqui, que a história desta obra traz em vários momentos a ausência de um diálogo, daquilo que poderia ter sido dito e que fora adiado ou ignorado. Rosana emudece, torna-se, neste momento, frágil, necessitando de conforto, mas Oséias não consegue consolá-la e se justifica dizendo que se tornou rocha, aço, pois não consegue se abalar com mais nada. A moral da história desta obra resume-se no significado do título – “verão tardio”. Pode-se pensar que este silêncio que acomete as pessoas nos relacionamentos na esfera particular acontece também na esfera coletiva, pois um país que não debate seus problemas de forma clara pode não conseguir fazê-lo mais tarde.

Outro reencontro significativo para Oséias foi com a irmã Isinha. Ela o recebe com simplicidade, de forma aberta e sem reservas, de forma cordial, com um ditado popular: “Êh! Quem é vivo sempre aparece”¹²⁶. Conversa com ele enquanto costura e vai se posicionando quanto aos assuntos em relação a todos, sempre com justiça, contando como é a sua vida tumultuada e a criação dos netos. O café e o cheiro da comida de Isinha trazem a lembrança da mãe. Oséias lembra à Isinha o quanto ela gostava do cantor Roberto Carlos e de novelas, mas ela não tem tempo mais para isso. Eles conversam sobre o irmão João Lúcio e ela, embora chateada, diz que ele deu toda assistência em relação à doença da mãe, com o velório, mas sumiu e parece mais não ter família. Neste ponto, o leitor observa que cada um vive os seus próprios dilemas como se não houvesse algo que um dia os uniu.

A rápida visita à casa de Isinha deixa claro que foi no trabalho e na luta pela sobrevivência que ela tem se refugiado e se mantido no presente, sem ter tempo para remoer o passado. “Entregue à costura, as mãos de Isinha se detêm quando Oséias pergunta se ela ainda se lembra da Lígia? “Da Lígia?!” Seus olhos vagam, como remexendo objetos do passado, enquanto as mãos, mecanicamente, avançam cortando as linhas”¹²⁷. Para a surpresa dele, ela quase não se lembra de Lígia, pois não tem tempo para pensar. Isinha despede-se do irmão com lágrimas no rosto envelhecido e, mesmo com o barulho do carro, ele a ouve gritando “Tchau”. No carro, ouve-se a música cuja letra é muito sugestiva: “Eu te dei/ o ouro do sol/ a prata da lua/ te dei as estrelas/ pra desenhar o teu céu”¹²⁸ e, conforme Oséias a interpreta, as vozes roucas da dupla sertaneja celebram o amor encontrado, permitindo ao leitor inferir que ele

¹²⁶ RUFFATO, Luiz. **O verão tardio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 154.

¹²⁷ *Ibid.*, p. 170.

¹²⁸ *Ibid.*, p. 172.

encontrou amor naquela casa. A próxima visita será em Rodeiro: uma viagem ao túmulo do pai e um reencontro com o irmão, João Lúcio.

Inferno Provisório e **O verão tardio** são duas obras marcantes de Ruffato, sendo a segunda o desfecho da primeira. Os contos de **Inferno Provisório** trazem pessoas se movimentando no espaço, indo de uma cidade à outra em busca da felicidade, isto é, de uma vida mais plena. A ideia que se tem é de que estas vidas que se locomovem em espaços específicos, escolhidos por uma razão lógica, estão vivendo provisoriamente e nutrem a esperança de um dia juntos, como andorinhas no fio, a fazerem um verão. São utopias nas minas de Ruffato, que coincidem com utopias em toda parte onde o autor é lido, o que traz universalidade à obra do mineiro. Contudo, Oséias não consegue reunir o bando para anunciar o verão, pois ele chega tarde demais.

3.4 A paisagem do vale

Esta parte da pesquisa se concentrará em adentrar a casa de Oséias em Cataguases. O personagem, nesta viagem de seis dias a este vale, movimenta-se na cidade, alternando os espaços vividos entre a casa e a rua e o hotel e a rua, ou seja, ambientes internos e externos. Nos ambientes externos, depara-se com a frieza, a indiferença e o individualismo das pessoas nas ruas; e, nos internos, sufoca-se com “diálogos” difíceis de travar, devido ao longo silêncio de vinte anos de ausência. Portanto, o sentimento é de total inadequação a este meio, uma paisagem que não contribui para propiciar um encontro com ele mesmo. Em meio às cidades que crescem desordenadamente, criando, por vezes, um lugar caótico, é imprescindível, como já dito neste trabalho, revestir-se de um olhar mais humano e mais poético.

A rotina de trabalho de Oséias quando morava em São Paulo e ainda trabalhava como representante era também intercalada entre os hotéis e a rua. Ele afirma que dormia muito bem naquela época, cansado do trabalho do dia, e à noite sempre tinha livros na mala para ler - O poderoso chefão, Agatha Christie, Sherlock Homes, Bem-Hur, dentre outros. Aos fins de semana, retornava para casa e conta que nesta rotina distante da família, foi distanciando-se deles. Quando aconteceu o divórcio, não tendo mais casa para onde voltar e vindo a doença, retorna para Minas Gerais.

A casa é o lugar para voltar no fim do dia, o refúgio onde, passada a porta de entrada, pode-se pendurar a máscara e ser totalmente o que se é de fato. A casa torna-se elemento fundamental para a compreensão de personagens que têm suas personalidades marcadas pela relação com o espaço e com a memória. Oséias, comparando o presente com o passado,

conclui:

Em outros tempos, a essa hora, talvez fosse feliz. Às vezes, despertava apenas para, suspirando, me mover para o canto e dormir mais um pouco, satisfeito, a certeza de que ali no meu lado encontrava o João Lúcio, na parede-meia ressonavam a Rosana a Lúcia a Isinha, no outro aposento o pai e a mãe descansavam....¹²⁹.

Este espaço onde ele fora feliz é também o local da dor, da imagem da morte de Lúcia e da culpa de ter, ainda que de forma involuntária, sido responsável por aquela tragédia. O silêncio sobre o assunto trouxe todo desconforto de Oséias – a impressão de que o pai o acusava, a dispersão da família e a tristeza vivida de forma isolada e aumentada depois da morte da mãe. Um dia ele gozou da felicidade e da segurança em torno da família, então, pensando na casa como a primeira forma de habitar o mundo, pode-se entender que as imagens e lembranças deste espaço são importantes para a realização do indivíduo em todas as outras habitações futuras.

O filósofo francês Gaston Bachelard, propõe em **A poética do espaço**, uma dialética do interno e do externo. A casa, ambiente interno, é a imagem da intimidade protegida, caixa dos pensamentos, das lembranças e dos sonhos das pessoas. Para este filósofo, “As lembranças do mundo exterior nunca terão a mesma tonalidade das lembranças da casa”¹³⁰. A casa é o nosso primeiro universo. Nesse sentido, é interessante observar as aves e os filhotes no ninho, desde a construção graveto por graveto, o tempo que se passa cuidando, protegendo e alimentando o filhote, até o momento de expulsá-lo do abrigo. Acontece com os seres humanos uma inversão, pois mostra-se o horizonte, a paisagem, se possível até o mundo, mas não se vive a casa, compreendendo a importância deste espaço, das histórias, das memórias em cada móvel, cada porta e janela, por mais simples que sejam e dos papéis que cada um desempenha na casa sempreem obra, viva e com alma.

A casa é, para Bachelard, uma espécie de maternidade de onde se sairá um dia para experimentar o espaço externo. Para ele “... será preciso esperar as experiências em que o ser é atirado fora, isto é, no estilo de imagem que estudávamos: posto na porta, fora do ser da casa, circunstância em que se acumulam a hostilidade dos homens e a hostilidade do universo”¹³¹. Se o indivíduo não recebe deste meio os elementos de que precisa para habitar outros espaços, terá dificuldades de adaptação a qualquer ambiente. O espaço passa a ser tudo, quando o tempo

¹²⁹ RUFFATO, Luiz. **O verão tardio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 186.

¹³⁰ BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução: Remberto Francisco. Kuhnlen; Antônio da Costa Leal; Lídia do Valle Santos Leal. São Paulo: Nova. Cultural, 1988. p. 201.

¹³¹ *Idem*.

vai passando e já não ativa tanto a memória.

Bachelard escreve sobre a casa das pessoas e a casa das coisas, que são as gavetas, cofres e armários. Conhecer todos os cantos da casa é uma tarefa que cada ser se impõe e nesta tarefa inclui-se entrar na intimidade que é guardada no armário, no guarda-roupa, gavetas etc. Ao relembrar estes espaços, a memória é ativada por sensações visuais, olfativas, auditivas, táteis e gustativas. Oséias, ao descrever o quarto, em uma exploração feita no guarda-roupa dos pais em um dia chuvoso, descreve o guarda-roupa cheirando a sabonete Phebo, solução da mãe para manter as roupas cheirosas. Este é, portanto, o cheiro da lembrança daquele momento em que, curioso, encontrou o revólver que seria utilizado por Lígia para o suicídio ou possível morte acidental.

Oséias afirma que não tem um dia sequer que não pense na Lígia. Ele podia ter resolvido esta questão com diálogo, mas o fato de se trancar em um silêncio, fez com que ele trancasse a cena e a culpa nos baús da memória. O livro traz o problema ocasionado pelo silêncio, a falta de comunicação, de resolver os problemas, tanto no âmbito particular, quanto o que pode se aplicar ao coletivo. Eis a descrição da cena:

Corri para a cozinha e o relógio de parede jazia espatifado no chão... A mãe passou apressada em direção à sala. Corri para lá, ela, o corpo trêmulo, me agarrou, tentando tapar meus olhos, muda, em desespero. Entrevi, deitada no sofá, o sangue escorrendo pelo cotelê amarelo, os olhos esbugalhados, Lígia. Atrás de nós, a Isinha, paralisada, na porta¹³².

Esta casa, com uma lembrança tão cruel, torna-se psicologicamente complexa. Para Bachelard¹³³, nossa vida adulta é tão despojada dos primeiros bens, que não sentimos seu primeiro vínculo no universo da casa. A paisagem que o adulto contemplará terá a paisagem da infância como filme a ser revelado, pois o mundo da criança é a sua casa. É neste primeiro espaço onde ela aprenderá a habitar a si mesma. Oséias reconhece:

Usufri um dia dessa bonança, dessa quietude? Nunca mais aquelas tardes em que só a metralhadora da máquina de costura da mãe existia... Nunca mais os domingos de macarronada, quando o pai misturava água açucarada no vinho para nós, crianças, bebermos... Nunca mais as férias em Rodeiro...
134

Em um dos *flashbacks*, recordando-se de uma das vezes que veio visitar a mãe, Oséias

¹³² RUFFATO, Luiz. **O verão tardio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 193.

¹³³ BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução: Remberto Francisco. Kuhnem; Antônio da Costa Leal; Lídia do Valle Santos Leal. São Paulo: Nova. Cultural, 1988, p. 200.

¹³⁴ RUFFATO, Luiz. **O verão tardio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 188.

se lembra de uma queixa dela em relação ao ninho vazio: “... lágrimas soltaram seu rosto envelhecido. Esses cômodos vazios... É tanto silêncio... Ela lamentava. Daqui a pouco a Rosana vai também, não restará coisa alguma”¹³⁵. Conviver com o ninho vazio é tão importante quanto habitar a casa com o ninho cheio, sabendo que as experiências dali serão definidoras para as próximas habitações. Portanto, para habitar a Zona da Mata, é preciso habitá-la com as lembranças de como se viveu a primeira casa e, mais que isso, aprender a habitar a si mesmo, primeiro. Bachelard diz que: “Toda grande imagem é reveladora de um estado de alma. A casa, mais ainda que a paisagem, é ‘um estado de alma’”¹³⁶. Logo, resolver as questões da alma foi fundamental para Petrarca e é, para Oséias, também condição primordial para habitar o espaço.

3.5 O Monte - O Lugar da Morte

Oséias chega ao vale, em Cataguases, no dia três de março, sobe para a cidade de Rodeiro no dia sete e escala o morro no dia oito para o descanso final. A viagem de apenas quarenta e cinco quilômetros é realizada de ônibus em um tempo de uma hora e dez minutos, com várias paradas nas cidades que ficam entre Cataguases e Rodeiro: Dona Euzébia, Astolfo Dutra, Sobral Pinto e Diamante. A cidade em destaque fica a 345 metros de altitude e está presente na literatura de Ruffato em várias citações e em um livro dedicado apenas a histórias ambientadas no local – **Mamma son tanto Felice**. Nosso viajante embarca para Rodeiro, que “(...) alastrou como fogo em mato seco, rápido e descontrolado”¹³⁷. Como Oséias não esteve no funeral do pai, o objetivo dele é o de visitar o túmulo dele. O único parente que resta a ele em Rodeiro é o irmão João Lúcio; alguns morreram e outros se mudaram para os grandes centros.

Caminhando com ele, é possível conhecer Rodeiro dos seus tempos de infância. No início do livro, Oséias relembra como sua mãe se transformava ao passar as férias de julho com a família, “para matar a saudade da italianada, mas principalmente, não cansava de dizer, para reviver os tempos mais felizes da sua vida”¹³⁸, voltando irreconhecível. A cidade representa, portanto, o lugar do encontro, do riso e do aconchego da família.

Rodeiro é lembrada por Oséias como um povoado tranquilo, com uma praça e quatro ruas onde trafegavam charretes e quase nenhum veículo motorizado. As pessoas se

¹³⁵ RUFFATO, Luiz. **O verão tardio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 30.

¹³⁶ BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução Remberto Francisco. Kuhnen; **Antônio da Costa Leal; Lídia do Valle Santos Leal**. São Paulo: Nova. Cultural, 1988. p. 243.

¹³⁷ *Op. cit.*, p. 30.

¹³⁸ *Op. cit.*, p. 200.

cumprimentavam respeitosamente e também aos homens assentados em cadeiras nas calçadas e às mulheres nas janelas. Lembra-se de como eram os sábados animados com a italianada que vinha da roça para vender, no povoado, os produtos cultivados e aos domingos voltavam para a missa, para o bate-papo e para as visitas.

Oséias poderia dizer como Calvino, ao descrever a cidade Isidora, em **As cidades invisíveis**: “Isidora, portanto, é a cidade de seus sonhos: com uma diferença. A cidade sonhada o possuía jovem; em Isidora, chega em idade avançada. Na praça, há o murinho dos velhos que veem a juventude passar; ele está sentado ao lado deles. Os desejos agora são recordações”¹³⁹. Infelizmente, o viajante da cidade de Rodeiro não encontrou nenhum velho rosto conhecido para recordar o passado.

Saber que os dias são de fato breves e vivê-los na certeza de serem os últimos altera, certamente, todo o olhar para aquela paisagem, valorizando memórias e despertando o sentimento de alteridade. É uma pena que seja assim, que seja preciso sempre um evento para humanizar o homem. Oséias observa um casal com um bebê em prantos no restaurante, enquanto os pais estão preocupados em verificar a tela do celular o tempo todo. Então, ele se questiona se eles se recordariam de algum fato do passado que ele trouxesse à tona e compartilhasse com eles. Oséias crê que nenhum suspiro arrancaria deles e pensam que talvez estejam certos, pois “Sim, as ruas eram essas... Mas... eram outras... Não podemos ressuscitar o passado...”¹⁴⁰. Ainda que ele encontrasse alguém que se lembrasse do passado, esta pessoa se lembraria de forma distinta da maneira que ele lembra. Então, ele avança, anônimo, pela Rodeiro da infância e não se encontra com ninguém que o conheça para garantir a visita dele na cidade.

Para Calvino, as cidades são invisíveis e, de fato, só a vê de forma parecida quem viveu na mesma época. Ainda assim, cada um possui uma chave de leitura própria para interpretá-la. Para este autor, a descrição da cidade como é atualmente deveria narrar todo o seu passado:

Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras¹⁴¹.

¹³⁹ CALVINO, Ítalo. **Cidades Invisíveis**. Trad. Diogo Minardi 2 a edição 21a reimpressão. São Paulo, Companhia das Letras, 1990, p. 9.

¹⁴⁰ RUFFATO, Luiz. **O verão tardio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 203.

¹⁴¹ *Op. cit.*, p. 14.

É necessário que alguém registre a história das cidades a partir do que se vê, descrevendo as sensações vivenciadas. Oséias constata que é o instante presente que importa, pois os cômodos de uma casa não guardam as alegrias, as vozes e as tristezas daquele lugar: “Podemos tocar nos móveis, nos objetos, mas não nas pessoas, muito menos nas histórias das pessoas... E mesmo essas casas um dia vão ruir, e nem a memória de sua existência subsistirá”¹⁴². Refletindo sobre a própria história, ele conclui ter fracassado como filho, marido, pai, irmão e membro de uma família. Visitar o túmulo do pai provoca reações intensas no personagem, porque tinha certeza de que o pai o via como covarde e tímido. Também desconfiava de que ele teria mostrado o revólver para a irmã Lígia, já que, segundo a percepção de Oséias, o desprezo do pai só aumentara em relação a ele, e sentiam-se desconfortáveis um com o outro.

O protagonista segue para o sítio onde mora seu irmão João Lúcio, estimado na cidade por enriquecer e não perder suas origens. No trajeto, lembra com saudade da casa de cada tio, dos primos, de como eram recepcionados quando os visitava. É recebido por cães treinados, repreendidos pelo irmão ao reconhecer a visita tão inesperada, mas familiar. O irmão fala pouco, não se lembra de quase nenhuma história ou memória que Oséias menciona, parece ter tido amnésia. Surpreso com a chegada inesperada, faz a mesma pergunta que Rosana: “O que você veio fazer aqui”? É uma pergunta carregada de sentido e de acusações.

Na conversa com João Lúcio, ele relembra duas vezes quando eles subiram na mata e no morro adquirido do tio por João Lúcio. A primeira foi quando foram atrás do cachorro que estava caçando e se perdeu e a segunda quando encontraram a caveira de uma novilha sumida há um tempo e pela qual tanto procuraram. Este é o lugar escolhido por Oséias para morrer.

João Lúcio convida Oséias para ir com ele para casa e no dia seguinte retornarem ao sítio, mas o irmão prefere ficar: “Não, João Lúcio, amanhã, quando as primeiras pessoas chegarem, já estarei longe”¹⁴³. No dia seguinte, manhã de domingo, Oséias sobe o morro, mas antes, ele entrega ao fogo os seus documentos para acabar com os vestígios de sua existência. Sobe com dificuldade o barranco e ladeia a mata, morro acima. Escolhe no breu um lugar, toma longos goles do líquido amargo que havia preparado, deita-se, usando a mochila como travesseiro e lembra uma canção de ninar que sua mãe cantava para a irmã Isinha.

Assim como a viagem de Goethe, a trajetória do personagem começa pela iniciação por Cataguases, em busca de revirar o passado, principalmente em uma conversa-terapia com Rosana. Reencontra o amor na simplicidade da casa de Isinha e segue em busca da serenidade

¹⁴² RUFFATO, Luiz. **O verão tardio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 204.

¹⁴³ *Ibid.*, p. 222.

da alma, onde dormirá o sono eterno nas terras do irmão João Lúcio. Enquanto Oséias galgava o morro, lembrou-se de uma aventura de criança, quando, sozinho, subiu neste mesmo lugar e deitado no chão fingiu-se de morto e imaginou ser aquilo a paz, o sossego e o paraíso do qual sempre ouvia nas missas. Ele adormeceu ali e, quando acordou, desceu correndo, aflito, imaginando que todos estavam à sua procura: “Saboreei com prazer aquele breve momento em que eu fazia diferença, que eu era alguém, que minha ausência era notada”¹⁴⁴. Ao chegar em casa e contar a aventura, consegue uma surra e um castigo o resto do dia.

Oséias repete a aventura, com a diferença de que, desta vez, não descera mais, porque de fato ninguém o procurará ali. Ele atende ao conselho de seu médico: que fizesse algo que sempre sonhou fazer. Ele seria notado, teria sua “hora da estrela”, motivado ainda pelo fato de não ter mais a mãe para quem voltar e pela aventura de a vida já estar no fim. Talvez ele tenha encontrado a paz que imaginava e, enfim, poderia “dormir um soninho sossegado”¹⁴⁵, como diz a cantiga de ninar da qual ele se lembra e expressa em suas últimas palavras.

3.6 Liberdade no espaço vivido

A questão que se coloca nesta pesquisa é: se Oséias, diante da paisagem, se identifica com ela, a ponto de promover um reencontro com ele mesmo, considerando que se trata de um homem diante da morte. A princípio, a hipótese formulada é de que ele se sentiria acolhido se encontrasse na paisagem suas memórias e suas referências, ou seja, uma paisagem com a qual se identificasse, conforme observa Besse:

A geografia mostra justamente o contrário, quando ela mostra que não há lugar senão tratado, interpretado, atravessado por um sentido, ou por um projeto, que impede justamente que este lugar se feche sobre si mesmo numa recusa ilusória da sua própria historicidade. A geografia ou a paisagem não são nada mais do que o mundo das mediações, ou seja, a cultura, no interior das quais a existência humana adquire um sentido concreto¹⁴⁶.

Como Petrarca, Oséias necessita ver, antes de tudo, o próprio interior, pois, de cabeça baixa, a visão ficará limitada a buracos e bueiros. Não se quer afirmar que a visão perfeita é aquela vista do alto, pois seria apenas uma questão de perspectiva, teria uma *skyline* extraordinária, mas também um distanciamento de tudo o que compõe a paisagem, que não é

¹⁴⁴ RUFFATO, Luiz. **O verão tardio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 230.

¹⁴⁵ *Ibid.*, p. 231.

¹⁴⁶ BESSE, Jean. **Ver a terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. Tradução de Vladimir Bartolini. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 94.

apenas o que se mira à distância, mas o que se vive junto, de perto.

Ainda assim, caso Oséias resolvesse o problema interior, poderia se dedicar a experimentar a cidade com a alma liberta. Na crônica “Eu não sabia que Cataguases era uma cidade importante”, Ruffato, ao final do texto, acrescenta um *post scriptum* dizendo que só muito tempo depois tomou conhecimento dessa importância. Pode ser que Oséias também tivesse pouco contato com o patrimônio cultural e artístico da cidade. Preocupado com suas questões existenciais e movido pelas sensações particulares que envolvem alguém que sabe que vive os últimos dias de vida, tudo o que ele busca é aconchego e alguém que o escute, ajudando-o a livrar-se da culpa que carrega.

Em Rodeiro, o personagem percebe que o que conta é o presente, sendo possível tocar nos móveis e objetos, mas não nas pessoas, mas é tarde para ele. O que se constata, portanto, é que para habitar o espaço é necessário primeiro habitar o espaço interior e aprender a viver na multidão, vencer a apatia e o estado “blasé”, consequência de excesso de estímulos em função da vida moderna. É preciso vencer a acídia, que é a falta de resolução que levaria o sujeito a tomar atitudes diferentes.

A geografia dialoga com a fenomenologia, que se interessa por averiguar como as trajetórias de vida se cruzam, como compõem a paisagem e a percebem. O poeta, como já dito anteriormente, consegue ver além, também o geógrafo tem esta capacidade. Neste sentido, o ser humano precisa habitar a terra com este olhar. Como bem poucos são os que possuem esta alma livre de poeta, o indivíduo precisa habitá-la de forma geográfica. O saber geográfico consiste em habitar a terra com o olhar de viajante, pois, quando se viaja, busca-se viver o espaço experimentando-o, geográfica e culturalmente.

A vida moderna exige do indivíduo o resgate da capacidade de contemplação do espaço, pois o homem da modernidade vive um dilema com o tempo, principalmente nas grandes cidades. Afirma Besse que: “O homem moderno perdeu este dispositivo topológico, marcado pelas oposições próximo/distante, horizontal/vertical, centro/periferia, que constituía outrora o quadro da existência humana e a estrutura do seu pensamento”¹⁴⁷. Em princípio, os meios de transporte encurtaram as distâncias e os meios de comunicação consolidaram este encurtamento. O ir e vir, as travessias e as viagens ganharam outras dimensões, tornando cada vez mais fácil habitar espaços diferentes. É muito comum morar em uma cidade e trabalhar em outra e tudo isto contribui para uma maior liberdade no espaço.

Na crônica “Os indiferentes”, Ruffato trata da triste relação de boa parte da população

¹⁴⁷ BESSE, Jean. **Ver a terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. Tradução de Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 82.

vivendo uma vida provisória em São Paulo: “[...] provisórios são os edifícios, provisória a paisagem, provisórias as amizades, provisória a vida...”¹⁴⁸, perceptível pela debandada que ocorre nos feriados e férias, deixando a cidade. Sabe-se que este sentimento de inadequação é resultado de um deslocamento forçado em busca de sobrevivência, no Brasil, em todas as épocas desde os primórdios, principalmente a partir da década de 1950. Tem raízes na formação do país, em todos os processos de exploração do indígena, do negro, do imigrante e da industrialização, inchando os grandes centros.

O autor aponta para uma necessidade de reconstruir a visão de cidadania, e de amar a cidade com suas qualidades e defeitos. Acredita que seja necessário mudar a compreensão de “bem público”. “Hoje entendemos “aquilo que é de todo mundo” como “aquilo que não é de ninguém” – quando deveríamos traduzir por “aquilo que é de cada um de nós”¹⁴⁹. Acrescenta, ainda, que o paulista deve lutar para que cada bairro seja um núcleo urbano integral, oferecendo tudo o que nativos ou adotados precisem para se sentirem felizes, e diz que a sua utopia é transformar São Paulo de terra de ninguém, em cidade de todo mundo:

O que importa na habitação, portanto, é menos a relação com o lugar, no final das contas, que uma maneira de ser. Habitar não é tanto morar em um lugar quanto adotar, sempre provisoriamente, uma maneira de ser. Não é criar raízes, mas sim contrair alguns hábitos, que determinam um modo de vida, usos, práticas. Mas nós não estamos ligados, definitivamente, ao lugar, e nem somos determinados por ele¹⁵⁰.

Habitar é, literalmente, criar hábitos em determinado lugar, trabalhar, estudar, criando uma rotina. Cada vez mais a vida moderna exige capacidade de adaptação do indivíduo a diferentes lugares e exige também a consciência de pertencimento à terra, sem precisar estar enraizado. Para tanto, o indivíduo deve ser livre para habitar espaços nos deslocamentos, transformando o lugar onde está e exercendo a plena cidadania. Besse vai chamar esse habitar próprio da cultura contemporânea de “habitar móvel”¹⁵¹.

No ensaio “Entre Geografia e Paisagem, a Fenomenologia”, o autor utiliza-se das proposições de Éric Dardel sobre as questões que envolvem o lugar e o homem. Esta proposição consiste em conceber junto o homem e a Terra, entendendo que não há Terra sem o homem e que ela é o mundo da vida. Isto significa que o homem precisa “fazer dela um espaço de

¹⁴⁸ RUFFATO, Luiz. **Minha primeira vez**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2014, p. 110.

¹⁴⁹ *Idem*.

¹⁵⁰ BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo**: exercícios de paisagem. As cinco portas da paisagem – ensaio de uma cartografia das problemáticas paisagísticas contemporâneas. Tradução de Annie Cambe, - Rio de Janeiro: EDUERJ, 2014. p. 130.

¹⁵¹ *Ibid.*, p. 129.

movimento e de polaridades, um espaço de abertura à experiência do sentido”¹⁵². É uma pena que as fronteiras entre os países caíram para as mercadorias, mas ainda não tão acessível para o trânsito das pessoas em viagens e locomoção.

O homem moderno passa boa parte do tempo em trânsito, locomovendo-se nas ruas, transportes rodoviários, aéreos ou marítimos, praças, bancos, hotéis e outros. Marc Augé (2012) defende que a modernidade é produtora destes espaços, denominados por ele de não-lugares. Para o autor, não são locais antropológicos, pois promovem a individualidade e a vida solitária: “O lugar e o não-lugar são, antes, polaridades fugidias: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente [...]”¹⁵³. É importante ter em mente esta premissa, para não se cair em afirmações absolutas. Marc Augé reconhece, diante da crítica dos geógrafos, ser o conceito de não-lugar, um conceito polêmico. Deve-se considerar a importância de refletir sobre o não-lugar como algo muito presente na vida do ser humano – desde o nascimento em um hospital até a morte, muitas vezes solitária em uma UTI:

A morte zela por todos. Somos peregrinos, ricos, pobres, pretos, brancos, viajando para o mesmo destino, o buraco onde seremos comidos pelos vermes. Eu vou primeiro, é verdade, mas estarei esperando por vocês. Lá não tem valência isso dedescaso, vaidade, arrogância, ostentação...¹⁵⁴.

Dito isto, percebe-se o quanto a modernidade tardia contribui para a solidão do homem, desde o nascimento até a morte, que passará a ser discutida no próximo capítulo. Tendo refletido sobre os deslocamentos, travessias e viagens, resta pensar sobre esta última viagem também a partir do último ato da vida de Oséias, em sua derradeira peregrinação.

¹⁵² AUGÉ, Marc. **Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1994.

¹⁵³ *Ibid.*, p. 94

¹⁵⁴ RUFFATO, Luiz. **O verão tardio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 97.

4 A MORTE NA MODERNIDADE

“Um homem morto só tem significado se o vemos morrer”.
Albert Camus

Philippe Àries, em **O homem diante da morte**, dedica parte do livro a expor sobre o assunto a partir de reflexões suscitadas na **Canção de Rolando**, no lenhador de La Fontaine, nos camponeses de Tostói e numa senhora inglesa no século XX, da literatura universal. Ele percebe uma mesma atitude global perante este tema: a morte domada. É aquela assistida, quando o moribundo, ao redor da família, jazendo no leito, espera e se entrega a ela como um rito de passagem. Os rituais que envolviam um moribundo medieval consistiam em recordações tristes dos seres amados, um resumo da existência, um pedido de perdão aos companheiros, recomendar a Deus os sobreviventes queridos e, enfim, o moribundo encomendava sua alma a Deus. Deitava-se voltado para o oriente, de braços cruzados e esperava a morte¹⁵⁵.

Este é o oposto da experiência de morte atual, nomeada por ele de morte selvagem, solitária, muitas vezes, longe da família, em um hospital. O autor apresenta uma minuciosa pesquisa sobre os ritos desta ao longo dos séculos e, por esta, leitura pode-se chegar à conclusão de que o morrer é um assunto indesejável, assunto adiável e completamente delegado a profissionais que se ocuparão de todos os processos anteriormente assumidos pelos entes do morto.

A forma como se lida com a morte, a brevidade do luto e a deficiente preservação da memória são frutos de uma vida também breve, com uma rotina cronometrada e pragmática. Nesse sentido, a afirmação de Albert Camus faz todo sentido, pois, se não vemos a pessoa morrer, diminui a significância da morte. Mas o que seria ver uma pessoa morrer? O indivíduo caminha todo dia para a morte, logo, ver alguém morrer é caminhar junto durante a vida. Então, quanto mais proximidade e quanto mais se reconhece o outro como igual, mais significado ela terá. De igual modo, podem ser centenas de cadáveres, mas se não há reconhecimento, não se está junto na hora da morte, e diminui a significação. É, portanto, uma questão de alteridade diante da vida e da importância que se dá ao outro.

É relevante ler na íntegra **O que é morte** (1996), de Luiz Maranhão. Nesta obra, autor inicia dizendo que já não se morre mais como antigamente e descreve todos os ritos e costumes que envolviam o morrer. Para ele, vem ocorrendo um esvaziamento de sentido de

¹⁵⁵ ARIÈS, Philippe. **O homem diante da morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989, p. 24

cinquenta anos para cá, com mudanças profundas na sociedade. Maranhão utiliza como epígrafe neste livro o parecer de Pedro Nava sobre a morte: “Eu quero a morte crua e nua com seu velório habitual”¹⁵⁶. Para perceber o que Nava diz, pode-se destacar aspectos da morte de Ivan Ilitch, de Tolstói, pois ele experimenta a espera pela morte e pode refletir sobre o morrer.

Maranhão destaca o uso de eufemismos, principalmente com as crianças, para suavizar este assunto-tabu. Em vez de se usar a palavra morte, recorre-se a explicativas vazias como “vovô fez uma longa viagem” ou “passou a habitar em um lindo jardim”, dentre outras. Nos hospitais, a palavra é substituída por outros termos, como, “veio a óbito” ou *swat negativo*. Ele lembra ainda que o falecimento súbito era considerado uma maldição, porque, além de impedir o ato do arrependimento, não dava oportunidade ao sujeito de colocar tudo em ordem e organizar solenemente esse último acontecimento. Era dado à pessoa o direito de saber se ia morrer.

Para Maranhão, a sociedade ocidental reduziu a morte e tudo o que se associa a ela a nada. O moribundo é isolado em um quarto ou em uma UTI e o luto é considerado uma doença contagiosa que exige um afastamento social¹⁵⁷. Mas na modernidade tardia, pensa-se ser ideal a pessoa não dar conta de seu fim, para não aborrecer os outros com algo tão indesejável. Outro motivo é não ser obrigada a lidar com um assunto tão evitado. Na verdade, a morte é uma ideia pouco construída durante a vida, por isso, a dificuldade em lidar com este evento. As transformações ocorridas, principalmente nas cidades, passam a exigir outras dinâmicas para o dia a dia, como, por exemplo, os cortejos fúnebres totalmente inviáveis nos centros das cidades. No entanto, o que se pretende é propor reflexão sobre esta etapa final da vida na terra e torná-la mais solene, mais natural e mais humana.

4.1 A morte de Ivan Ilitch

Liev Tolstói nasceu em Moscou, no ano de 1828, e ficou órfão ainda criança. Herdeiro de uma família aristocrática, formou-se em Direito, fundou escolas e obras assistenciais para seus empregados. É autor de **Guerra e paz** (1868) e **Ana Karênina** (1877), entre outros títulos e morreu em 1910, aos 82 anos. Através da leitura de **A morte de Ivan Ilitch**, o leitor acompanha a trajetória da morte vista de uma perspectiva diferente de como é tratada na pós-modernidade. Ele adoece e luta contra a morte em seu leito, na companhia da família, recebe a

¹⁵⁶ MARANHÃO, José Luiz de Souza. **O que é Morte**. São Paulo: Brasiliense, 1996, p. 7

¹⁵⁷ *Ibid.*, p. 14

extrema-unção e é velado na própria casa.

A narrativa se inicia quando a notícia do falecimento é lida aos colegas do palácio da Justiça onde Ilitch é juiz. Neste momento, os colegas já começam a pensar nas possibilidades de transferências e promoções decorrentes do cargo que fica vago¹⁵⁸. Os amigos mais íntimos consideraram os aborrecidos deveres a cumprir com as visitas de pêsames e o enterro. Cumprem a ritualística do funeral que envolve o oportuno sinal da cruz, examinar o defunto, as exéquias e concluir que o evento não iria impedi-los de passar o serão agradavelmente, como sempre faziam. Segue-se o alívio ao sair do ambiente fúnebre, com “cheiro de cadáver”, incenso e fenol. Ir a um funeral deveria provocar no homem uma revolução de espírito capaz de resultar em profunda transformação. Mas desperdiça-se a oportunidade, quando apenas consiste em cumprir um dever social.

Ilitch gozava de uma vida comum até a mudança para um cargo mais importante, passando a concentrar no trabalho e tornando-se cada vez mais ambicioso¹⁵⁹. Endividou-se e foi se afastando da família, objetivando libertar-se das contrariedades do lar. Quando o sucesso veio, todos passaram a amá-lo; então, adquiriu uma casa nova e passou a dedicar-se à decoração e realizar-se com esta tarefa e conquistas. “Quando não havia nada mais para arrumar, sobrevieram o tédio e a sensação de que faltava qualquer coisa”¹⁶⁰. Então, viveu seus dias em um cotidiano previsível e fatídico à procura de suprir esta falta – desejo que motiva o indivíduo durante a vida. O ser humano é insatisfeito por natureza e esta insatisfação gera uma angústia. A culpa por esta infelicidade provocada pela angústia é constantemente transferida para as pessoas ou coisas, como se percebe no relacionamento frustrado do personagem com a esposa e filhos, o que gerou uma solidão na hora da morte.

Veio a doença e o personagem passa a ser tratado pelo médico da mesma forma que tratava as pessoas, com “ar doutoral”¹⁶¹. Ele passou a dedicar-se à doença, às consultas, mas o menor aborrecimento era pouco tolerado. As perguntas existenciais começaram a inquietá-lo: “Eu deixarei de existir, mas o que haverá depois? Nada. Então onde estarei quando não mais existir?”¹⁶². Não queria morrer, estava se finando e não conseguia compreender a ideia da morte.

No terceiro mês da doença, ele só pensava em quando os vivos descansariam da sua presença e quando ele ficaria livre da dor e abriria vaga para quem o substituísse. A degradação

¹⁵⁸ TOLSTÓI, Liev. **A morte de Ivan Ilitch**: seguido de Senhores e servos. Tradução de Marques Rebelo. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998. p. 7.

¹⁵⁹ *Ibid.*, p. 35.

¹⁶⁰ *Ibid.*, p. 23.

¹⁶¹ *Ibid.*, p. 35.

¹⁶² *Ibid.*, p. 64.

imposta pela doença era suavizada com a presença de um servo que se tornou um amigo na hora da morte – Guerássim. O que mais incomodava Ilitch era o fato de todos encenarem uma farsa, deixando transparecer que ele estava apenas doente e que precisava de repouso. Encarar a morte como um acontecimento próprio da vida, acompanhando o moribundo nesta passagem, como fazia o servo, o teria ajudado a controlar o próprio morrer.

Todos os dias eram iguais para ele e chorou muito sua impotência, questionando sua sorte, até sossegar e começar a ouvir uma voz interior. A voz perguntou o que ele queria e respondeu: “Viver sem sofrer”¹⁶³. Então, a voz o leva a pensar sobre a forma como ele queria viver. Começou a retroceder nas suas lembranças à época da infância, mas constatou estar morto aquele menino. “E quanto mais longe da infância e mais perto do presente, tanto mais as alegrias que vivera lhe pareciam insignificantes e vazias”¹⁶⁴. Lembrou-se dos tempos da faculdade, do primeiro emprego, do casamento e a monótona vida burocrática. Então, parou de chorar e concluiu não ter vivido como deveria. Este diálogo com a voz interior leva-o a perceber que almejar viver da forma que viveu não fazia sentido. A angústia maior é a impotência diante da mudança para fazer tudo diferente, caso tivesse esta oportunidade. Nos últimos tempos, sentia muita solidão, no meio de uma grande cidade, cercado por muitos amigos. Sentia muitas dores físicas, porém, as morais eram as piores.

Ele recebeu a extrema-unção a pedido da esposa, sentiu-se melhor e até com uma certa esperança, que logo se esvaiu. Agonizou com dores por três dias e, cercado pelos filhos e esposa, teve pena deles e entregou-se à morte, sem forças para o pedido de perdão. Ao fazer esta entrega, procurou o medo e não o encontrou. A morte desapareceu dando lugar à luz e exclamou com voz alta: “Que alegria!”¹⁶⁵. Concluiu que a morte não mais existia, pois a morte é o ato de morrer com todas as etapas de reavaliação da vida, angústia, perdão e aceitação de que acabara a carreira, cumprira o ciclo total da vida.

Ilitch teve a oportunidade de experimentar a morte domada, aguardar por ela em casa, junto com a família, porém, faltou-lhe estar mais preparado para ela. Ler esta obra de Tolstói é impactante, pois chama atenção para este evento, dimensionando quais são as necessidades de alguém diante da morte. É possível perceber quais as dúvidas, os medos e a importância da sinceridade daqueles que assistem o doente, tratando de todos os assuntos que envolvem o morrer de forma aberta e amiga.

¹⁶³ RUFFATO, Luiz. **O verão tardio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 64.

¹⁶⁴ *Ibid.* p. 64.

¹⁶⁵ *Ibid.* p. 75.

4.2 A morte de Oséias Moretto

“Sei que ainda vou voltar Para o meu lugar”

Chico Buarque

Oséias volta para o seu lugar para revisitar o passado idealizado por ele e só encontra o presente. Assim como a paisagem se altera no olhar do expectador, quando observada em horários distintos ou por ângulos diferentes, as pessoas também são como as paisagens, pois se transformam de forma dinâmica nas várias etapas da vida. É provável que as pessoas com quem Oséias manteve contato tivessem atitudes diferentes se estivessem também diante da morte iminente. Oséias, ante a culpa pela morte da irmã, abandona o lugar e muda-se para São Paulo. Como na canção de Chico Buarque, ele fez estradas e se perdeu nelas, fez de tudo e nada de esquecer o passado, mesmo tendo feito tantos planos para se encontrar, acabou se perdendo.

A morte prematura de Lígia, aos quinze anos, trouxe para a família tristeza extrema. Esta experiência com a morte foi, para o protagonista, ainda mais traumática, pois gerava culpa por ter mostrado o revólver para a irmã. A imagem da última visão da irmã ainda é nítida na memória dele. “Lígia esticada no caixão, vestido branco, buquê de florzinhas-mosquitinho artificiais nas mãos enluvadas, véu protegendo o rosto...”¹⁶⁶. A morte da mãe de Oséias não foi súbita, pois foi decorrência de um câncer e foi a última ocasião em que a figura materna conseguiu reunir toda a família:

Nos reunimos, no hospital, em torno de seus olhos, única parte do corpo que não fora sugada pela doença. Ela passou a mão magra e seca no rosto de cada um de nós, numa bênção de despedida, e mostrou-se contente por nos ver de novo juntos, inclusive o pai, que naquele dia surgiu limpo e sóbrio, uma espécie de caricatura do homem que havia sido um dia. De alguma maneira, ali, naquele momento, voltávamos a ser os filhos obedientes, bons e responsáveis, radiantes de futuro, que éramos, à vista dela, quando crianças¹⁶⁷.

Estas são as perdas de pessoas mais próximas do protagonista e fazem parte da construção que ele fez durante a vida sobre o assunto. Por causa da culpa pela morte de Lígia, ele deixa o lugar onde vivia, para afastar os fantasmas do passado: “A vista nos coloca à distância do lugar, enquanto é com o corpo todo, por todos nossos gestos e todos nossos

¹⁶⁶ RUFFATO, Luiz. **O verão tardio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 208.

¹⁶⁷ Ibid. p. 189.

sentidos que o lugar nos assombra, e que nos sentimos envolvidos nele e por ele”¹⁶⁸.

O último ensaio de Jean Besse em **Ver a Terra** é baseado na filosofia de Charles Péguy, a partir das considerações do filósofo em **Note conjointe sur M. Descartes et la philosophie cartésienne**. Besse retoma de Péguy a abordagem filosófica que interessa à discussão sobre a paisagem. Alguns aspectos dialogam com as experiências de paisagem tratadas nesta pesquisa, serão, portanto, destacados.

Um dos aspectos que Besse ressalta é que segundo Péguy, o filósofo se relaciona com a paisagem, mergulhando no meio de tudo e não se retirando nas alturas¹⁶⁹. A experiência positiva de Goethe na Itália comprova esta afirmação, quando em contato com o meio, o poeta se satisfaz com a viagem. Petrarca também conclui, antes mesmo de chegar ao topo do monte Ventoux, que o primeiro espaço a ser habitado deveria ser o interior. Portanto, não é o distanciamento o responsável por proporcionar uma experiência de encontro e de reconhecimento, mas a interação com o meio. Também Oséias, ao afastar-se do lugar para esquecer a culpa que carrega, só vive uma longa pausa nesta triste canção, um silêncio ensurdecedor.

Mais que uma questão de perspectiva, a paisagem para Péguy é kairológica, no sentido de ocasião própria, de oportunidade, uma sequência de presentes¹⁷⁰. Para este filósofo, “A verdade da paisagem não se dá num “altar” ou numa vista congelada. A paisagem também não é acumulação de memórias, depósito de signos, patrimônio constituído, nostalgicamente consultável. Ela é evento, ela é paisagem, incompleta, da vida”¹⁷¹. Ela se mostra para aquele que vive o momento e acredita no recomeço, lançando-se com coragem. Oséias está diante de uma paisagem, no entanto, está preso ao passado e não no recomeço, pois a morte é o futuro que o aguarda.

Para Péguy, os cristãos detêm a visão de reconhecer-se na condição de miserável e, portanto, crê sempre no recomeço. Esta percepção de viver na provisoriedade e diante de um constante reinício permite viver uma experiência filosófica ou espiritual e reconhecer-se como acontecimento¹⁷². Mas este acontecimento é frágil, porque o presente tem sua precariedade, portanto, o indivíduo precisa estar em consonância entre o mundo e a alma para interagir com o meio e consigo ao mesmo tempo, sem se deixar afetar pelo tempo presente da ação.

Pelos estudos de Besse, Goethe, em sua viagem à Itália, sente-se “enfim em casa”, e

¹⁶⁸ BESSE, Jean. **Ver a terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. Tradução de Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 132.

¹⁶⁹ RUFFATO, Luiz. **O verão tardio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 98.

¹⁷⁰ *Ibid.*, p. 99.

¹⁷¹ *Ibid.*, p. 100.

¹⁷² *Ibid.*, p. 107.

Petrarca propõe deixar de lado a busca pelo Lugar e avançar na caminhada¹⁷³. É no percurso do caminho que ele obteve as respostas e a certeza de que o primeiro espaço a ser habitado seria o interior. Para Péguy, esta experiência filosófica ou espiritual da paisagem é baseada na experiência como graça. Não consiste em reviver o passado, nem os cuidados com o futuro, pois a cada dia basta o seu mal. A paisagem aberta em Péguy é a de uma promessa em relação ao presente¹⁷⁴; é totalmente provisória e consiste em um acontecimento libertador:

[...] reside inteiramente nesta possibilidade de se deixar afetar pelo que chega, no encontro e no abarcamento daquilo que parte de nós e daquilo que vem em direção a nós. No acontecimento dotado de graça não se distingue interior e exterior. A experiência é ao mesmo tempo, inserção súbita no grande acontecimento do mundo e descoberta na presença deste acontecimento em nós¹⁷⁵.

É preciso permitir que o tempo revele o modo de habitar o espaço, para se ter um espaço habitado com a alma. Mas quanto tempo? O tempo é imprevisível, pois pode ter se revelado a uma vida vivida intensamente e que se encerra aos vinte anos e nunca ter se revelado àquele cuja vida se finda aos noventa, por nunca ter encontrado a fórmula de viver a paisagem no presente e na provisoriedade. O encontro com a paisagem pode se dar pela arte, com o olhar sensível do poeta. Também pode ocorrer pela ciência, com o olhar atento do geógrafo ou de forma filosófica ou espiritual, em um estado de graça entre a alma e o mundo.

Teria o tempo revelado a Oséias uma forma de habitar o espaço? Em Cataguases, percebe que ele se sente deslocado, caminhando sempre pelas ruas para preencher o tempo e buscar rostos conhecidos. “Me tornei rocha, me tornei aço, não sinto mais nada”¹⁷⁶. Apesar de narrada pelo personagem, percebe-se o silêncio na trama e resta ao leitor juntar fragmentos de informação e impressões para lincar os fatos, pois Oséias é um sujeito fechado. Nesta fala significativa, nota-se a sentença autodeclarada e determinista, impossibilitando a ele mudar o estado de espírito. Não há mais nenhuma epifania no texto em relação a Oséias, a não ser a descoberta diante da paisagem em Rodeiro, de que só importa o tempo presente, mas é tarde demais para ele, pois só a morte é a certeza absoluta que ele visualiza.

Em Rodeiro, próximo às lembranças dos tempos felizes da infância, recorda-se de um lugar onde viveu a rápida sensação de se sentir lembrado. A experiência vivida por ele é quando, ainda criança, adormecendo na mata preservada por causa das minas, acorda aflito e e

¹⁷³ RUFFATO, Luiz. **O verão tardio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 106.

¹⁷⁴ *Ibid.*, p. 106.

¹⁷⁵ *Ibid.*, p. 189

¹⁷⁶ *Ibid.*, p. 92.

pensa que provavelmente sentiriam a falta dele e que a sua ausência seria notada. As pessoas temem ser esquecidas depois da morte e é ainda mais perturbador quando se sentem esquecidas enquanto vivem.

Conversando com João Lúcio, Oséias relembra quando embrenharam naquela mata atrás do cachorro, outra vez à procura de uma novilha sumida, e como, lá de cima, conseguiam avistar Rodeiro. O irmão parece ter apagado toda memória daqueles tempos. “Como você lembra dessas bobagens todas?”¹⁷⁷. Enquanto João Lúcio cuida da churrasqueira, Oséias segue recordando-se dos sonhos do irmão, já esquecidos por este, mostrando-se saudoso daquele tempo. A conversa prossegue, latas de cerveja são atiradas uma a uma no saco de lixo preto. Esta ação é enfatizada seis vezes, criando uma atmosfera simbólica, renunciando o fim, a queima do passado e dos problemas, com a imagem do fogo e o saco de lixo preto.

Sozinho, Oséias pega um pilãozinho e um socador de madeira que trouxe na mochila, tritura os comprimidos e despeja em uma garrafa com água. Lança ao fogo o pilão, o socador e os documentos pessoais. Passa a noite no sítio e, pela manhã, evita olhar o nicho de Santo Antônio de Pádua iluminado. Ele sobe para este lugar preservado, alcança o topo, desviando-se de espinhos e buracos. Toma o líquido preparado, sente engulhos, usa a mochila como travesseiro e se deita lembrando-se da vó Luígia e seus gatinhos, e de sua mãe cantando uma canção de ninar.

O falecimento de Oséias não é uma morte domada como a de Ivan Ilitch, cercado pela família, na própria casa. Não cabe aqui discutir sobre o suicídio, mas, possivelmente, prevendo uma morte selvagem em um leito de hospital, Oséias escolhe o lugar para este evento, ingere vários comprimidos e espera por ela. Por motivos e dificuldades que só ele compreende, antecipa seu desfecho, privilegiando o lugar devidamente escolhido. Mas, a verdadeira morte se dá com o esquecimento do morto, como um fogo que apaga qualquer vestígio da existência de alguém.

4.3 A morte e o esquecimento

Ilitch teme a morte, mas Oséias teme o esquecimento, pois viu isto acontecer em relação à morte de Lígia. Ele se sente fracassado e tem certeza de que sua ausência não fará diferença para filho, a ex-mulher e os irmãos. O fracasso é um sentimento bastante comum na

¹⁷⁷ RUFFATO, Luiz. **O verão tardio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 217.

modernidade, pois o homem é movido por vontade de se promover e sempre coloca novos desafios cada vez mais difíceis, portanto, sempre se tem a impressão de que o êxito nunca foi alcançado. É nesta condição que o personagem se encontra: “Caminho sem retorno, erros que levam a outros erros, e cinquenta e três anos pelo ralo. É isso a vida?”¹⁷⁸. Saber que vai morrer, muda toda perspectiva da vida que se finda e das projeções para o futuro e estas são as considerações de Oséias sobre este acontecimento:

Vão enterrar não meu corpo, o que é um corpo?, mas tudo que fui, todas as lembranças, todas as pessoas que habitam em mim e que posso reviver apenas fechando os olhos. Comigo, desaparecerão para sempre, como se nunca houvessem existido... Igual a Lígia... Quantos recordarão da Lígia? Ontem, um corpo; hoje um nome; amanhã, nem isso¹⁷⁹.

Ele se sente invisível demonstrando que não era notado, como afirma ao conversar com seu professor: “Não se preocupe, professor, na verdade ninguém lembra de mim...”¹⁸⁰. Provavelmente, ele temia ser totalmente esquecido após sua morte, já que estava sempre constatando o fato de que as pessoas não se lembravam mais de Lígia, ou, pelo menos, não tanto quanto ele gostaria. É possível que seja, em parte, porque a modernidade exige das pessoas que vivem o luto uma reintegração rápida à vida social. Logo em seguida, vêm os afazeres e a vida do dia a dia e, quando se percebe, os anos se passaram. Outro comportamento observado na contemporaneidade é buscar o esquecimento para afastar a dor. Isto é feito de forma tão abrupta, ocorrendo o apagamento das memórias e, com elas, parte da identidade do indivíduo:

De nada adianta tentar burlar a morte. Ainda que estampando fotografias e epitáfios, exibindo nomes e datas, todas as tumbas, as de mármore e as de tijolos, e mesmo as covas rasas, cujo único ornamento é uma cruz de madeira pintada de branco, o nome e a data escritos à mão, já quase apagados, se assemelham àquelas sepulturas ainda mais humildes, num canto do muro em escombros, amontoado de terra que nenhum marco identifica. A morte nos iguala em sua aniquilação. Não só o corpo decompõe, mas também a lembrança da nossa peregrinação pelo mundo¹⁸¹.

Para Rodrigues, a sociedade é um sistema de comunicação e por isso tende a entrar em crise com o desaparecimento do indivíduo. Esta crise que se estabelece com a lacuna deixada por aquele que parte, confirma que a morte não é um evento isolado, já que o homem é um ser

¹⁷⁸ RUFFATO, Luiz. **O verão tardio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 150.

¹⁷⁹ *Ibid.*, p. 189.

¹⁸⁰ *Idem.*

¹⁸¹ *Ibid.*, p. 127.

relacional com amigos, inimigos, família etc: “As relações não cessam com o falecimento, uma vez que o morto de numerosas maneiras vai continuar a influenciar os vivos”¹⁸². Sendo assim, percebe-se que a morte do outro anuncia a perda de nós. Um evento realizado tradicionalmente por um grupo jamais terá a mesma unidade após a perda de um componente, principalmente quando se trata de alguém que tenha desempenhado um papel importante no grupo. Nesse âmbito, observa-se como os laços da família de Oséias foram destruídos após a morte de Lígia, levando cada componente a se enclausurar em mundos fechados. Portanto, refletir sobre a morte é uma das urgências da modernidade.

A preocupação de Oséias é legítima e reflete a angústia dos viventes – este medo do esquecimento. “Logo também serei um retrato, uma data, um nome... corpo, ossos, pó... coisa alguma... Fiz tudo errado... E o tempo esgotou... Sou um saco de culpa e remorso...”¹⁸³. A certeza de Oséias quanto ao esquecimento é fruto da observação do que aconteceu em relação à morte da irmã. A temática trabalhada por Ruffato exemplifica como a memória do morto é tratada na modernidade como resultado da cultura da morte em grande parte do ocidente.

Mas o México é um bom exemplo de algumas culturas que lidam com este tema de forma diferente, objetivando manter viva a memória daqueles que partiram. Octavio Paz, mexicano ganhador do prêmio de literatura, promove debates importantes sobre o México, a modernidade e sua solidão. Dedicou o capítulo três de **O labirinto da solidão** para mostrar o espírito festivo, especialmente quanto ao Dia de Finados. Para ele, “O solitário mexicano ama os feriados e as festas públicas”¹⁸⁴ e elas são uma compensação da miséria vivida no país. Paz acredita que é uma nação que detém a arte da festa.

O autor discute também sobre a solidão na modernidade, especialmente o mexicano, que, na Festa do Grito, extravasa gritando por uma hora, segundo ele, talvez para calar-se durante o resto do ano. Durante as festas, sejam quais forem, o mexicano grita, canta, assobia expressando-se de diversas outras maneiras. Para Paz, é o momento de “[...] pular o muro da solidão que durante o resto do ano o torna incomunicável”¹⁸⁵.

O Dia de Finados é comemorado com muita festa; em vez do clima fúnebre, as pessoas se fantasiam com as pinturas ou máscaras das caveiras mexicanas. Esta festa em homenagem à memória dos entes queridos é colorida, com muitas músicas e danças que atraem turistas interessados em conhecer esta cultura tão peculiar. Lá, a morte, vista como

¹⁸² RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. 2.ed., rev./José Carlos Rodrigues. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006, p. 75.

¹⁸³ RUFFATO, Luiz. **O verão tardio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 206.

¹⁸⁴ PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão** e post scriptum. Tradução: Eliane Zagury. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 45.

¹⁸⁵ *Ibid.* p. 47.

tabu em muitas culturas, é motivo de celebração – uma festa com raízes indígenas e com tradições cristãs. É considerado o feriado mais amado por eles, quando se acredita no encontro de vivos e mortos. Nesse contexto, morrer não é visto como um choque, um trauma, como o é na cultura da modernidade, que criou o mito da vida e da juventude e não aceita a velhice e a morte.

A festa foi considerada Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) em 2003. Não se pretende aqui tratar a respeito das questões culturais da festa, mas extrair desta uma visão diferenciada da morte. Ressalta-se, da visão mexicana, a importância que se dá à preservação da memória, das histórias e do legado deixado por aquele que partiu. Extrai-se desta cultura a ideia de que o indivíduo morre, de fato, quando é esquecido pelos seus. Depreende-se que importante não é viver para sempre na Terra, mas viver de forma correta, inesquecível, uma vida a ser lembrada e cantada pelos viventes.

Tempo é só duração, logo, a intensidade fica a cargo daquele que o administra. Viver é estar diante da morte dia após dia, portanto, é necessário viver o “memento mori”, que consiste sempre na lembrança de se estar diante da morte, necessitando morrer um pouco todo dia para algo nascer. Octavio Paz vê a morte como uma construção, portanto diz que cada um tem a morte que construiu e que “é preciso morrer como se viveu”¹⁸⁶. Logo, se a vida é uma festa, morrer é igualmente uma celebração. Outro exemplo de cultura que apresenta um olhar diferenciado para a morte é o típico funeral de jazz, em New Orleans (EUA):

A “brass band”, banda de metais toca no cortejo fúnebre e após o sepultamento executa músicas comemorativas acompanhadas de danças para contar a história, a amizade e a vida. As “Second Line Parades” são, portanto, um “jazz funeral” sem o morto. Como costuma se dizer por aqui, foi assim que New Orleans colocou “fun” (diversão) em funeral¹⁸⁷.

Quando a vida é uma festa, a morte é digna de música, seja tocada ou cantada. Viver de forma digna contribui para construção de uma ideia da morte que permite preparar-se para ela, de forma a escrever um canto de louvor à vida que poderá ser executado na morte. A música tem o poder de elevar, de provocar uma fuga, ainda que temporária das agruras da vida. A música já não tem mais poder sobre o morto ao ser tocada no funeral, mas tem poder sobre o

¹⁸⁶ PAZ, Otavio. **O labirinto da solidão** e post scriptum. Tradução: Eliane Zagury. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 51.

¹⁸⁷ DOMINGUES, Juliano. Uma celebração à liberdade. **Continente**, n. 258, 2022. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/secoes/ensaio-visual/uma-celebracao-a-liberdade>. Acesso em 20/06/2022.

vivo. A letra abaixo retrata bem a influência desta.

Estava à toa na vida/O meu amor me chamou/Pra ver a banda
passar/Cantando coisas de amor/A minha gente sofrida/Despediu-se da
dor/Pra ver a banda passar/Cantando coisas de amor/O homem sério que
contava dinheiro parou/O faroleiro que contava vantagem parou/A
namorada que contava as estrelas parou/Para ver, ouvir e dar passagem/A
rosa triste que vivia fechada se abriu/E a meninada toda se assanhou/Pra ver
a banda passar/Cantando coisas de amor [...]¹⁸⁸.

Seria interessante que a vida fosse, para todos, uma festa e não apenas momentos raros, simbolizados aqui pela passagem da banda. Este seria o triunfo da vida sobre a morte: viver uma vida para ser cantada, não faltando enredo, com conquistas e gratidão. Em documentário intitulado “Chico e Oscar”, o compositor, lendo um de seus livros, conversa com Niemeyer enquanto lê sobre o sonho de morar em uma casa arquitetada pelo famoso artista. Não chegou a realizá-lo totalmente, mas ao ser transferido para o Colégio interno de Cataguases pôde por um tempo habitar nesta escola, desenhada pelo modernista. “Vivi seis meses naquele casarão do Oscar, achei pouco”¹⁸⁹. Chico revela um de seus sonhos e como, de alguma forma, o realizou, pois casa pode ser em qualquer lugar, desde que a reconheça como tal.

Diferente de Chico, Oséias, retorna para seu local afetivo, mas, infelizmente, não o reconhece, não encontra o canto da vida, a morte desejável e o funeral festivo. A paisagem física foi encontrada, no entanto o indivíduo já se acha deslocado de si mesmo, portanto, em qualquer lugar se sentirá um forasteiro, já que a paisagem se completa com as histórias e memórias coletivas.

¹⁸⁸ Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/chico-buarque/45099/>. Acesso em 20/06/2022

¹⁸⁹ BUARQUE, Chico. **Chico Buarque e Oscar Niemeyer**. 24 de outubro de 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NGBOTRJTr30>. Acesso em 20/06/2022

PARTE II – O LUGAR ONDE VIVO

A segunda parte da dissertação apresenta o “produto”, uma proposta de intervenção social. Este paradidático é uma intervenção social e resultado de reflexões proporcionadas pelo Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania. Como “Intervenção pedagógica”, busca atender às demandas da escola quanto a estes temas e auxiliar o professor com atividades que podem ser acessadas de forma digital, através de um QR Code. A fim de trabalhar com os temas desenvolvidos neste programa de pós-graduação, foram propostas atividades interdisciplinares, lúdicas, discursivas e reflexivas que abordam outras questões, como: identidade, pertencimento, alteridade, memória, cidade e a morte. Este material é uma forma de desenvolver e retribuir à sociedade os ganhos de um processo de formação na pesquisa. No processo de elaboração da página eletrônica, buscou-se trazer um formato sintetizado, com umalinguagem simples.

Muitas das atividades propostas neste paradidático foram aplicadas com alunos do Ensino Médio do CEFET, MG – Campus Leopoldina. A capa do livro de atividades é uma montagem de fotos que representam a cidade de origem dos alunos da referida escola. Foi pedido aos estudantes que fotografassem um patrimônio histórico da cidade, um bem material ou imaterial. Eles deveriam apresentar para a turma e explicar sobre o lugar, mencionando as particularidades e o porquê de terem escolhido aquele patrimônio. Esta experiência foi bem significativa, pois eles se sentiram representados e se envolveram na busca por conhecer a história do lugar onde vivem.

As atividades foram aplicadas em sala, em um projeto com o objetivo de estudar a cidade moderna com seus desafios, do patrimônio e da experiência da paisagem. Estes temas estão todos relacionados ao lugar onde se vive, mas o projeto se encerrou com a discussão sobre o lugar onde se morre e as questões de enraizamento e desenraizamento, em tempos de globalização.

É interessante observar, pelo painel de fotos da capa, o conceito que os estudantes têm sobre patrimônio, identificando que para eles é um bem material, belo, do qual se orgulham. A fim de contribuir com a construção de uma visão mais ampla sobre patrimônio, esta proposta traz atividades sobre “os lugares de memória”. Muitas vezes, estes não são belos e idílicos, mas guardam a história e as dores de um grupo ou de uma raça, como, por exemplo, o Cais do Valongo no Rio de Janeiro.

Antes da aplicação dos estudos sobre a paisagem, os alunos receberam como tarefa fotografar. Deveriam enquadrar uma paisagem do *campus*. Cada um entregou uma foto

e, juntos, perceberam a multiplicidade de perspectivas possíveis e ângulos de uma mesma paisagem. Puderam, como calouros do primeiro ano, explorar a escola e conhecê-la. A tarefa era experienciar a paisagem, como alunos recém-chegados, como visitantes. Depois desta experiência, tomaram contato com o texto literário e a paisagem vivenciada pelo personagem, podendo refletir sobre a paisagem onde vivem.

O trabalho com os textos do autor foi muito proveitoso, pois, além de observar a riqueza da linguagem e da pertinência dos temas com a pesquisa, os estudantes tiveram contato com uma literatura local e universal, ao mesmo tempo. Ao ler os textos, logo se identificaram com a paisagem descrita e com a linguagem mineira, tão familiar. Deve ser sempre uma meta do educador a de levar ao conhecimento dos estudantes autores da região para o estudo do patrimônio e da paisagem local.

Grande parte dos textos utilizados foi de crônicas do livro **Minha primeira vez**. Como toda crônica, esta também parte de uma realidade observada para refletir sobre um tema. O texto “Rodeiro, meu amor” trata da dificuldade dos dilemas que o imigrante vive – o apagamento de suas memórias e a inadequação na nova terra. Essas são questões identitárias que envolvem o patrimônio e a paisagem, as quais a escola precisa tratar com os alunos a fim de desenvolver o sentimento de identidade.

A leitura de “Eu não sabia que Cataguases era uma cidade importante” leva o discente a olhar para a cidade onde mora com um olhar inquiridor, buscando conhecê-la, pensando na arquitetura e nos bens patrimonializados. Algumas questões apresentaram-se pertinentes, como entender o contexto que envolve os bens tombados e se há uma identificação com eles por parte da população, buscando justificativas.

Ao ler “Os indiferentes”, o estudante toma contato com os dilemas que envolvem as cidades na modernidade, especialmente as metrópoles. Neste texto, o autor dá uma aula do que é a verdadeira cidadania e aponta soluções para o problema da falta de identidade nas grandes cidades, citando São Paulo. O autor leva o leitor a pensar sobre como a sociedade lida com o bem público.

Já a crônica “Estamos todos surdos” conduz o leitor a pensar sobre uma surdez coletiva, uma total incapacidade de se comunicar. É imprescindível tratar sobre este assunto em sala de aula, pois é o cerne dos problemas. É preciso perceber o outro, ouvi-lo e pensar pela perspectiva diferente, desenvolvendo a alteridade.

A partir do poema “Arqueologias”, é possível discutir sobre a passagem do tempo e as mudanças que ele produz. Será o momento de olhar para o passado, o presente e o futuro, pensando na paisagem e na memória. O que deve ser preservado? Como os idosos lidam com

as mudanças? Essas e outras questões serão abordadas e outras mais que, com certeza o texto oferece.

Além das crônicas e do poema, boa parte das aulas estão preparadas a partir de fragmentos do romance **O verão tardio**. O aluno acompanha a viagem deste personagem e percebe a interação com a paisagem vernacular da cidade. É uma boa oportunidade para se explicar o termo para os alunos, podendo partir do conceito da arte vernacular para se chegar à paisagem. A arte é democrática e o discente precisa perceber a beleza dos lugares comuns.

A partir deste romance também é possível discutir em sala sobre a experiência de paisagem para se refletir sobre a influência do lugar, a importância que exerce sobre os habitantes e despertar no aluno o olhar de contemplação do espaço. Também proporcionará uma discussão a respeito do pertencimento e as questões que envolvem o desenraizamento no mundo globalizado.

Neste romance, o personagem vive a experiência de esperar pela morte e, por recomendação médica, deve aproveitar bem o tempo que lhe resta. Desta forma, o lugar recebe destaque, pois ele volta para o lugar de onde migrou, no entanto, ainda assim se sente inadequado. O olhar de Oséias é o de quem vive os últimos dias de vida, por isso, sua visão ganha atenção especial e potencializada. A partir deste conflito, é importante refletir sobre como lidamos com a morte na modernidade e na nossa cultura, comparando-se com uma cultura diferente para ampliar a visão sobre o assunto.

O livro foi trabalhado em três módulos de cinco aulas, partindo de conceitos discutidos por historiadores ou geógrafos, um texto literário e a atividade. Quanto aos textos fictícios, são todos do escritor cataguasense Luiz Ruffato, de várias de suas obras e gêneros diversos, como carta, conto, crônica, poema e romance. O título **O lugar onde vivo** resume, de forma adequada, este trabalho interdisciplinar e recebe inspiração do tema das Olimpíadas da Língua Portuguesa, projeto nacional cuja tarefa é a produção dos gêneros textuais, poema, memória, crônicas e artigo de opinião sobre o lugar onde se vive. Espera-se que este paradidático contribua para promover o senso de pertencimento, ampliar a capacidade de relacionar texto literário e não-literário e o desenvolvimento da habilidade da leitura e da produção de texto de maneira mais autônoma.

O primeiro módulo objetiva levar o aluno a conhecer um pouco sobre o autor Luiz Ruffato, a obra e alguns dos temas a ela relacionados. Ele possibilita ao discente entender os novos rumos da literatura brasileira contemporânea, auxiliando-o a refletir sobre este tempo. Estes objetivos serão alcançados mediante a leitura das crônicas apresentadas, da execução das atividades e de um rico debate em sala sobre os temas das aulas.

A leitura dos gêneros deve promover a conversa sobre memória e identidade, discutindo sobre a memória individual e a coletiva, refletindo em sala sobre a importância deste tema para um povo, com auxílio de exemplos vivenciados. A identidade, discutida com afinco na Semana de Arte Moderna em 1922, continua sendo um desafio, pois é algo que todo ser humano busca para si continuamente, já que se está em constante mudança. Trata, portanto, de uma necessidade, principalmente para o jovem em formação pensar sobre a identidade brasileira que é tão diversa.

No segundo módulo, apresenta-se para o estudante uma chamada à reflexão e conhecimento sobre a cidade onde mora e a importância de vê-la como histórica e relevante na vida das pessoas que a habitam. Os textos selecionados conduzem o leitor a ver a cidade inserida na modernidade com todos os seus dilemas e desafios. Espera-se, com a leitura e a reflexão em sala sobre estas questões, que o aluno compreenda o papel do cidadão moderno e perceba o “outro” como igual. Esta alteridade tão almejada, principalmente nas áreas urbanas onde convivem tantas pessoas com características tão diferentes, é fundamental para o desenvolvimento da cidadania plena.

No último módulo, as aulas propõem atividades relacionadas ao tema da morte, especialmente como os ritos que a envolvem vêm se transformando na modernidade. Embora seja um tema tabu, e por muitas vezes evitado, é extremamente necessário, pois é um desafio com o qual o indivíduo está sempre se deparando. Afinal, vivenciar o luto ou a iminência da morte pode ser uma experiência menos traumática, caso tenha sido trabalhada, construída através do conhecimento e da reflexão sobre o assunto.

Para esta reflexão, são utilizados textos que reflitam sobre a morte e a experiência vivenciada pelo personagem Oséias, de **O verão tardio**. Este protagonista está diante da morte e retorna para a região onde nasceu, para recuperar o passado antes desta última viagem. Ao longo do texto, este narrador-personagem faz considerações sobre o tema e dessa forma, o leitor pode se utilizar das experiências do personagem para pensar sobre o tema.

Os temas para reflexão são: a dificuldade de se estar diante da morte, a forma como esta é tratada na modernidade e a preservação da memória do ente querido. Propõe, também, pensar sobre a importância que algumas pessoas dão ao lugar onde morrer e pensar sobre a cultura da morte, a fim de comparar com a cultura ocidental contemporânea. Espera-se contribuir para a construção de uma ideia mais humana sobre o assunto e ajudar o aluno a enfrentar este desafio, quando surgir.

Os três módulos concentram-se em exercício de leitura e interpretação a respeito da cidade e os desafios de alteridade na vida contemporânea. Buscam direcionar o aluno a

reconhecer patrimônio cultural e a valorizar a paisagem vernacular do lugar onde vive. Objetiva despertar no estudante um olhar atento para a paisagem local, buscando experimentá-la e conhecê-la. Pretende, ainda, levá-lo a pensar sobre a importância do lugar para se viver e morrer, cuidando da preservação da memória para a preservação da história viva daquele que partiu.

Para tornar o material mais lúdico, foram utilizadas figuras e atividades como caça-palavras e imagens. O conteúdo conta com fragmentos de textos da obra de Luiz Ruffato e crônicas completas do autor.

As atividades visam a treinar o estudante a redigir respostas completas e discursivas, capacitando-o, assim, para a escrita coerente e coesa, bem como treinar para respostas expositivas de vestibulares e o ENEM (Exame Nacional do Exame Médio). O estudante tomará conhecimento de textos bem escritos da literatura contemporânea, tendo como modelo gêneros utilizados nas Olimpíadas da Língua Portuguesa, como o poema, a crônica e memórias. Foram construídas questões cujas respostas o estudante precisa apresentar solução para o problema apresentado, assemelhando-se ao parágrafo de conclusão solicitado nas redações do Enem.

As questões objetivam formar o aluno para a leitura e a produção de texto autônoma. A fim de desenvolver habilidade como leitor, o estudante deverá relacionar texto literário e não literário estabelecendo coerência interpretativa entre os dois. Após a leitura e discussão dos tópicos, deverá também elaborar respostas completas em parágrafos coerentes.

Pensando em construir com os alunos os saberes sobre a cidade, apresenta-se uma crônica relatando sobre a cidade do autor, a bandeira e o hino do município. Pretende-se que o estudante pesquise estes elementos relacionados à cidade onde se vive. Nesta proposta, o aluno irá refletir sobre os efeitos da globalização nas cidades e uma reflexão sobre o desenvolvimento da verdadeira cidadania.

Outra importante reflexão é a respeito do patrimônio cultural, buscando analisar se os bens patrimoniais reforçam uma cultura homogênea ou de vários grupos. Pretende-se levar o aluno a pensar nos bens patrimoniais da cidade onde mora, se estão bem preservados e quais elementos desencadeiam essas mudanças. As atividades conduzem o discente a refletir sobre o que gostariam de preservar do seu tempo, como os idosos se relacionam com o que foi preservado e o que foi transformado.

As questões propõem uma discussão sobre a paisagem urbana observada do ponto de vista do aluno e a avaliação deste sobre as transformações da paisagem e a identidade em um mundo globalizado. O aluno refletirá se há um parâmetro a se chegar, quanto à busca da

identidade brasileira ou se esta está em constante construção.

O aluno será levado a pensar sobre a importância da paisagem, do lugar onde viver e morrer. Como o personagem do romance está diante da morte, é importante discutir sobre este importante tema, que é muitas negligenciado. Assim, o aluno pesquisará sobre a morte em outras culturas e poderá perceber como outros povos lidam com o assunto.

Este paradidático foi pensado, portanto, para auxiliar alunos e professores na discussão de temas importantes, como a cidade, a paisagem, a memória e a morte. Pretende-se ampliar o repertório cultural do aluno e a capacidade de expressar e registrar, em forma de respostas discursivas. Todas as atividades, assim com a atualização delas e futuras dinâmicas, estarão no endereço = <https://nleda3802.wixsite.com/website>



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo sobre a paisagem da Zona da Mata mineira configurada sob as lentes de Luiz Ruffato é focado especialmente nas cidades de Cataguases e Rodeiro. O espaço urbano é especialidade de Luiz Ruffato, e sua obra é, portanto, um campo aberto para se tratar do homem diante do lugar e diante do outro. Através de Cataguases, como representação em miniatura do país, o leitor tem um retrato desta paisagem que se mostra aos olhos de todos, mas percebida de maneira aguda pelos poetas.

A literatura, direito de todo cidadão, contribui para revelar a imagem opaca que o cidadão comum vê, mas que o autor a si impõe como dever diante da história. Esta atitude do artista exemplifica como o indivíduo deve estar no mundo, de forma interrogativa e inquiridora. Também o personagem da obra **O verão tardio** encontra-se diante da paisagem, vivendo os últimos dias de vida, buscando resolver questões do passado.

O protagonista vive os dilemas do migrante – a sensação de não pertencimento ao local, visto, por muitas vezes, como provisório, pois quase sempre há o anseio de retorno ao lugar de origem. Pensando nesta problemática, que intervenção seria adequada às cidades para acolher o migrante e o imigrante? Para Maria Stela Bresciane, o urbanismo deve partir dos saberes da cidade, cada qual oferecendo conhecimento necessário para a construção da identidade, sempre dinâmica. A cidade não deve guardar apenas uma paisagem, mas paisagens culturais, heterogêneas, que representem pessoas distintas.

Quando Oséias chega a Cataguases, depara-se com um patrimônio preservado, mas não há nenhuma menção sobre esses bens por parte do narrador. Ele se sente inadequado ao lugar e interage com uma paisagem mais vernacular, buscando lugares mais familiares a si. O patrimônio da cidade é transmissor de memórias e identidades, mas desde que haja uma identificação.

A proposta é olhar para a Zona da Mata na modernidade, com todos os desafios da vida contemporânea, por isso é impossível falar de cidade e principalmente moderna, sem falar de Paris e de como o processo de modernização afeta a memória. Com o auxílio de Balzac e Baudelaire, é possível caminhar pela cidade como poeta, já que é preciso modernizar para se sentir incluído, mas sem perder a identidade.

Constata-se, pelas leituras, que junto com as mudanças é preciso ocorrer a modernização da alma para o indivíduo vivenciar as cenas do cotidiano na multidão, sem sentir-se sozinho. A arte propicia esse desenvolvimento da alteridade, e por isso o poeta caminha livre para extrair o melhor do outro e do lugar, enxergando a poesia no espaço. A

modernidade, cada vez mais fluida, exigirá este aprendizado. Através da leitura dos artigos de Jean Besse sobre a experiência de paisagem, pode-se entender alguns conceitos interessantes com a viagem de Goethe e de Petrarca.

Primeiramente, compreende que a ideia da experiência de paisagem não é apenas contemplá-la, mas expor o corpo a ela, pois é uma experiência sensorial. Constata-se ainda o que Santo Agostinho defendia sobre o desejo do ser humano de ver. Para ele, o indivíduo buscaria ver o exterior, esquecendo-se do interior. Conclui-se que, para Petrarca, a montanha tornou-se lugar dos tormentos psíquicos e não trouxe o reencontro esperado, pois afirma a falta de resolução do poeta, acometido de acídia. As tensões do poeta não desaparecem diante da paisagem, mas leva à introspecção e alteridade interior, o que leva a crer que o consolo e a paz independem do lugar e que não há nada de admirável fora da alma, portanto, o homem diante da paisagem, como um ser humano pleno, precisa ocupar primeiro o espaço dentro de si mesmo.

Quanto à viagem de Oséias, depreende-se que ele se sentiu inadequado à paisagem porque possuía muitas inquietações na alma relativas ao lugar, às pessoas e às memórias de fatos mal resolvidos. Com apenas uma mochila e muita vontade de reatar os fios do passado, ele caminha como um fantasma por ruas entulhadas de gente, em meio à violência e à falta de alteridade. Ele vai ao encontro dos irmãos e procura reuní-los, mas chega tarde para isso, pois não consegue tocar nas pessoas.

Oséias percebe, em Rodeiro, que o que conta é o presente e que é necessário primeiro habitar o espaço interior. Através das leituras feitas, entende-se que é preciso aprender a viver na multidão, vencer a apatia e o estado *blasé*. Este personagem encontra-se em uma situação específica, diante da morte, e então já não há muito tempo para tal mudança de atitude, por isso o título do romance – “o verão tardio”. Ele encontra-se diante de uma paisagem vernacular, que se modifica e atesta o abandono com essas áreas mais populares, vivencia a cidade na modernidade e a falta de coletividade.

A partir da leitura do artigo de Besse, pode-se perceber que a fenomenologia se ocupa de como as trajetórias das pessoas se cruzam, como compõem a paisagem e como a percebem. Como dito, o poeta consegue habitar o espaço moderno sem sentir-se sozinho na multidão, pois aprendeu a povoar a si mesmo, mas quem não tem a alma de poeta, precisa habitar a cidade de forma geográfica. O saber geográfico consiste em habitar a terra com o olhar de viajante, pois quando se viaja, busca-se viver o espaço experimentando-o geográfica e culturalmente.

Constata-se, também, a importância de educar o olhar para a contemplação do espaço, tão perdida na modernidade. Verifica-se, ainda, pelas leituras, que o homem moderno perdeu o

dispositivo topológico, fruto em parte pelo encurtamento das distâncias. Como resultado dessas mudanças, o homem passa a habitar vários espaços, pois a vida moderna exige a capacidade de adaptação do indivíduo a diferentes lugares, como, por exemplo, trabalhar em uma cidade e residir em outra, bem como tantas outras situações desta natureza.

Dessa forma, é interessante o indivíduo desenvolver a consciência de pertencimento à Terra e não ter a necessidade de estar enraizado em um único lugar, o que consiste na liberdade no espaço, entendendo este espaço o mais amplo possível. Surge uma nova forma de habitar, já que habitar é criar hábitos, criar uma rotina. Besse vai chamar esse habitar próprio da cultura contemporânea de habitar móvel. No ensaio “Entre geografia e paisagem a fenomenologia”, Besse se utiliza das proposições de Eric Dardel, sobre as questões que envolvem o lugar e o homem. Essa proposição consiste em conceber juntos o homem e a Terra, entendendo que não há terra sem o homem e que ela é o mundo da vida. O homem precisa fazer parte dela, vendo-a como um espaço de movimentos, um espaço de abertura. Para habitar qualquer espaço, é preciso reconstruir a visão de cidadania, amar as cidades com suas qualidades e defeitos.

Além da viagem de retorno ao passado, Oséias encontra-se diante da morte, outro tema que, na modernidade, tem gerado uma ideia bastante diferente, desde a década de 1950. A morte domada, segundo Philips Arriès, vem dando lugar a uma morte selvagem, como já discutido no quarto capítulo desta pesquisa. A morte, vista como assunto indesejável, é cada vez menos vista como ciclo, como evento da vida. Outra característica contemporânea é a brevidade do luto, contribuindo para uma deficiente preservação da memória. É neste cenário que o personagem enfrenta a morte – sozinho – já que ninguém sabe do estado de saúde em que se encontra, mas o que mais o incomoda é não ser notado em vida e teme não ser lembrado após a morte.

Analisando o ensaio de Besse sobre a filosofia de Charles Péguy, pode-se entender que, para este filósofo, a paisagem é kairológica – uma sequência de presentes, é evento, é paisagem incompleta da vida. Ela se mostra para aquele que vive o presente e acredita no recomeço. Este é o dilema de Oséias, pois, ao viver o presente, volta-se para o passado, já que o futuro é inexistente, porque aguarda a morte. Ocorre também que o presente tem sua precariedade, uma vez que o indivíduo precisa estar em consonância entre o mundo e a alma para interagir com o meio e consigo, ao mesmo tempo. Esta é outra dificuldade do protagonista, que se encontra com a alma perturbada. Para Péguy, a paisagem é baseada na experiência como graça do presente, nem passado, nem futuro. Como discutido nesta pesquisa, o encontro com a paisagem pode se dar pela arte, com uma alma de artista; pela

ciência, através da geografia, habitar geográfico ou deforma filosófica ou espiritual.

O medo de Oséias é o esquecimento, porque, para ele, todos se esqueceram rápido da irmã Lígia. Mas, o que se observa na narrativa é que, com a morte da moça, cada membro da família morreu um pouco com ela, desintegrando-se cada um para um canto, com sequelas do trauma. Como já citado, para Rodrigues, a sociedade é um sistema de comunicação que entra em crise com o desaparecimento do indivíduo. A morte não é um evento isolado, porque o homem é um ser relacional, sendo assim, a morte de um anuncia a perda de outros. Parece que, uma forma de minimizar os efeitos da perda é manter viva a memória. Nesse sentido, necessita-se construir uma ideia diferente da morte como se observa em outras culturas.

Os mexicanos, embora ocidentais, diferenciam-se dos demais povos quanto ao tema da morte. O dia de finados é celebrado e aguardado como a festa mais importante, tornando-se patrimônio mundial da humanidade. Para eles, o importante não é viver para sempre na terra, mas viver de forma correta, uma vida inesquecível, digna de ser cantada. Para Otavio Paz, a morte é uma construção, portanto, cada um tem a morte que construiu. Nesta cultura, acredita-se que a pessoa morre de fato quando é esquecida pelos vivos. É fato que, quando se mantém a memória, as histórias e os ensinamentos daqueles que já se foram, a perda é só física. Exige-se, portanto, uma mudança de mente, pois, do contrário, prefere-se afastar as lembranças e a memória para evitar a saudade e o sofrimento. Percebe-se, na maior parte do Ocidente, o despreparo para o sofrimento e uma constante busca da felicidade e o afastamento de tudo que possa trazer desconforto.

Oséias retorna para seu local afetivo, mas não o reconhece, não encontra o canto da vida e a morte desejável. A paisagem física foi encontrada, no entanto, ele se encontra deslocado de si mesmo, portanto, em qualquer lugar se sentiria um forasteiro. Como observado nesta pesquisa, para o indivíduo ter liberdade no espaço, é necessário estar disposto ao recomeço que o presente sempre exige, mas é tarde demais para ele. Quando o indivíduo sai de um lugar para outro, leva sua cultura e memória e incorpora um pouco da cultura do outro, criando uma terceira história, uma outra forma de viver e estar no mundo. Nisto consiste a liberdade diante do espaço.

Esta narrativa fictícia de **O verão tardio** permitiu com que fossem feitas considerações sobre a vida contemporânea e seus desafios, a experiência de paisagem e a construção da ideia da morte a partir da história de Oséias diante da paisagem da Zona da Mata mineira.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, SANTO. **Confissões**. São Paulo: Canção Nova, 2007.

ANDREOTTI, Giuliana. **Paisagens culturais**. Trad. Ana Paula Bellenzier *et al.* Curitiba: Editora UFPR, 2013.

ANDERSON, Benedict. “Raízes culturais”. *In: Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad. Denise Botman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARIÈS, Philippe. **O Homem Diante da Morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

AUGÉ, Marc. **Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas, São Paulo: Papirus, 1994.

BARROS, José D’Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC). **Segunda versão revista**. Brasília: MEC, 2016. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 01 abr. 2021.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução Remberto Francisco. Kuhnem; Antônio da Costa Leal; Lídia do Valle Santos Leal. São Paulo: Nova. Cultural, 1988.

BAUDELAIRE, Charles. **As flores do mal**. São Paulo: Nova Fronteira, 1985.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. Tradução de Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo: Exercícios de paisagem**. As cinco portas da paisagem –ensaio de uma cartografia das problemáticas paisagísticas contemporâneas. Tradução de AnnieCambe, - Rio de Janeiro: EDUERJ, 2014.

BESSE, Jean-Marc. Entre a geografia e a ética: a paisagem e a questão do bem-estar. Trad. ElianeKuvassney e Mônica Balestrin Nunes. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo v. 18 n. 2 p. 241-252, 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/84455> Acesso em 23/01/22

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Baudelaire: o modernismo nas ruas. Tradução Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos da história oral*. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BONGO, Sepontina. Entrevista com o escritor Luiz Ruffato por Sepontina Bongo. *In: Periódicos da Universidade Federal de Goiás (UFG)* Disponível em:

<https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/44867/25074>. Acesso em: 22 de março de 2021.

BORGES, Jorge Luis. **Sete noites**. São Paulo: Max Limonad, 1983.

BORGES, Jorge Luis. **O fazedor**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2008.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. Cidade e História. *In*: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org.). **Cidade: História e Desafios**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2002.

BUARQUE, Chico. **Chico Buarque e Oscar Niemeyer**. 24 de outubro de 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NGBOTRJTr30>. Acesso em: 23 fev. 2022.

BUBER, Martin. **Eu e tu**. Tradução do alemão e notas por Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001.

CALLIGARIS, Contardo. Para que servem as ficções? **Folha de São Paulo**, Ilustrada. São Paulo, 18 de janeiro de 2007. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1801200716.htm>. Acesso em: 01/10/2020.

CALVINO, Ítalo. **Cidades Invisíveis**. Trad. Diogo Minardi. 2 ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1990.

CAMUS, Albert. **A Peste**. 25 ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

CANCLINI, Néstor Garcia. O patrimônio Cultural e a construção do imaginário nacional. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília, n. 23, p. 33-48, 1994.

CANCLINI, Néstor Garcia. Mercado e interculturalidade: a América Latina entre a Europa e Os Estados Unidos. *In*: **A globalização imaginada**. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2003.

CANDAU, Joel. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. **Revista Memória em Rede**. Pelotas (RS), v.1, n.1, dez. 2009-mar-2010.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Tradução de Maria Letícia Ferreira. 1ª edição. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

CANDIDO, Antônio. O Direito à Literatura. *In*. **Vários escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2011.

CARNEIRO, Patrício A.S.; MATOS, Ralfo E.S. **Geografia Histórica da Ocupação da Zona da Mata Mineira: Sobre o Mito Das" Áreas Proibidas**. Anais do XIV Seminários. Rio sobre a Economia Mineira - Atas do 14º Seminário de Economia de Minas Gerais . Cedeplar, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Disponível em: <https://ideas.repec.org/h/cdp/diam10/081.html>. Acesso em: 22 de janeiro de 2022.

CHARTIER, Roger. À beira da falésia. Introdução. **A história entre certezas e inquietudes**. História e literatura. Tradução: Patrícia Chitoni Ramos. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2002.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.

ECO, Humberto. **A escolha do tema. Como se faz uma tese em Ciências Humanas?** Lisboa: Editorial Presença, 2007.

ECO, Humberto. O texto, o prazer, o consumo. *In: Sobre os espelhos e outros ensaios*. Tradução de Beatriz Borges. Rio de Janeiro (RJ): Nova Fronteira, 1989.

ECO, Humberto. **Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas**. Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1969.

FERREIRA, Frederico Poley Martins *et al.* **População e políticas públicas - tendências e cenários para Minas Gerais**. Belo Horizonte-MG: Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG): 64. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Zona_da_Mata_Mineira#cite_note-DOU_%C3%81rea2002-1. Acesso em: 22 jan. 2022.

FIGUEIREDO, Vanessa Gayego Bello. O patrimônio e as paisagens: novos conceitos para velhas concepções? **Paisagem e Ambiente: Ensaios**, n. 32, n. 50-72, 2013.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto: leitura e redação**. [S.l.: s.n.], 2006.

GAVUA, Kodzo. Researching the legacies of the historic enslavement and trading of people in Ghana. *In: SANTOS, Vanicleia Silva; SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira; HOLL, Augustin (org.). Arqueologia e história da cultura material na África e na diáspora africana*. Curitiba: Brazil Publishing, 2019.

GÓIS, Edma de GÓIS, Edma de. **‘O verão tardio’, de Luiz Ruffato é alegoria de uma surdez coletiva**. El País (edição Brasil). 24 de julho de 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/24/opinion/1563965076_694213.html. Acesso em: 23 de março de 2021.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**. Presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

HARTOG, François.. **Crer em história**. Trad. Camila Dias. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

HARVEY, David. **Paris. Capital da modernidade**. Modernidade como ruptura. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Boitempo, 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) (11 de outubro de 2002). «**Resolução nº5 de 10 de outubro de 2002**». Imprensa Nacional. Diário Oficial da União - Seção 1 (198): 57–60. ISSN 1676-2339. Consultado em 4 de fevereiro de 2019. Citado por: Zona da Mata Mineira. *In: Wikipédia: a enciclopédia livre*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Zona_da_Mata_Mineira#cite_note-DOU_%C3%81rea2002-1. Acesso em: 21 de janeiro de 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E Estatística (IBGE) (2017). **Base de dados por municípios das Regiões Geográficas Imediatas e Intermediárias do Brasil**. Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_regi%C3%B5es_geogr%C3%A1ficas_intermedi%C3%A1rias_e_imediatas_de_Minas_Gerais#cite_note-IBGE_DTB_2017-1. Acesso em: 22 jan. 2022.

LAVILLE, Christian. **A construção do saber**. Manual de Metodologia de pesquisa em Ciências Humanas. Porto Alegre. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades**: conversações com Jean Lebrun. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Os progressos da memória escrita e figurada da Renascença anossos dias; os desenvolvimentos contemporâneos da memória; o valor da memória. Tradução de Bernardo Leitão. 7 ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2013.

LIMA, Monica Souza. História, Patrimônio e Memória Sensível: o Cais do Valongo no Rio de Janeiro. **Outros Tempos**, v.15, n. 26, p. 66- 81, 2018.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o Passado. **Projeto História**, São Paulo, n.17, nov. 1998. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11110>. Acesso em: 31 mar. 2019.

MAGALHÃES, Cristiane Maria. Patrimônio e paisagem cultural: reflexões sobre a preservação das paisagens urbanas contemporâneas. **Revistas CPC**, São Paulo, n.15, nov. 2012/abr.2013.

MARANHÃO, José Luiz de Souza. **O que é Morte**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. **A solidão da América Latina- Discurso de García Márquez no Nobel de Literatura**. Disponível em: <https://homoliteratus.com/solidao-da-america-latina-discurso-de-garcia-marquez-no-nobel-de-literatura/>. Acesso em: 30 mar. 2019.

MILANI, M. A.; Menoncello, A. Conversando com Roger Chartier sobre a obra de Michel Foucault. **Artcultura**, v. 17, n. 30, 2016. Disponível em; <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/34817>. Acesso em: 30 mar. 2021.

NEIVA, Lucas. O verão tardio de Luiz Ruffato. **Darandina**, v.13 n.2. Disponível em: <https://www.ufjf.br/darandina/files/2020/12/Resenha-O-Ver%c3%a3o-tardio.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2021.

PASSIANI, Enio. Descaminhos e desesperança: o Brasil de Luiz Ruffato em O verão tardio. **Arte e Ensaios**, vol. 26, n. 40, jul/dez 2020. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>. Acesso em: 22 mai. 2021.

PAZ, Otávio. **O labirinto da solidão** e post scriptum. Tradução: Eliane Zagury. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

PEREIRA, Wilson. **Correio brasileiro**. Considerações sobre o romance *O verão tardio*, de Luiz Ruffato, destacam a dimensão literária do escritor mineiro. Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/>. Acesso em: 03 ago. 2019

PESSOA, Fernando. **Mensagem**. São Paulo: Abril, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História, literatura e cidades: diferentes narrativas para o campo do patrimônio, **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 34, 2012. <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Numero%2034.pdf> . Acesso em 26/11/2020

POLLACK, Michel. Memória, esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 12-31, 1989.

PROUST, Antonie. **Doze lições da história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. 2.ed., rev./José Carlos Rodrigues. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.

RUFFATO, Luiz. **De mim já nem se lembra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_RUFFATO, Luiz. **Minha primeira vez**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2014.

RUFFATO, Luiz. **Meus romances preferidos**. El País (edição Brasil). 02 de dezembro de 2014. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/02/opinion/1417558396_401972.html. Acesso em: 23 de março de 2021.

RUFFATO, Luiz. **Inferno Provisório**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

RUFFATO, Luiz. **O verão tardio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SÁ, Antônio Fernando de Araújo. **A história do presente como tempo da memória**. Disponível em:

https://www.academia.edu/32746963/A_HIST%C3%93RIA_DO_PRESENTE_COMO_TEMPO_DA_MEM%C3%93RIA. Acesso em 26 nov. 2020.

SARASIEN, Amanda. **Chicago Review of books**. Disponível em: <https://chireviewofbooks.com/2021/07/07/an-inheritance-of-silence-late-summer/>. Acesso em 22 fev. 2022.

SIQUEIRA, Joelma Santana. SANTOS, Vivaldo Andrade. Dossiê temático: “A literatura brasileira no exterior”. In: **Gláuks**: Revista de Letras e Artes, v. 20, n. 2, 2020. Universidade Federal de Viçosa (UFV). Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/archive.br/ufv.br/2020/12/02/https://www.ufv.br/revista-glauks/v20n2/>+&cd=3&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br. Acesso em: 21 mar. 2021.

SCIFONI, Simoni. Os diferentes significados do patrimônio natural. **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, Maringá, v. 10, n. 3, p. 21-41, 2006.

SILVA, Jonatan. Escotilha. **‘O verão tardio’: um mergulho na estética da**

ausência. Disponível

em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:mkXCQCN8Ag0J:www.aescotilha.com.br/tag/o-verao-tardio/+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>> Acesso em: 23 mar. 2021.

SILVA, Paulo Henrique. 'O verão tardio': Livro de Luiz Ruffato mostra um Brasil 'suicida'. **Hojeem dia.** Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/almanaque/o-ver%C3%A3o-tardio-livro-de-luiz-ruffato-mostra-um-brasil-suicida-1.713774>. Acesso em: 21 mar. 2021.

SOUZA, Virgínia Ribeiro (org.). **Revelando minha cidade:** atlas escolar geográfico e cultural. Cataguases: 2013.

TOLSTÓI, Liev. **A morte de Ivan Ilitch;** seguido de Senhores e servos. Tradução de Marques Rebelo. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

ANEXOS

ANEXO A – DISSERTAÇÕES BASEADAS NA OBRA DE LUIZ RUFFATO

ALVES, Gabriela Souto. **O vernáculo brasileiro na contemporaneidade**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2014.

ANDRADE, Cinthia Ramalho de. **A representação da solidão latino-americana em obras de Mario Vargas Llosa e Luiz Ruffato**. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica, 2017.

AZEVEDO, Felipe Vigneron. **A resistência na literatura em tempos de globalização**. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2015.

BONADEO, Fernanda. **A perspectiva da estrangeiridade em “Flores artificiais”, de Luiz Ruffato, e “O estrangeiro”, de Camus**. Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul, 2016.

BUSCÁCIO, Livia Letícia Belmiro. **O projeto de escritura literária de Ruffato: reflexões sobre a estética do romance brasileiro contemporâneo**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2007.

CAPOBIANCO, Eder Dias. **Ecos do Naturalismo no projeto literário de Luiz Ruffato: uma análise de “Eles eram muitos cavalos”**. Assis: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2019.

CASAIS, Allyson Augusto Silva. **Dois anos infintos: o brasileiro como estrangeiro na ficção de Luiz Ruffato**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2020.

CERQUEIRA, Rodrigo da Silva. **Estamos sempre indo para casa (Breve análise do “Inferno provisório”, de Luiz Ruffato)**. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010.

CHEZZI, Maria Angela. **Tradurre Luiz Ruffato tra variazione sociolinguistica e regoli editoriali**. Lecce: Università del Salento, 2012.

DE FAULTRIER-TRAVERS, Isaure. **L’Espace dans les contes de Luiz Ruffato**. Paris: Université Paris IV - Sorbonne, 2010.

DEBORTOLI, Solange Fernandes Barrozo. **A (des)construção narrativa como forma de representação da sociedade do espetáculo em “Eles eram muitos cavalos”, de Luiz Ruffato**. Erechim: Universidade Regional do Alto Uruguai e das Missões, 2011.

DELGADO, Gabriel Estides. **A negociação social do espaço em “Inferno provisório”, de Luiz Ruffato**. Brasília: Universidade de Brasília, 2014.

EBLE, Laeticia Jensen. **Imagens convergentes: os anônimos de Oswaldo Goeldi e Luiz Ruffato**. Brasília: Universidade de Brasília, 2011.

FERREIRA, Terezinha Perini. **Caótica unidade: a narrativa de Luiz Ruffato em “Eles eram muitos cavalos”**. Três Lagoas: Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2009.

FRADE, Renata Loureiro. **Literatura e mercado editorial no Brasil (Dos anos 90 à atualidade)**. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

FRETTA, Cristiano. **A relação forma literária e sociedade em “Eles eram muitos cavalos”, de Luiz Ruffato**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

FRITZEN, Gecielli Estefânia. **Uma leitura dos modos de vida e do trabalho fabril no romance “De mim já nem se lembra”, de Luiz Ruffato**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

GAMA, Vítor Castelões. **Laurence Sterne e Luiz Ruffato: convergências/divergências**. Brasília: Universidade de Brasília, 2018.

GAZOLA, Paula Regina Filgueiras. **Um flâneur contemporâneo: a degradada paisagem humana em “Eles eram muitos cavalos”**. Juiz de Fora: Centro de Estudos Superiores, 2014.

LOBO, Rosana Corrêa. **Amores expressos: narrativas do não-pertencimento**. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2010.

LUIZ, Fabiano Mota. **Presente contínuo: reflexões sobre a serialização do inacabável**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017. **MESTRADO EM ARTES**

MACHADO, Valéria Aparecida de Sousa. **O eu e o outro na violência do assalto: vozes e olhares que (re)velam no espaço do texto**. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica, 2009.

MACIEL, Maria Lucia Souza. **O processo de invenção ficcional em “Eles eram muitos cavalos”**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2015.

MATIAS, Ligia Borges. **Investigações acerca do uso da narrativa no teatro contemporâneo**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2018. **MESTRADO EM ARTES CÊNICAS**

MEDEIROS, Marco Aurélio Pinheiro de. **O labirinto dos eus cambiantes: a questão da identidade em “Eles eram muitos cavalos”, de Luiz Ruffato**. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2007.

MELO, Carlos Palácios Carvalho da Cunha e. **Ficção, realismo e verdade: caminhos da literatura brasileira no século XXI**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

NAKAMURA, Larissa Lacerda. **A profissionalização do escritor: entre a literatura e o mercado**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2018.

OLIVEIRA, Carolina. **A experiência do sujeito migrante no mundo contemporâneo: uma leitura de “Estive em Lisboa e lembrei de você”, de Luiz Ruffato**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2014.

OLIVEIRA, Giovana Paula Santiago de. **Silêncio e som: O discurso do trabalho em obras de Drummond e Ruffato**. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.

OUROS, Emily Cristina dos. **A contramão da realidade: ideologia e vida social em “O ataque” e em “Frontal com fanta”**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017.

PAULA, Simone Silva de. **A cidade fera, quem poderá olhar-te nos olhos?** Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

PEREIRA, Rita Gabrielli. **Ruínas no discurso, discurso em ruínas e o trabalho de Sísifo: considerações sobre a categoria da crítica literária a partir de “Dois Irmãos”, de Milton Hatoum, e “Eles eram muitos cavalos”, de Luiz Ruffato**. Belo Horizonte, Pontifícia Universidade Católica, 2015.

PINTO, Silvânia Aparecida Vicentini. **Um olhar sobre a obra “De mim já nem se lembra”, de Luiz Ruffato**. Juiz de Fora: Centro de Ensino Superior, 2014.

RICARDO, Marcela. **Figuratividade e veridicção em contos de “A cidade dorme”, de Luiz Ruffato**. Franca, Universidade de Franca, 2020.

RIGUETTO, Ingrid Zanata. **Uma nova forma de narrar a história: a renovação do romance histórico em Luiz Ruffato**. São José do Rio Preto: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2016.

ROBERTI, Lêda do Nascimento Rosa. **As utopias geraes nas Minas de Ruffato**. Juiz de Fora: Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, 2005.

RODRIGUES, Michele Pereira. **O cronismo de Luiz Ruffato no El Pais: narrativas de resistência e engajamento**. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2018.

MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

RODRIGUES, Reginaldo de Souza. **“O mundo inimigo”. Inferno provisório vol. II, de Luiz Ruffato: a representação dos trabalhadores das páginas para as telas**. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 2020.

ROSATI, Luiz Alfredo Reis. **Ficções brasileiras atuais: literatura e realidade**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

RUIZ, Melissa Salinas. **O trabalho feminino na atualidade: perspectivas a partir do conto “Sorte teve a Sandra”, de Luiz Ruffato**. Cascavel: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2018. **MESTRADO EM SOCIEDADE, CULTURA E FRONTEIRAS**.

SANDRINI, Paulo Henrique da Cruz. **Que romance é este? Uma análise estético-sociológica de “Eles eram muitos cavalos”, de Luiz Ruffato**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2007.

SANTOS, Estela Pereira dos. **Manifestações de violência(s): um estudo comparativo entre “Não verás país nenhum”, de Ignácio de Loyola Brandão, e “Eles eram muitos cavalos”, de Luiz Ruffato**. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2018.

SANTOS, João Guilherme Dayrell de Magalhães. **O Sensível Cinemático: des-montagens em “Eles eram muitos cavalos”, de Luiz Ruffato**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

SANTOS, Maria do Carmo de Oliveira Moreira dos. **Imagens urbanas: uma leitura dos signos da cidade contemporânea no espaço narrativo de João Antônio e Luiz Ruffato**. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2003.

SCARAGGI, Elisa. **O avesso do avesso. Una letteratura di São Paulo**. Bologna: Università di Bologna, 2013.

SILVA, Amanda Trindade Martins da. **Estilhaços da cidade: Uma leitura de “Eles eram muitos cavalos”, de Luiz Ruffato**. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2017.

SILVA, Franciele Queiroz da. **Fragments de um escritor: Ruffato em perspectiva(s)**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2012.

SILVA, Gisele Menezes da. **A cidade e o caos: uma leitura do contemporâneo**. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2009.

SILVA, Lucas Neiva da. **A interação entre literatura e cinema no espaço ficcional da Cataguases de Luiz Ruffato: uma proposta de letramento literário e ampliação de repertório**. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2019.

SILVA, Luciana Lima. **Recriação, fragmentação e unidade em “Eles eram muitos cavalos”, de Luiz Ruffato**. Campinas: Universidade de Campinas, 2017.

SILVA, Marcela Ferreira da. **Ficção em trânsito: configurações do urbano na narrativa de Luiz Ruffato**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2013.

SILVEIRA, Carolina Nalon. **O escritor como autor de si mesmo: Luiz Ruffato na imprensa**. Juiz de Fora: Centro de Estudos Superiores, 2017.

SILVESTRE, Ingra Cristina Gomes. **Aspectos da outridade excluída em Eles eram muitos cavalos e O livro das impossibilidades, de Luiz Ruffato**. Goiânia, Universidade Federal de Goiás, 2016.

SOARES, Raoni Damiano. **Recordação e esquecimento em “Inferno provisório”: Volume I: Mamma son tanto felice, de Luiz Ruffato**. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto, 2017.

SOUSA, Camila Galvão. **Personagens em trânsito: do trabalho à volta ao lar em “O mundo inimigo” (2005), de Luiz Ruffato**. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2017.

SOUSA, Francisco Elieudo Buriti de. **Os fragmentos do real em “Eles eram muitos cavalos”, de Luiz Ruffato**. Porto Velho: Universidade Federal de Rondônia, 2015.

TRAJANO, Roberta Torres. **Sujeitos em trânsito: espaços urbanos em “Eles eram muitos cavalos”, de Luiz Ruffato**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.

VETRUGNO, Ludovica. **“Água parada”, de Luiz Ruffato: análise de uma tradução.** Lecce: Università del Salento, 2019.

VIEIRA, Gabriel Carrara. **Autonomia e referencialização em “Eles eram muitos cavalos”, de Luiz Ruffato.** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

XAVIER, Maria do Carmo Dias. **A cidade como palco da (des)construção da subjetividade no romance “Eles eram muitos cavalos”.** Juiz de Fora: Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, 2010.

ZAMBERLAN, Lucas. **A velocidade e a simultaneidade na configuração fragmentada da urbe em “Eles eram muitos cavalos”, de Luiz Ruffato.** Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2014.

ANEXO B – TESES DE DOUTORADO

AIRES, Leomaris Wunderwald. **Diálogos entre cinema e literatura: o caso da adaptação de Estive em Lisboa e lembrei de você.** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

BARBOSA, Cátia Valério Ferreira. **Representações da realidade em romances brasileiros contemporâneos: A literatura da angústia.** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

BARRETO, Francismar Ramírez. **Uma fábula no compasso da História: estudo para “Inferno Provisório” em seis atos.** Brasília: Universidade de Brasília, 2012.

BORDINI, Maria Isabel da Silveira. **Luiz Ruffato e o romance proletário no Brasil.** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2019.

BUSTAMENTE-VERAS, Paula Andrea. **A cidade fictiva: visões e mundos da cidade em contos contemporâneos brasileiros, chilenos e portugueses.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

CAMPOS, Gleidston Alis Mendes de. **Mosaicos, hiperlinks e outras dispersões: considerações sobre “Eles eram muitos cavalos”, de Luiz Ruffato, e “Ó”, de Nuno Ramos.** Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2019.

CARBONERA, Ildo. **Trajetórias da narrativa ítalo-brasileira Dove è la cuccagna?** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

CASTRO, Márcia Carrano. **A construção do literário na prosa narrativa de Luiz Ruffato.** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

CERQUEIRA, Rodrigo da Silva. **Um escritor excepcional, uma obra de exceção: o “Inferno provisório” e as movimentações de Luiz Ruffato no campo literário brasileiro.** Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016.

COUTINHO, Ilmara Valois Barcelos Figueiredo. **Margens limiars da prosa contemporânea: a poética do fragmento em “Eles eram muitos cavalos”, de Luiz Ruffato, e “Ó”, de Nuno Ramos.** Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2014.

FILGUEIRAS, Virgínia Aparecida Ramos. **A migração do operário cataguasense em “Inferno provisório”.** Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2016.

HAUCK, Marcelo Antônio Ribas. **Migrações geográficas e textuais em “Inferno Provisório”, de Luiz Ruffato.** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

KONZEN, Paulo César. **Ficções visíveis: diálogos entre a tela e a página na ficção brasileira contemporânea.** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

LOBO, Rosana Corrêa. **“Inferno provisório”: representações do Brasil fora da ordem e do progresso.** Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2014.

MELO, Cimara Valim de. **O lugar do romance na literatura brasileira contemporânea.** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

MENDES, Marco Aurélio de Sousa. **A personagem em Fernando Cesário, Luiz Ruffato e Ronaldo Cagiano: alteridade e desenraizamento em três universos.** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

OLIVEIRA, Gislei Martins de Souza. **Aporias do tempo em “Inferno Provisório”, de Luiz Ruffato.** Assis: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2018.

OLIVEIRA, Marcos Vinícius Ferreira de. **A Ruína e a Máscara: as contradições da modernização conservadora em “Inferno Provisório”, de Luiz Ruffato.** Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011.

POKULAT, Luciane Figueiredo. **A “história a contrapelo” no painel romanesco de “Inferno provisório”: da fábula da migração à fábula do (des)enraizamento.** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

RIGUETTO, Ingrid Zanata. **Heróis efêmeros: uma análise de “Inferno provisório”, de Luiz Ruffato**. São José do Rio Preto: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2020.

SANTOS, Carolina Barbosa Lima e. **O realismo prismático da obra de Luiz Ruffato**. Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2019.

SILVA, Cristina Maria da. **Rastros das Socialidades. Conversações com João Gilberto Noll e Luiz Ruffato**. Campinas: Universidade de Campinas, 2009. **DOUTORADO EM ANTROPOLOGIA**

SILVA, Daniele Cristina da. **A poética palimpséstica de *Inferno provisório*, de Luiz Ruffato**. Tangará da Serra: Universidade do Estado de Mato Grosso, 2020.

SILVA, Marcela Ferreira da. **Sob os signos do trânsito: o espaço da solidão na narrativa de Luiz Ruffato**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019.

SILVA, Wellington Augusto da. **O desmanche em “Inferno provisório”**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

SOUZA, Catharina Epprecht Pereira de. **O amor pós-utópico na coleção Amores expressos: afetividade e ética na literatura brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro; Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2015.

STAUDT, Sheila Katiane. **Retratos urbanos em romances brasileiros do século XXI: uma leitura de “Eles eram muitos cavalos”, “O fotógrafo” e “Satolep”**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.